



TE AMO CAROL



KATIA
LIBERDADE

O DIREITO DO OLHAR

PUBLICAR PARA REPLICAR





PETROBRAS
apresenta

O DIREITO
DO OLHAR
PUBLICAR PARA REPLICAR

O DIREITO DO OLHAR

PUBLICAR PARA REPLICAR

Organização Flávia Rahal
Isadora Fingermann
Luciana Zaffalon Leme Cardoso
Luís Guilherme Vieira
Roberto Garcia

Edição Carolina Godefroid
Marília Scalzo

Direção de arte e projeto gráfico Carolina Godefroid

Textos Marília Scalzo

Entrevistas Camila Prado

Fotografia Candice Japiassu
Carolina Godefroid
Fernando Megale

Foto da capa Carolina Godefroid

Tratamento de imagens Alexandre Fortunato

Supervisão Gráfica paulo_fritz@hotmail.com

Impressão Intergraf Indústria Gráfica Ltda.



Este livro foi selecionado pelo PROGRAMA PETROBRAS CULTURAL



Ministério da Cultura



ESTE LIVRO REÚNE POEMAS, CONTOS, DESENHOS, FOTOGRAFIAS. São trabalhos que participaram de um concurso realizado em 2005, o Direito do Olhar, e que foram contemplados com prêmios e menções honrosas e, depois, selecionados para uma exposição. Enfim: trabalhos artísticos que foram inscritos, examinados, selecionados, premiados, como é habitual em iniciativas desse tipo.

E, no entanto, O Direito do Olhar tem um diferencial específico: essas obras foram criadas por presas – adultas e adolescentes – e agentes carcerárias do sistema prisional de São Paulo. Criado pelo Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD), o projeto chega ao final de sua primeira etapa com a publicação deste livro, agora com o título de O Direito do Olhar – Publicar para Replicar. Além de trazer as obras premiadas, este volume conta todo o processo do concurso, com a proposta de que ele seja divulgado e reproduzido.

O projeto do livro O Direito do Olhar – Publicar para Replicar foi contemplado pelo processo de seleção pública do Programa Petrobras Cultural, no segmento de Educação para as Artes, que entre seus objetivos visa desenvolver, através dos fazeres artísticos, a capacidade criadora e a noção de pertencimento à sociedade.

Maior empresa brasileira, a Petrobras é também a maior patrocinadora das artes e da cultura em nosso país. Essa atuação na área cultural é parte das ações com que a Petrobras exerce sua responsabilidade social. Obedecendo a parâmetros rígidos, respeitando diretrizes rigorosas e desenvolvendo seu Programa Cultural com total transparência, a Petrobras não apenas patrocina a criação, o restauro e a preservação de obras de arte por todo o país. Também dá ênfase a iniciativas que propiciem a democratização do acesso à cultura e que potencializem as artes como instrumento de inserção social e de fortalecimento da cidadania.

Bom exemplo dessa política é o patrocínio da Petrobras a O Direito do Olhar – Publicar para Replicar, que viabiliza a produção e distribuição deste material. Oxalá essa experiência realizada em São Paulo se multiplique em outras unidades prisionais do Brasil.

PETROBRAS

{prefácio * GILBERTO GIL}

“O DIREITO DO OLHAR – PUBLICAR PARA REPLICAR” REVELA OS CAMINHOS e resultados do projeto “O Direito do Olhar” que, em 2005, realizou um concurso e levou a arte e a cultura para dentro de presídios e internatos femininos da capital paulista. Componentes da cidadania e do desenvolvimento, arte e cultura são também elementos de inclusão social e de oportunidade de acesso e crescimento para populações excluídas. Levá-las para dentro de presídios é, portanto, usá-las como instrumentos de socialização. O contato com a arte e cultura recupera a autoestima e a dignidade das populações que habitam nossas cadeias e cria chance efetiva de recuperação. Nesse sentido, projetos como este podem promover a reversão de situações de vulnerabilidade e gerar verdadeiras redes de atendimento e promoção social.

Mesmo no contexto de exclusão total que vigora dentro das prisões, em que as pessoas lutam para ter as condições de vida mais elementares, não se podem esquecer as demandas humanas mais complexas, ligadas à vida e à existência simbólica.

Para além da mais imediata e flagrante função estética, arte e cultura revelam como as comunidades reagem aos perversos isolamentos impostos pela tradição excludente de nossa formação social. As práticas e valores culturais fortalecem o enraizamento comunitário e o sentido de pertencimento, fortalecendo laços sociais.

Só a combinação no atendimento tanto de necessidades materiais como culturais a quem precisa pode gerar uma sociedade mais fortalecida e emancipada, favorecendo grupos que ficaram de fora de processos de crescimento e desenvolvimento.

O sucesso e as repercussões deste projeto desenvolvido pelo Instituto de Defesa do Direito de Defesa, IDDD, mostram que o caminho escolhido é certo e que há necessidades que precisam ser atendidas nesse setor. Conhecer os detalhes do projeto “O Direito do Olhar” permite replicá-lo em várias partes do país e dar à população carcerária de outros estados a oportunidade de também desfrutar de seus benefícios.

O Brasil tem uma cultura rica e plural, reconhecida no mundo inteiro, e dívidas sociais históricas a resgatar. Arte e cultura geram autoestima e desenvolvimento. Incluem os excluídos. E ajudam a construir um país.

Gilberto Gil, compositor e cantor, foi ministro da Cultura (2003-2008).





{FLÁVIA RAHAL * *presidente do IDDD*}

na Defesa O Instituto de Defesa do Direito de Defesa, IDDD, é uma instituição da sociedade civil sem fins lucrativos, idealizada pelo advogado Márcio Thomaz Bastos e fundada, em 2000, por um grupo de advogados dedicados, em sua grande maioria, à advocacia criminal e que sentia no cotidiano de sua profissão a necessidade de fortalecer o direito de defesa. A vivência de cada um desses profissionais em seus escritórios fez nascer a percepção clara de que não se faz Justiça sem uma defesa eficiente, combativa e, principalmente, respeitada, o que estava se tornando cada vez mais raro de existir.

O IDDD nasce, então, com a missão precípua de defender o direito de defesa, atuando todas as vezes e em todas as situações nas quais haja violação ao seu exercício, assim agindo tanto na disseminação ideológica de seus valores – como o respeito aos direitos individuais, à presunção de inocência, à efetividade da Defesa – quanto na ação prática de tentar levar para quem não tem acesso à Justiça a possibilidade de ter um defensor que o represente e de fato o defenda, como exige a Constituição da República Federativa do Brasil.

O discurso do endurecimento penal, que busca de forma simplista e popularisca um maior rigor pelo aumento das penas, ignora as falhas que maculam a Justiça, não vê e não quer ver a podridão que caracteriza o sistema carcerário brasileiro e não leva em conta a ineficiência estatal na proteção do cidadão contra o qual pesam questões criminais.

É para esse indivíduo que as ações do IDDD se voltam: para essa indefesa pessoa que sente a força da vingança estatal, nas situações em que sua voz fica esquecida e abafada pelo peso de uma acusação que ganha eco na opinião pública.

A fala do IDDD coloca-se na contramão do que quer e do que pretende a maioria, porque não nos importa para onde correm as águas (não raro poluídas pelo preconceito), para onde se levantam as vozes dos justiceiros, para onde apontam os julgadores de plantão. A quem atua na defesa do direito de defesa importa dar voz e dignidade a quem precisa se defender para que o

faça com os recursos e instrumentos previstos em lei.

Não nos importa, ao contrário, nos preocupa, a opinião publicada, a propagação indiscriminada de culpas, a busca incessante para que se apontem rapidamente os culpados, aplacando-se então a fúria coletiva levantada pelo grito da impunidade.

Ao IDDD importa o respeito aos direitos individuais, a convivência civilizada em sociedade, que pressupõe o respeito ao direito do outro, preso ou em liberdade, culpado ou inocente, e a realização de uma Justiça válida e eficiente. Lutamos para que cada indivíduo possa se fazer ouvir e respeitar, não importando as acusações que pesem contra ele, o que simbolize ou como seja apontado.

Esse é o trabalho do Instituto de Defesa do Direito de Defesa articulado em várias frentes – sempre buscando cumprir a missão para o qual foi criado. Por isso nos preocupamos em olhar para quem se encontra privado de sua liberdade, de sua dignidade e de sua condição de pessoa humana. Por

isso nos ocupamos no projeto “O Direito do Olhar”, em ver arte e possibilitar que ela fosse produzida por quem estava lá, atrás das grades. Nos preocupamos em perceber e sentir aquelas mulheres e moças presas e vê-las como pessoas.

Nessa mesma linha, temos levado livros para quem está naquelas condições. Temos levado conhecimento às escolas públicas para que os jovens e adultos saibam quais são, como são e para que valem seus direitos e o que significa, em suas vidas, o direito de defesa – seu ou do outro. O IDDD atua, ainda, para que a cobertura jornalística sobre casos criminais seja inspirada nos direitos individuais, precipuamente o de defesa e da presunção de inocência; para que a cada um seja dado atuar no que deve atuar, deixando ao Judiciário o papel de julgar, e à imprensa o de informar.

Por outro lado, os sócios do IDDD exercem o direito de defesa de quem não tem defensor: pelos convênios com a Defensoria Pública do Estado de São Paulo, representamos nos Tribunais do Júri quem não tem condições de ter um advogado. Lutamos para que os absolvidos sejam logo colocados em liberdade; para que os que venham a ser presos saibam por que estão sendo presos e do que são acusados. Enfim, cumprimos, já que o Estado não cumpre, o que já está inscrito, desde 1998, na Carta Cidadã, tendo como contrapartida a isso apenas e tão somente a implementação de nossos ideais.

É no debate de ideias, na propositura de ações, no exercício do direito de defesa que o IDDD realiza seus sonhos: como este, que agora se concretiza com a publicação do livro “O Direito de Olhar: Publicar para Replicar”. Foi olhando para a população carcerária que ele nasceu e com a proposta de que se continue a olhar e cuidar dela que o IDDD tomou para si o desafio de realizar um projeto cultural tão bonito e tocante, que vem lindamente refletido nas páginas deste livro.

Flávia Rahal é advogada criminal.





{LUÍS GUILHERME VIEIRA * *diretor cultural do IDDD*}

arte Pela arte, parida a fórceps pelas meninas e mulheres do sistema penitenciário da capital paulista – incluindo a elaborada pelas guardas, que, em liberdade, com elas cumprem “pena”, em serviço difícil e de nenhum reconhecimento social, infelizmente
na –, mostra-se à sociedade que nas masmorras existem pessoas, que reclamam respeito. Afinal, o princípio da dignidade da pessoa humana não é privilégio reservado àqueles que soltos vivem. Ou pensam que assim estão, embora se encontrem trancafiados no silêncio
cadeia de suas solidões. A prisão jamais demonstrou a que veio. Ela não tem função. Serve, tão só, como depósitos humanos e são, entre paredes

e grades apertadas e enferrujadas, um estúpido instrumento repressor do Estado no carcomido mundo moderno. Presas, párias da sociedade, não votam. Ouvir suas vozes é perder tempo, falam os imorais. Os que não têm consciência. Ou têm, mas não a utilizam.

Prender é jogar para debaixo do tapete um problema que deixa latente o fracasso social. Sem diminuirmos o abismo que separa a maioria da população alijada da economia, do consumo, da dignidade, nada terá fim. Precisamos oferecer trabalho, escola, saúde pública, moradia etc. Incluir os excluídos, chamar às falas os incluídos, pois a sociedade está tão partida, parafraseando Zuenir Ventura, que não conseguimos colar seus cacós.

Crime não é aquele cancro que só dá no vizinho. Ele ocorre em nossos lares. Imaginar diferente é não atuar como cidadão. É aguardar, sentado, que ele nos fira diretamente, para que tenhamos, aí, motivos para espernear.

É preciso pensar e reagir. Afinal de contas, como dizia Augusto Thompson¹: “quem são os criminosos?”. Aqueles que furtam em supermercados, que

*Salvemos o homem,
enquanto é tempo,
antes que seja tarde demais*

EVANDRO LINS E SILVA

¹Augusto Thompson (1931-2007), jurista, foi presidente do Conselho Penitenciário do Rio de Janeiro, professor de Direito Penal e Criminologia na Universidade Cândido Mendes e autor de diversos livros sobre o assunto.

consomem drogas, que corrompem os policiais de trânsito, que sonegam impostos, que emitem cheques sem fundos? Ou são, como pensam alguns, só os presos?

Segundo Cláudia Chagas, secretária nacional de Justiça entre 2003 e 2007, se o Judiciário continuar a encarcerar nas proporções que hoje ocorre, teremos, em 2010, 500 mil presos! Hoje, temos cerca de 450.000 homens e mulheres “enjaulados”. Isto sem considerar aqueles que nunca têm seus crimes descobertos, nem as centenas de milhares de mandados de prisão que estão por ser cumpridos. Se incluídos, em 2010, teríamos, então, cerca de 1,5 milhão a 2 milhões de presos, ou mais.

Como não há, ainda, forma de bani-la, temos de ter consciência de que a cadeia deve ser reservada para casos excepcionais. Ela não deve servir, como vem acontecendo, para expiar a culpa de uma sociedade hipócrita e egocêntrica. O Estado tem grande responsabili-

de no trato dessa questão, mas deixa a desejar. E como!

Sonhar com a paz social não é utopia. Lembrar que a paz, nos versos do ex-ministro Gilberto Gil, “fez do mar a revolução”. A paz, como o mar revolto, virá como consequência de sonhar um sonho, que não é impossível. Ela há de ser uma realidade entre os povos, a acalantar nosso ser.

As meninas e as mulheres privadas da liberdade na Pauliceia, bem como as guardas, dão uma forte demonstração de que é possível, em primeiro lugar, por intermédio do concurso e exposição “O Direito do Olhar” e, em segundo, por intermédio do livro “O Direito do Olhar – Publicar para Replicar”, que, por distinção de meus pares, me coube apresentar, ecoar um grito de alerta. Com esse grito mudo, essas excluídas, por meio de seus desenhos, fotografias, contos e poesias, denunciam, sem maquiagem, que sentem a paz e desejam ser vistas como pessoas humanas.

Com a palavra, cada leitor, que, esperamos, se deixe tocar pelo grito silencioso da arte das sem-liberdade da cidade e estado de São Paulo. E, assim, flutuando no imaginário coletivo, notar que podemos, juntos, fazer alguma coisa por elas e pela paz. Para que nunca mais!

Luis Guilherme Vieira é advogado criminal.



²A exposição, lançada no Instituto Tomie Ohtake em 19 de dezembro de 2005, foi, posteriormente, posta à visitação no Conjunto Nacional (dezembro 2005 e janeiro de 2006); na estação República de metrô, de 10 a 31 de maio de 2006; nas seccionais da OAB/SP em Jundiaí, de 23 de outubro a 17 de novembro de 2006; e em São Bernardo do Campo, de 17 de novembro a 17 de dezembro de 2006. Uma “curiosidade” é importante registrar: no Fórum Criminal Ministro Mário Guimarães, na Barra Funda (SP), um vândalo, para falar o menos, grafou, com letras garrafais, numa das fotografias expostas – aliás, uma das premiadas –, o substantivo feminino “puta”, numa clara demonstração de que os que visitam o Judiciário brasileiro, independentemente do motivo, têm muito o que aprender, e essas crianças, mulheres e guardas têm muito a nos ensinar. Enfim, todos temos muito a fazer. Mãos à obra.

{ POPULAÇÃO PENITENCIÁRIA DO PAÍS }

409.548

HOMENS 385.480
MULHERES 24.068

REGIME FECHADO	REGIME SEMIABERTO	REGIME ABERTO	MEDIDA DE SEGURANÇA	PROVISÓRIO
Homens: 162.306 Mulheres: 10.171 Total: 172.477	Homens: 60.044 Mulheres: 3.668 Total: 63.712	Homens: 18.287 Mulheres: 1.590 Total: 19.877	Homens: 3.382 Mulheres: 586 Total: 3.968	Homens: 141.461 Mulheres: 8.053 Total: 149.514

Total geral de presos no sistema de polícia: 469.807

PERCENTUAL DE MULHERES PRESAS NO TOTAL DA POPULAÇÃO CARCERÁRIA



CUMPRIMENTO DE PENA**

25% das **MULHERES** estão presas no sistema de polícia

13% no universo **MASCULINO** o percentual cai

Apesar de representarem um percentual pequeno da população carcerária do Brasil – o que faria supor uma maior viabilidade de gozarem de condições mais adequadas –, **25% das mulheres cumprem pena em local inapropriado, enquanto 13% dos homens estão nessa mesma condição.**

No sistema de polícia, que não é o adequado ao cumprimento de pena, as presas não têm como estudar ou trabalhar. Por consequência, são prejudicadas, pois não podem fazer jus à remição de pena. Além disso, nas delegacias e cadeias públicas, não há a presença de defensor público para dar a assistência judiciária preconizada na Constituição Federal.**

**Fonte: "Relatório Final do Grupo de Trabalho Interministerial - Reorganização e reformulação do sistema prisional feminino", do Governo Federal (dezembro de 2007)

{ PERFIL DAS MULHERES PRESAS *** }

Antes de serem presas, 66% das mulheres moravam com os filhos. Os homens, em sua maioria, viviam com a mãe ou cônjuge.

A guarda dos filhos é mais assumida pelas companheiras dos presos (86,9%) que pelos companheiros das detentas (19,5%). Há também um percentual expressivo de filhos sob a tutela de avós maternos (39,9%), o que indica que a criação dos filhos das detentas acaba recaindo mais sobre sua família que a do companheiro. O número de crianças em orfanatos (2,2%), presas (1,6%) e internas na Fundação Casa (0,9%) é significativamente maior que entre os homens.

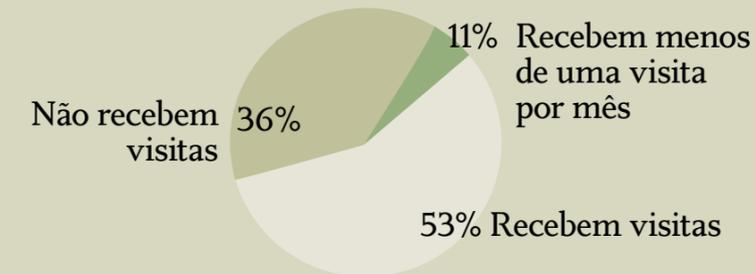
A maioria das mulheres é solteira (53,8%), 7,7% delas moravam sozinhas antes de serem presas (63% mais que entre os homens) e recebem menos de uma ou nenhuma visita, se comparado com a média. Apesar disso, 58,2% se lembraram de incluir a família entre os que mais recebem seus ganhos. Quase igual aos gastos pessoais (58,9%). A resposta

pode estar nos filhos deixados, já que 66,4% delas moravam com eles antes de serem presas e 82,1% têm pelo menos um filho.

Um número alto de mulheres não recebe visita (36,3%), especialmente se comparado com o de homens (29,2%) e do Regime Disciplinar Diferenciado, RDD, ou de segurança máxima (39,4%), o regime com mais obstáculos à visita. Somado a isso, 11% delas recebem visita menos de uma vez por mês, o maior número entre todos.

Nota-se aqui o fenômeno já mostrado anteriormente: a mulher, ao contrário do detento, é abandonada pelo companheiro (17,9% costumam ser visitadas pelo companheiro contra 65,2% dos homens). O apoio maior vem dos filhos (47,7%, mais que o dobro do universo masculino) e da mãe (47,1%). É também significativa a presença de amigos (11%, o dobro dos homens) e netos (4,5%, dez vezes mais que os homens).

RECEBIMENTO DE VISITAS NAS PENITENCIÁRIAS FEMININAS



DESTINAÇÃO DE GANHOS

73% dos **HOMENS** afirmam que gastam consigo

58% das **MULHERES** afirmam que gastam com a família

***Fonte: Censo demográfico com Perfil do Preso no Estado de São Paulo (<http://www.sap.sp.gov.br/>)



*Leonilda Ferreira de Almeida
desenha durante oficina realizada
no Hospital de Custódia
e Tratamento Psiquiátrico*

FOTO: FERNANDO MEGALE

O PROJETO O DIREITO DO OLHAR

projeto do concurso “O Direito do Olhar” nasceu inspirado em uma série de iniciativas que puseram arte e cultura dentro dos presídios. “Desde que conheci, nos idos de 1980, projetos que levavam a arte para as unidades prisionais, venho acalentando a ideia de que é possível mostrar, por meio da arte, para a população em geral e para as autoridades, que por trás das grades existem pessoas que precisam ser respeitadas enquanto cidadãos”, conta Luís Guilherme Vieira, advogado e diretor cultural do Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD).

Para o IDDD, trabalhar com arte era também uma tentativa de atingir um público maior. “Queríamos ampliar o universo – além do universo jurídico e dos direitos humanos –, e por isso tentamos, por meio da arte, alcançar um público novo, sensibilizar novas pessoas com uma bandeira que já defendíamos há bastante tempo”, diz Luciana Zaffalon Leme Cardoso, coordenadora do projeto e do instituto. Para Dora Cavalcanti Cordani, na época presidente do IDDD, o projeto dialoga com os ideais do instituto e consegue sensibilizar mais pessoas para seus objetivos. “Acho que foi o primeiro projeto que tivemos que mexeu com a emoção e não com a razão”, lembra. “E, ao mesmo tempo, canalizou atenções para a questão das presas mulheres.”

A questão de gênero dentro dos presídios já era sentida como problemática pelos membros do instituto. Nos mutirões¹ realizados pelo IDDD nas penitenciárias, constatava-se a discriminação. O concurso foi também uma maneira de despertar a opinião pública e os responsáveis pela criação de políticas públicas para esse problema.

Para o IDDD, as penas privativas de liberdade representam uma solução equivocada para um problema que evidencia o fracasso social. Os crimes, em sua maior parte, refletem um cenário em que a maioria da população está afastada da economia, do consumo e de direitos fundamentais, como saúde, educação, cultura e dignidade.

Por outro lado, como afirma Luciana, “no sistema jurídico brasileiro, os condenados a penas privativas de liberdade não deixam de ser considerados como pessoas e assim legitima-se a invocação, em seu benefício, do respeito a seus direitos fundamentais, dentre os quais o direito amplo à cultura e educação”. Ela lembra, no entanto, que a realidade do sistema prisional frequentemente ignora esses direitos, e o problema é especialmente grave nos cárceres femininos. Isso fica demonstrado quando se constata que os estabelecimentos onde

¹ Mutirões: visitas de advogados e estagiários a estabelecimentos prisionais com a finalidade de examinar os prontuários de todos os presos(as) e verificar a possibilidade de correção de eventuais ilegalidades no cumprimento de penas privativas de liberdade.





FOTO: FERNANDO MEGALE

PREMIADAS

NOME	UNIDADE	CATEGORIA
A.N., C.A.J. e T.T.S. - equipe	Internato Parada de Taipas	Desenho
Andréia Simões Gomes	HCTP	Literatura
Andria Raquel Dias Ferreira	Penitenciária Feminina da Capital	Desenho
Beatriz Dantas	Penitenciária Feminina do Butantã	Literatura
C.L.C.	Tulipa	Desenho
Claudilaine Dias da Silva	Penitenciária Feminina da Capital	Literatura
E.V.S.	Internato Feminino Mooca	Literatura
Elisângela Fabiana Gamboa Virtuoso	Penitenciária Feminina do Butantã	Desenho
J.F.S.S.M.	Internato Parada de Taipas	Desenho
Leonilda Ferreira de Almeida	HCTP	Desenho
Lina Verônica Soria Zapponi	Penitenciária Feminina da Capital	Fotografia
Lourdes Helena Moreira	Penitenciária Feminina do Tatuapé	Literatura
L.B.	Penitenciária Feminina do Butantã	Desenho
Marcia Ferreira Guimarães	Penitenciária Feminina da Capital	Fotografia
R.S.F.	Internato Parada de Taipas	Fotografia
Roseli da Silva	HCTP	Fotografia
T.N.O.	Internato Feminino Mooca	Fotografia
V.F.P.B.	Internato Parada de Taipas	Literatura
Yun Hee Chu	Penitenciária Feminina do Tatuapé	Fotografia

MENÇÕES HONROSAS

A.B.S.S.	Internato Parada de Taipas	Fotografia
A.P.D.	Internato Feminino Mooca	Literatura
Cristina Dias	Penitenciária Feminina da Capital	Fotografia
D.R.F.	Internato Feminino Mooca	Fotografia
D.S.A.	Internato Feminino Mooca	Literatura
Domingas Heidrodo Souza Silva	Penitenciária Feminina do Tatuapé	Fotografia
E.M.	Internato Feminino Mooca	Literatura
E.R.	Internato Parada de Taipas	Literatura
F.P.A.O.	Internato Parada de Taipas	Literatura
Gilene de Albuquerque	Penitenciária Feminina do Tatuapé	Fotografia
Laire Luciana Santos	Penitenciária Feminina do Tatuapé	Literatura
Maria Lucia da Silva	Penitenciária Feminina da Capital	Literatura
Patrícia Cheryl Dewitt	Penitenciária Feminina da Capital	Desenho
R.G.F.S.	Internato Feminino Mooca	Fotografia
T.C.B.R.	Internato Parada de Taipas	Literatura
Valéria C. N. Queiroz	Penitenciária Feminina do Butantã	Fotografia
Vanessa Lema Paredes	Penitenciária Feminina do Tatuapé	Fotografia
Vera Lucia Chagas de Oliveira	Penitenciária Feminina do Tatuapé	Fotografia
Verônica Espíndula Vaz	Penitenciária Feminina da Capital	Literatura

FUNCIONÁRIAS

PREMIADA

NOME	UNIDADE	CATEGORIA
Otilia Rodrigues Alves	UIP Chiquinha Gonzaga	Literatura

MENÇÕES HONROSAS

Maria Cristina Vallini	HCTP	Fotografia
Nilda Maria Cuneva	HCTP	Fotografia
Sonia Maria dos Santos	HCTP	Fotografia
Valdinet M. dos Santos Nascimento	HCTP	Fotografia

ficam presas as mulheres são, muitas vezes, antes usados como presídios masculinos e transformados em unidades femininas quando estão deteriorados.

Comumente, não há áreas de lazer e cultura nas cadeias e hospitais de custódia femininos. Nada de quadras desportivas ou bibliotecas. As mulheres, nos presídios paulistas, diferentemente dos homens, não têm direito a visitas íntimas (embora isso esteja previsto em lei). Muitas vezes, não é dado o direito à mãe presidiária de permanecer junto a seu filho após o parto, por falta de vagas em estabelecimentos especiais para esse fim. Em muitos casos, as internas dão à luz algemadas.

Essa situação é desconhecida da opinião pública e, frequentemente, tomada como natural pelo senso comum que tende a desconsiderar como direito um tratamento humanizado para mulheres presas.

O CONCURSO

Entre julho e dezembro de 2005, o IDDD idealizou e coordenou, em parceria com a Associação Novolhar, o concurso cultural “O Direito do Olhar”, nas categorias desenho, fotografia e literatura, envolvendo todos os estabelecimentos prisionais, unidades de internação e casas de custódia femininos da cidade de São Paulo (SP).

O concurso “O Direito do Olhar” começou como um projeto pequeno e foi crescendo durante seu desenvolvimento. Suas ações foram construídas

ao mesmo tempo em que o projeto era executado, a partir da reflexão e envolvimento da equipe do IDDD e dos demais parceiros.

A Bolsa de Arte do Rio de Janeiro deu o primeiro apoio financeiro e, assim que recebeu esse suporte, o IDDD apresentou a proposta à Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. O então secretário, Nagashi Furukawa, aderiu à ideia e deu “carta branca” para seu desenvolvimento. “A total cooperação do Executivo do estado de São Paulo foi extremamente importante”, lembra Luís Guilherme. Em julho de 2005, foi solicitada a autorização junto à diretoria dos estabelecimentos para divulgar o concurso, abrir inscrições e realizar oficinas.

O concurso foi realizado em todos os estabelecimentos prisionais femininos da capital paulista [veja lista na pág. 8]. O universo total de presas nessas unidades, na época, era de aproximadamente 3.700. Desse total, 680 mulheres e meninas inscreveram-se espontaneamente para participar. Entre as inscritas, foram selecionadas 120 participantes em cada categoria (fotografia, desenho e literatura), somando 360 mulheres. Além delas, até duas funcionárias de cada estabelecimento prisional podiam concorrer em cada modalidade. Ao envolvê-las, esperava-se criar um ambiente mais integrado e favorável à produção artística. O interesse das funcionárias em participar do concurso, entretanto, revelou-se muito menor do que se imaginava.



No alto, oficina de fotografia ministrada por Fernando Megale (de camiseta listrada), na Penitenciária Feminina do Butantã; acima, Luiz Mendes, que ministrou oficinas de literatura, e Esmeralda Ortiz, que dirigiu o primeiro documentário sobre o projeto; à direita, oficina de literatura na Penitenciária Feminina do Butantã



FOTOS: FERNANDO MEGALE

{O DIREITO DO OLHAR * o projeto}

Em seu desenvolvimento, o concurso aproximou do universo prisional representantes da sociedade civil, como as ONGs Associação Novolhar, Nova União da Arte e Projeto Aprendiz, além de expoentes de cada uma das modalidades, que atuaram como jurados em suas respectivas categorias. Seu envolvimento não tinha como objetivo único a viabilização do projeto, mas também sensibilizar essas pessoas para os problemas desse universo e para a possibilidade de desenvolver projetos culturais e artísticos como parte do percurso de cumprimento de pena dentro do sistema prisional brasileiro. Pelo mesmo motivo, dirigentes e funcionários das unidades prisionais foram envolvidos.

INSCRIÇÃO E SELEÇÃO DE PARTICIPANTES

Foi estabelecido que a direção das penitenciárias, hospitais e Fundação Casa (antiga Febem) não poderia intervir na seleção das participantes. Na primeira visita às unidades, foram distribuídas fichas de inscrição para todas as mulheres e meninas, que foram convidadas a participar e tiveram a chance de inscrever livremente, escolhendo a área que mais lhes interessava, entre desenho, fotografia e literatura (poesia e contos). “Fizemos um trabalho de divulgação da existência do concurso nas nove unidades envolvidas e, depois, a entrega de fichas de inscrição por número total de mulheres”, diz Luciana.

Devido às dificuldades na expressão e compreen-

são escrita de muitas das detentas e internas, os coordenadores do projeto preocuparam-se especialmente em orientar funcionárias das unidades prisionais para que as ajudassem e esclarecessem suas dúvidas quanto ao preenchimento das fichas de inscrição.

As fichas foram devolvidas, preenchidas, uma semana depois. A análise de seu conteúdo foi a base para a seleção das participantes. Entre as 680 inscritas foram selecionadas 120 participantes em cada categoria, somando 360 mulheres. A seleção foi feita por Luciana Zaffalon Leme Cardoso (coordenadora do IDDD), Beatriz Puccini (então presidente da Associação Novolhar) e a escritora e jornalista Esmeralda Ortiz. As fichas foram analisadas e selecionadas sem que houvesse critérios predefinidos. Histórico de envolvimento artístico, tempo de pena, lugar de nascimento, projetos anteriores, idade e o quanto as mulheres imaginavam que poderiam enriquecer-se pessoalmente com o concurso foram itens levados em consideração.

“O corte era doloroso porque estávamos falando de 3.700 presas e só tínhamos verba para contemplar 360. E a adesão voluntária chegou a 20% do total de presas. Foi um dos momentos mais sofridos do projeto”, recorda Luís Guilherme, “porque tivemos que fazer a exclusão da exclusão”. As selecionadas foram comunicadas por carta.



INSTITUIÇÕES QUE PARTICIPARAM

PENITENCIÁRIAS

- * Penitenciária Feminina da Capital
- * Penitenciária Feminina do Tatuapé
- * Penitenciária Feminina do Butantã
- * Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Professor André T. Lima
- * Centro de Atendimento Hospitalar à Mulher Presa

FUNDAÇÃO CASA (antiga Febem)

- * Unidade de Internação Provisória Chiquinha Gonzaga – UIP-3
- * Internato Feminino Mooca
- * Internato Parada de Taipas
- * Unidades de Semiliberdade Feminina (Azaleia, Miosótis e Tulipa)

OFICINAS E PRODUÇÃO DAS OBRAS

Em agosto de 2005, as oficinas foram agendadas junto às unidades prisionais e de internação. No dia da oficina, que durava cerca de três horas, a equipe responsável chegava com o material para as selecionadas que já estavam avisadas e esperando. A distribuição de material e as oficinas foram realizadas com a ajuda de parceiros. As oficinas de desenho foram ministradas pela ONG Projeto Aprendiz, a de fotografia pelo fotógrafo Fernando Megale, da Associação Novolhar, e a de literatura pelo escritor Hermes de Sousa, da Nova União de Arte (NUA), e pelo jornalista e escritor Luiz Mendes. Todos eles, voluntários, deram cursos livres e levaram materiais de referência que pudessem inspirar as participantes.

“Foi muito bacana porque havia uma movimentação diferente nas unidades no dia desses trabalhos”, lembra Luciana. “Tanto as presas como as funcionárias estavam envolvidas em um ambiente lúdico, em que a arte dava a tônica”, continua. As equipes que documentaram a realização das oficinas eram constituídas de presos, o que foi importante para o estabelecimento de um diálogo mais próximo com o público-alvo.

Durante as oficinas, as participantes preencheram outra ficha, mais detalhada do que a de inscrição. Elas receberam orientações e tinham a liberdade de não preencher alguns itens, como o relacionado ao crime que lhes era imputado. Essas informações

FOTO: CAROLINA GODEFRID

não foram passadas aos jurados e não foram consideradas para a premiação. Esse instrumento foi usado apenas para o IDDD poder guardar referências sobre as participantes.

Depois das oficinas, as participantes tiveram 15 dias para produzir e entregar os trabalhos.

DIREITOS AUTORAIS

Para expor e publicar posteriormente o material produzido para o concurso seria necessário ter autorização de suas autoras. O IDDD procurou o escritório de advocacia Villemor Amaral, que elaborou gratuitamente o contrato de cessão de direitos autorais. Nos dias das oficinas, o contrato foi lido e explicado para as participantes, para que nenhuma delas assinasse sem compreender do que se tratava, inclusive com tradução para as estrangeiras. O documento foi feito em duas vias, uma para o IDDD e outra para as autoras. Quem não assinasse o contrato poderia participar do concurso, mas seu trabalho não poderia ser exposto ou publicado.

SELEÇÃO DAS OBRAS VENCEDORAS

A seleção das vencedoras, com base em critérios artísticos, foi feita por um júri convidado, composto por expoentes nas diversas categorias de produção envolvidas no concurso. Eram eles:

Desenho: Daniele Camargo, Noélia Santos, do Projeto Portinari, e Ricardo Ohtake, do Instituto Tomie Ohtake.

Fotografia: os fotógrafos Ana Ottoni, Eduardo Muylert, Iatã Cannabrava, Juan Esteves e Paulo Santiago.

Literatura: o médico e escritor Drauzio Varella e os jornalistas Antonio Carlos Prado, Marilene Felinto e Marina Amaral.

Além dos vencedores nas três categorias, muitos trabalhos receberam menções honrosas.

PREMIAÇÃO

Não houve hierarquização e o número de premiações foi estabelecido a partir do número de prêmios disponíveis.

Fotografia: seis cursos profissionalizantes de fotografia e seis assinaturas de revista especializada.

Literatura: seis coleções de livros de contos e poesias brasileiros e seis assinaturas da revista Caros Amigos.

Desenho: nove cursos profissionalizantes de pintura e nove assinaturas de revista especializada.

A ideia original era fazer uma cerimônia de premiação simples. Seguindo a orientação do corpo de jurados, entretanto, que avaliou o material produzido como merecedor de um evento de maior porte, a cerimônia de premiação ganhou outros contornos. “O projeto nasceu de uma forma embrionária”, diz Luís Guilherme, “mas ganhou um tamanho que ninguém no início previa”.

No dia 19 de dezembro de 2005, a cerimônia aconteceu no Instituto Tomie Ohtake (gentilmente cedido para o evento), na capital paulista. As mulheres premia-

das e as que ganharam menções honrosas [veja na pág. 24] saíram dos estabelecimentos onde estavam presas e foram levadas para receber seus prêmios. Seus trabalhos foram expostos em painéis no hall do instituto.

Luís Guilherme ressalta a presença, no dia da entrega de prêmios, de duas ex-internas da Fundação Casa que já estavam em liberdade e compareceram ao evento acompanhadas dos pais. “Para mim, ficou patente naquele momento o quanto tinha sido importante para elas a oportunidade de ter essa janela para o mundo exterior quando já estavam à beira de poder voltar para casa”, diz Dora. “Todas as premiadas podiam ser enxergadas não como criminosas, mas como pessoas que merecem reconhecimento”, completa.

Depois da premiação, os coordenadores do concurso voltaram às unidades para entregar um exemplar da revista Carta Capital, cedido por especial empenho do editor Maurício Dias, com uma reportagem sobre o evento no Tomie Ohtake, para as participantes e presas que se inscreveram mas, por falta de vagas e verbas, não puderam participar. Foram entregues também para as participantes caleidoscópios – presente da advogada Sônia Cochrane Ráo, sensibilizada pelo concurso.

EXPOSIÇÕES E DOCUMENTAÇÃO

Depois da premiação, os trabalhos feitos para o concurso ganharam exposições no Conjunto Nacional², em sedes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB),

no interior de São Paulo, em estações de metrô e no Centro de Integração e Cidadania³. As obras permanecem à disposição para serem expostas com a intenção de ampliar o entendimento da realidade prisional no país e no exterior, além de chamar a atenção de gestores e da opinião pública para os problemas carcerários. “O projeto foi bem feliz em sua montagem final, na medida em que o uso dos painéis criou a possibilidade de fazer uma mostra itinerante”, diz Dora.

A Associação Novolhar, ONG que trabalha com produção de vídeos e programas de TV com crianças em vulnerabilidade social, documentou em vídeo, com a autorização da Secretaria de Administração Penitenciária e da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, ambas do estado de São Paulo, o desenvolvimento do concurso. Esse material também fez parte da exposição, vista por mais de 100 mil pessoas.

“Depois do concurso, tivemos desdobramentos”, conta Luciana. “Foi montada uma peça de teatro e feitos três trabalhos de conclusão de curso – Cinema, Serviço Social e Avaliação de Projetos Sociais – tendo como base ‘O Direito do Olhar’. Os desdobramentos deram uma potencialidade ainda maior ao projeto.”

“Outro desdobramento do projeto foi ter ampliado o horizonte das ações do IDDD”, diz Dora. “Percebemos que existe outra forma de motivar, comunicar e desmistificar a cara feia do direito de defesa por meio da arte.” Luís Guilherme complementa: “As presas,

meninas e guardas que participaram nos deram uma lição de cidadania. Conseguiram revolucionar uma ideia que nasceu pequena e se tornou muito grande”.

O projeto “O Direito do Olhar” recebeu, em 2005, moção de aplauso e congratulação do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária do Ministério da Justiça e menção honrosa do “Prêmio Betinho – Cidadania e Democracia”. Além disso, foi selecionado na edição 2006/2007 do Programa Petrobras Cultural, na área de Educação para as Artes, que privilegia a educação para e pelas artes, ajudando na criação de materiais para educadores e agentes culturais, possibilitando e incentivando seja ele replicado.

PATROCINADORES

A Bolsa de Arte do Rio de Janeiro ofereceu o patrocínio inicial, arcando com os custos do material para as oficinas e a revelação das fotos, além de patrocinar a premiação. A realização das oficinas foi cedida pelas ONGs parceiras (Associação Novolhar, Nova União

²Conjunto Nacional: condomínio e centro comercial na Avenida Paulista, região central de São Paulo, onde circulam diariamente cerca de 30 mil pessoas.

³Centro de Integração e Cidadania: programa da Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do governo de São Paulo que visa proporcionar acesso à Justiça, por intermédio de serviços públicos para a população e do incentivo à cidadania comunitária. Conta com dez postos fixos localizados em regiões periféricas da cidade de São Paulo.

de Arte e Projeto Aprendiz). O trabalho dos jurados e “oficineiros” também foi voluntário. Os custos com alimentação e transporte das equipes foram assumidos pelo IDDD. A Fundação Conrado Wessel forneceu os recursos financeiros necessários para a montagem da exposição. O Instituto Tomie Ohtake cedeu o espaço para a realização da premiação.

O projeto ainda recebeu apoio de: Projeto Portinari, Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), Ministério de Estado da Justiça (através do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária), Governo do Estado de São Paulo (através da Secretaria de Administração Penitenciária e Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), revistas Caros Amigos e Carta Capital, escritório de advocacia Villemor Amaral e dos jornalistas e escritores Esmeralda Ortiz e Luiz Mendes.

PUBLICAR PARA REPLICAR

A última etapa do projeto é este livro que você tem em mãos. Aprovado para ser realizado com recursos da Lei Rouanet, “O Direito do Olhar – Publicar para Replicar” tem a intenção de explicar e divulgar todo o processo de montagem e desenvolvimento do concurso para que possa ser reproduzido em outros estados brasileiros e para que mais presos e presas possam ser beneficiados. Pelo mesmo motivo, os painéis da exposição com os trabalhos estão à disposição para serem mostrados em qualquer parte do país.



FOTO: CAROLINA GODEFRID



{DEPOIMENTOS}
realizados entre março e setembro de 2009

O concurso “O Direito do Olhar” tem sua importância porque leva quem vive em prisões a desenvolver um trabalho artístico, que é essencialmente de liberdade. Os resultados do trabalho são importantes, mas ainda mais é o processo em que as pessoas vão se desenvolvendo, adquirindo conhecimentos maiores da técnica e da expressão. Com isso, a arte começa a participar da vida dessas pessoas. Entre os desenhos apresentados, havia de tudo – ainda bem! –, de trabalhos com uma expressão muito forte até expressões muito delicadas. Havia trabalhos que contavam histórias, que mostravam a experiência da vivência diária. Outros tiravam suas autoras daquele plano diário, repetitivo e conseguiam fazer com que a imaginação florescesse



– as presas, então, mostravam o outro lado que o dia a dia não mostra.

O dia da premiação, que aconteceu no Instituto Tomie Ohtake, foi extremamente importante porque chamou a atenção para um trabalho, que deveria ser permanente, para que as presas pudessem se expressar de formas interessantes e desenvolver mais as sensibilidades.

Foi um dia de muita emoção. Havia uma expectativa muito grande de como as presas chegariam aqui – como seria? Como se daria a organização do espaço? Como ficaria a exposição? Onde as presas circulariam? O que seria mostrado? Nunca tínhamos recebido – e depois disso também nunca mais recebemos – grupos como esse.

Nunca fui a nenhum espaço prisional, nunca tinha visto uma pessoa nessa situação. Até esse dia, minha experiência era de cinema, de teatro, de situações criadas que sempre mostravam conflito. Fiquei muito surpreso quando as presas chegaram

com uma tranquilidade muito grande, uma curiosidade, olhando o espaço, como se fossem velhas frequentadoras do Instituto. Vieram e ficaram nos seus lugares. Aqui no Instituto Tomie Ohtake, desenvolvemos trabalho educativo por meio da arte com crianças, adolescentes de várias idades e com professores. Acho muito importante esse tipo de trabalho porque faz com que as pessoas vejam o mundo de forma diferente daquela que o dia a dia lhes permite. O trabalho de arte é um exercício de expressão, e ter esse tipo de expressão é fundamental para o ser humano. Isso, no caso das presas, sem dúvida é fator de desenvolvimento, para que possam entender outras coisas no mundo, diferentes daquelas que as levaram à prisão.

Ricardo Ohtake, formado em arquitetura, é designer gráfico e diretor do Instituto Tomie Ohtake.



Foi muito forte a experiência de ser jurada de literatura do concurso. Pouco antes de acontecer “O Direito do Olhar”, eu havia feito uma reportagem no complexo penitenciário da Raposo Tavares e percebi que as mulheres tinham muita necessidade de ser ouvidas, de falar sobre a situação que as levou àquele lugar e sobre como continuar sua vida a partir dali. Por isso, saber que eu iria ler o texto daquelas mulheres que vi privadas de absolutamente tudo, dentro das grades do presídio, despertou em mim uma grande curiosidade. Foi também uma experiência emocionalmente forte porque os textos vinham carregados de muita dor. Percebia-se isso em todos os textos, até nas poesias românticas – havia mulheres que faziam poemas bem ingênuos e amorosos,



mas que tinham no desfecho aquela experiência do trágico, de quem perdeu tudo o que tinha.

Encontrei epopeias incríveis. O texto que mais me impressionou foi o de uma menina da Fundação Casa, de uns 14 ou 15 anos, que tinha uma história sem fôlego para contar. O texto era muito maior do que o combinado, mas não dava para cortar, porque era uma epopeia em que não dava nem para pôr uma vírgula ou um ponto final. Era um texto em que ela contava sua vida desde que era pequenininha: o abandono da família, a ideia de fugir de casa, o sofrimento que tinha na sua própria casa. Era a epopeia de uma sobrevivente, de uma menina que saiu de casa com 9 anos e que, mesmo que esteja numa situação precária, está viva e continua acreditando que vai encontrar o amor, ter amigos e ser feliz.

O fato de o texto não ter pontuação dá uma sensação semelhante ao que se sente quando se ouve o desabafo dos poetas jovens, dos es-

critores jovens. Muitos optam por não colocar pontuação. Senti que ela não tinha ferramentas para optar por esse estilo conscientemente, mas instintivamente escolheu isso porque para ela as coisas não tinham pausa. Ela se enrolava de uma história em outra, com consequências cada vez mais graves. O ponto só veio no fim e ela ainda fez questão de usar reticências.

Eram muitos textos. Tive dificuldade de selecionar pela sinceridade e pela urgência que cada um trazia. Eles tinham a força dos raps da periferia, dos meninos. As meninas não rimam, não estão acostumadas a dominar esse tipo de instrumental, mas era muito parecido: são textos que têm a força da vida, a força da pessoa que precisa encontrar um espaço para se expressar.

Esse tipo de concurso funciona de duas maneiras. Para elas, em primeiro lugar, é essencial. Em uma cadeia, não se está privado só da liberdade, mas da expressão, do convívio, do reconhecimento



mínimo de que as pessoas sentem falta no seu dia a dia – do “oi” do vizinho até alguém achar que o outro é bacana em alguma coisa. Essas atividades são, então, importantes para reconstruir a identidade das presas, para elas se sentirem fortes para seguir adiante. Para quem é jurado e lê os textos, é importante para conhecer aquelas mulheres – a gente não se detém para pensar como é a vida das presas, quem são aquelas pessoas; elas parecem estar totalmente fora da vida da gente, quem é uma mãe que vai parar no presídio? Acho importante conhecer aquelas mulheres e saber que são mulheres como todas as outras.

É difícil para todos os presos serem compreendidos e reintegrados à sociedade. Para as mulheres é mais difícil ainda. Elas são discriminadas no sistema penitenciário – há um número enorme de mulheres presas em delegacias, em lugares impróprios para quem está cumprindo pena. Além disso, elas têm necessidades específicas,

higiênicas e estéticas – para uma mulher se sentir mulher ela precisa estar de banho tomado, com seu xampu. São coisas mínimas que para elas são muito importantes e, deixando-as falar, fica mais fácil saber como atuar com elas.

Na época em que o concurso aconteceu, eu era uma das editoras da revista Caros Amigos, que decidiu participar da premiação dando assinaturas para as vencedoras. Isso foi muito bom porque as presas se queixavam demais de ficar fora do mundo nos presídios – as cartas são censuradas, as publicações muitas vezes não podem ser entregues... Fiquei orgulhosa de fazer parte da equipe que estaria informando as presas dentro da cadeia. E gostaria de ser jurada em um próximo concurso.

Marina Amaral é jornalista.



Já participei de alguns concursos desse tipo, como jurado, e acho sempre muito interessantes, porque a leitura dos textos dá uma ideia desse universo. É possível penetrar numa parte do mundo das pessoas que estão presas. O concurso “O Direito do Olhar”, por ser feminino, foi para mim uma novidade. Na época, só havia participado do júri de concursos em cadeias para homens. Em geral, nas cadeias masculinas, eles escrevem mais sobre suas vidas, são textos reivindicativos, em que comentam as injustiças, as violências do sistema, a situação em que se encontram. Na cadeia feminina, há menos reivindicação e mais emoção. Os textos femininos são mais sentimentais, falam da experiência de vida, muitas escrevem poesias...



Para escrever poesia, entretanto, é preciso ter um conhecimento da língua que em geral essa população não tem. Quando se leem as poesias, dá para perceber a intenção, mas falta o conhecimento específico da língua. Fazer poesia é muito mais difícil de fazer do que prosa.

O que mais me impressionou no projeto foi a situação da mulher presa. Nessa época, eu não trabalhava em cadeias femininas. Minha experiência era toda com cadeias masculinas – comecei na detenção em 1989 e só comecei a atender na penitenciária feminina em novembro de 2006, depois do concurso.

As cadeias femininas são completamente diferentes. Os homens são muito atentos à hierarquia, por exemplo. Em uma cadeia masculina, há sempre um líder e, abaixo dele, outros líderes. É possível traçar a hierarquia muito claramente. Na cadeia feminina, geralmente, também existe uma líder que mais ou menos comanda o pavilhão

em que se encontra, mas mulher não obedece à hierarquia. Mulher não obedece ninguém. Essa é uma desestruturação básica, porque a liderança não tem o controle das lideradas como o líder masculino tem. Isso faz muita diferença.

O segundo ponto é que muitas mulheres que têm um comportamento heterossexual na rua, quando vão para a cadeia, adotam um comportamento homossexual. Entre homens, isso não acontece. Quem é homossexual na rua continua sendo dentro da cadeia, mas quem é heterossexual continua como tal. Na penitenciária, o número de mulheres que vivem com outra, que têm uma namorada fixa, uma relação afetiva, certamente passa da metade.

A terceira diferença importante é que o homem preso tem sempre uma mulher que vai visitá-lo. A mãe é capaz de visitar o filho durante 30 anos, as irmãs visitam, as namoradas e as mulheres visitam... Se a mulher vai presa, esquece. Ninguém





mais vai vê-la, nem a mãe. Quando ela tem uma avó que ainda goza de uma saúde razoável, a avó vai visitar. Só. O que caracteriza mesmo a prisão feminina é a solidão. As mulheres vão para a cadeia e são abandonadas. Muitas vezes, elas foram presas por causa dos namorados ou dos maridos, envolveram-se no crime por causa deles.

Muitas foram presas porque levaram drogas para dentro das cadeias masculinas. Esse trabalho pode ser pago e, quando é assim, o risco é totalmente delas. Mas, muitas vezes, levam porque os maridos e os namorados dizem que serão assassinados se ela não fizer aquilo. Faz várias vezes e, quando é pega em flagrante, vai direto para a cadeia e o homem nunca mais escreve, não dá um telefonema, nada. É muito raro um homem que numa hora dessas continue solidário à mulher, mesmo sendo a esposa com quem ele é casado há 10, 15 anos e com quem tem filhos. Ela vai presa e ele arranja outra.

“O Direito do Olhar” pode ajudar, pois todo pro-

jeto que possibilite que uma pessoa presa possa manifestar-se artisticamente é mais do que bem-vindo. A autoestima dos presos, especialmente das mulheres, fica a zero, mas dar a eles a oportunidade de fazer algo para ganhar o respeito dos outros é sempre muito útil. Existem poucas iniciativas nessa área, mesmo não sendo um trabalho que precise de muito dinheiro. Há que investir um pouco de criatividade, às vezes dinheiro nenhum.

Acho que os projetos não resolvem o problema – o problema básico é que alguém que foi preso nunca mais vai conseguir emprego na vida – mas, sem dúvida, a arte contribui para melhorar a autoestima. Muitas dessas pessoas nunca receberam um elogio na vida, a não ser pelos assaltos que cometeram, e quando é possível mostrar que elas têm um lado que a sociedade ainda respeita e admira, é um estímulo forte.

Drauzio Varella, médico e escritor.



Participar como jurado de fotografias do concurso “O Direito do Olhar” foi uma experiência muito enriquecedora para mim. Quem fotografa sabe que este é um meio que pode revelar o que o próprio fotógrafo não vê, o que outras pessoas não veem e, às vezes, o que as pessoas não querem ver. O mundo da prisão é um mundo que a sociedade não quer ver, prefere que fique escondido, com suas mazelas fechadas lá dentro. Na hora em que se possibilita que as próprias integrantes do sistema, usando uma câmera fotográfica, revelem facetas desse universo, dá-se um processo de mão dupla: as presas ganham um novo olhar sobre elas mesmas e sobre o mundo em que vivem. Essa visão vem também para fora: é muito importante que a sociedade possa ver o



que se passa lá dentro e as esperanças que aparecem nas fotografias.

As fotos revelam um mundo que se constrói na prisão e o olhar que, lá de dentro, se volta para fora. Algumas das mais interessantes são de portas, portões, janelas, e do panorama que se descortina para fora do presídio. Outras são da comunidade, do modo de vida que se constitui dentro do presídio, de como as pessoas se relacionam. Acho que são duas ambivalências permanentes dentro do universo carcerário, que dão uma visão muito mais humana para quem está fora e que, às vezes, reduz o preso a um simples marginal. Quando se revela essa visão, é possível enxergar ali seres humanos de modo integral.

Na primeira rodada de observação do júri, tivemos a impressão de que, em alguns envelopes, não havia uma grande qualidade fotográfica. Mas, revendo com olhar atento aqueles vários pacotinhos de fotografia, cada um deles descor-

tina um universo. Sempre havia uma foto boa em cada envelope. Como dizia o grande fotógrafo Robert Capa (1913-1954), a foto é boa quando você consegue chegar perto. Ficamos surpresos porque não imaginávamos que sairia uma verdade tão condensada e tão elegante naquele material feito com câmeras descartáveis e por pessoas não treinadas.

Toda vez que você lembra para quem está dentro do presídio que ele é um ser humano, provoca um momento de reflexão e de transformação. Eu tinha restrições, por exemplo, com relação aos concursos de beleza dentro do presídio, mas vi que a presa mulher, quando desfila como miss, sente-se de novo mulher, revê o mundo de fora e qual pode ser seu papel nesse mundo. Ter uma câmera fotográfica na mão também ajuda a transformar uma pessoa em cidadão, mesmo que esteja preso.

Eduardo Muylaert é advogado e fotógrafo.



Tenho participado como jurado em vários concursos nos últimos anos, mas o concurso “O Direito do Olhar” me chamou a atenção em especial desde o início pelo contexto em que se realizava. Parti para o trabalho com uma curiosidade muito grande, com vontade de conhecer o universo das penitenciárias femininas. E foi surpreendente e muito interessante ver o retrato desse universo por meio das fotografias das participantes do concurso. Dou aulas há muito tempo e aprendi que o julgamento sobre a qualidade de uma fotografia pode ser uma grande bobagem que se comete numa aula, num momento. O que mais pesou para mim, como jurado, foi ler o contexto geral daquelas fotografias – a que



se referiam, o que eram, de onde vinham, quem tinha feito – e saber o que eu estava olhando. Dentro desse contexto, só posso dizer que foi uma das coisas mais emocionantes que fiz nos últimos anos. Foi um trabalho muito bom de ser feito, muito agradável e muito duro também, porque se entra em contato com uma realidade dura. As fotos tinham força suficiente para transmitir a densidade do drama de que o assunto tratava.

Ver gente presa traz para nós a sensação das próprias prisões que carregamos, nossas sensações de aprisionamento... Fiquei com muito medo daquele universo, no início, como se eu pudesse vir a estar algum dia naquela situação. Coloquei-me no papel daquelas pessoas e me senti também muito emocionado pensando que poderia estar no lugar delas fotografando, fazendo aquela vida um pouco melhor, comunicando aquilo um pouco melhor para a sociedade.

Fazer a montagem da exposição – quase uma

curadoria – resultou num contato com as outras expressões. Eu havia sido jurado da parte fotográfica e, naquele momento, tive que ler os textos selecionados pelo júri de literatura e ver os desenhos escolhidos pelo júri de desenho. Ao juntar esses três elementos – desenho, literatura, fotografia –, a compreensão da ideia, da sensação da inutilidade das prisões, de seu vazio, do drama vivido por aquelas pessoas foi aumentando em proporção cinematográfica. A exposição, ao misturar as diversas linguagens, somou densidade e força ao projeto.

No dia da inauguração, as vencedoras do concurso foram convidadas a receber o prêmio e montou-se todo um esquema, uma operação de guerra, porque elas iam sair do presídio para receber o prêmio e depois voltariam ao cárcere. Essa mobilização era uma coisa nova para a organização e curadoria de exposição. Estou acostumado a fazer exposições em que entram diversos elementos,



mas esse esquema de levar, de cercar o quarteirão, de evitar fuga dos convidados principais era uma novidade. Tudo aquilo transportou as sensações para um outro nível de leitura.

Para mim, a fotografia, mais que fim, é um grande meio, um instrumento de conscientização e de mobilização social. Falo da fotografia porque é mais próxima para mim, mas estou me referindo à expressão artística. A expressão artística é universal, fantástica, maravilhosa. Escrever um poema, desenhar, pintar, fazer um vídeo, cantar, bailar, dançar, expressar-se por meio da arte é o melhor instrumento que existe de comunicação do ser humano. Quem sabe seja por meio desse instrumento que a sociedade descubra outros caminhos. Porque os caminhos definidos pelo sistema vigente para a lei e para a ordem, por assim dizer, são ineficientes. As sociedades vêm tentando se ajustar e a violência e a desigualdade social continuam existindo. Acredito que um ins-

trumento como a cultura pode ser fundamental para encontrar uma maneira de nos organizarmos socialmente de forma mais igualitária, mais justa, mais humana e, quem sabe, um pouco mais engraçada também.

O processo de transformação de um indivíduo pela arte é muito pessoal. Sempre acredito que, na vida, devem-se somar pequenas camadinhas de transformação. Acho que o concurso pode ter somado um pouquinho na vida de cada uma delas, ter sido uma coisa a mais. No dia seguinte, a fotografia fazia parte, a poesia fazia parte, ter essa possibilidade fazia parte. Isso, somado a outras coisas, pode transformar e mudar um indivíduo, dar uma perspectiva de que a vida vai além da grade ou daquilo que a levou à grade – ou ainda além da vida que ela tinha antes de ir para a prisão.

Iatã Cannabrava é fotógrafo.



Foi muito importante poder participar como jurada do concurso “O Direito do Olhar”. Na escolha das obras, demos um grau de importância maior à expressão do que à técnica. Não se poderia esperar que as apenas soubessem usar todos os suportes, as tintas e lápis. Considero fundamental valorizar a abstração da pessoa no momento em que executa uma arte. Elas não estavam preocupadas em agradar o público. Quando alguém inicia uma experiência com arte, tem como principal preocupação o modo como irá expressar seu interior e a sua percepção artística. O que mais me sensibilizou foi ver como elas se empenharam em fazer aqueles trabalhos e a criatividade demonstrada. Para muitas, era a primeira experiência com arte.



Trabalho com arte há 27 anos no Projeto Portinari. Hoje, fico pensando em como utilizar essa experiência para ajudar os menos favorecidos. Na cultura oriental as pessoas têm uma formação completa – educacional e artística –, ao contrário de nós ocidentais, que não desenvolvemos esse lado criativo. Deveria ser obrigatório ensinar o desenvolvimento da criatividade e sensibilidade que pode dar sentido e significado à vida. Sem a arte, o indivíduo pode perder a noção do pertencimento, da raiz da sua cultura, tornando-se máquina numa luta pela sobrevivência. A ligação com a arte permite momentos de paz. Quando se escreve uma poesia, uma música ou se toca um instrumento, ou mesmo quando se pinta um quadro, consegue-se sair um pouco dessa vida dura, do cotidiano só de trabalho, correria, luta, pobreza. A pessoa sente que tem uma ligação com algo além do mundo concreto e ganha a esperança e a certeza de

que pode mais, desenvolvendo a autoconfiança, conscientizando-se sobre a sua capacidade.

O mais importante na arte é que, quando alguém se expressa por meio dela, sente a liberdade. Para essas mulheres é a expressão da liberdade através da arte. Isso vale para pessoas de qualquer formação, de qualquer nível social. Quando desenvolve a arte, o indivíduo está buscando e está se identificando com a liberdade de seu espírito. A importância de um trabalho como esse é fazer com que as apenas descubram esse poder interior da criatividade e a beleza que pode haver na vida.

Fiquei bastante feliz de conhecer pessoas que têm tido a coragem de fazer um trabalho desses e de criar um instituto que briga pelo direito de defesa e mostra que só num estado de direito se é possível lutar com igualdade.

Noélia Coutinho é pesquisadora do Projeto Portinari.



Nasci em Tauá, na região de Inhamuns, interior do Ceará, a região mais seca do Nordeste. Vim para São Paulo com 15 anos, fugindo da seca e buscando o sonho de trabalhar como garçom. No começo da década de 1990, voltei para o Ceará para visitar meus pais, conheci minha esposa, casei. Tinha seis ou oito meses de casado, quando veio o Plano Collor. Meu pai perdeu o dinheiro que tinha na poupança e eu vim embora de novo para São Paulo. Decidi que aqui me tornaria ladrão. E foi isso que aconteceu. Fiquei a década de 1990 toda preso. Gosto de deixar bem frisado que ninguém me induziu a entrar no crime, a roubar ou usar drogas. Fui porque quis fazer isso. Essa brincadeira só deu mau resultado para mim, porque fiquei dez anos preso, dez anos dependente químico, do crack, contraí HIV.

Perdi pai, mãe, filho, irmão. Tudo na cadeia. Mas achei uma coisa muito interessante: a arte. A arte e a fé. São duas coisas que caminham junto comigo o tempo todo. É o que me mantém de pé.

Arte e fé. Acho que é uma coisa muito louca. Na fé, você acredita em uma coisa que não vê. A arte, apesar de ser palpável, bela, estética, na minha vida surgiu de uma forma muito louca também. Foi no dia de uma blitz na minha cela. No meu xadrez, eu guardava facas, material de fuga, armas, celular, drogas... Quando os policiais fizeram aquela blitz, jogaram uns pedaços de madeira que eu guardava para dar paulada ou para fazer tampas de lata de cachaça. Quando jogaram aqueles pedaços de madeira, fiquei olhando e vi, nas veias da madeira, a cabeça de um cavalo. Nunca tive aula de desenho e de repente eu vi. Chamei um amigo meu para ver. Foi a maior gozação, acharam que o crack tinha comido meu cérebro, que eu estava louco, tinha pirado de vez. Para não passar por

esse ridículo, peguei um cortador de unha e comecei a entalhar aquela madeira e, depois de um mês, ficou uma cabeça de cavalo, um busto, um cavalo perfeito. Descobri que não sabia só roubar e traficar. Tinha algo comigo que era muito bom e chamava a atenção das pessoas. Até hoje, quando tenho possibilidade de fazer uma escultura, a madeira me diz o que quer que seja feito.

Fiz o primeiro cavalo e troquei por dez gramas de crack. Achei um jeito de consumir drogas sossegado. Antes, eu não parava de usar crack. Fumava um atrás do outro. Fumava maconha para levantar, para dormir, para comer, para conversar, para fazer física, tudo tinha que ter maconha. No momento em que eu estava esculpindo, deixava o cigarro de maconha parado, queimando sozinho, e eu entalhando. Aquilo que eu achava que ia ser o forte para eu consumir mais drogas foi me tirando das drogas. Oito meses depois eu não estava usando mais nada. Não estou afirmando que



a arte é a solução para os problemas do sistema carcerário, mas afirmo que a arte pode promover um momento de reflexão, o reencontro da pessoa presa com ela mesma antes de ser presa. É como uma janela em que a pessoa olha para dentro de si mesma e se debruça para ver o horizonte do futuro, ainda que este esteja muito distante.

Depois que saí do presídio, comecei a dar oficinas de escultura na (antiga) Febem. E tinha um carinho que não fazia nada, não participava de nada. Um dia ele pegou uma folha de papel e começou a escrever uma história: como tinha feito um assalto, como tinha matado uma moça, como deu o primeiro tiro, e ele foi detalhando toda aquela cena, mas com muita riqueza de detalhes. Isso me trouxe um mal-estar muito grande, era uma coisa que eu precisava trabalhar em mim, o preconceito. Começamos a fazer histórias de cordel. Os meninos contavam histórias que queriam contar. Eu sabia que eram as suas histórias, mas a oficina de cordel dava

a eles essa liberdade de não querer viver ou assumir suas histórias trágicas. A oficina era também um laboratório para repensar e construir com cada um dos jovens um final diferente para cada história. Primeiro foi dentro da Febem, depois comecei a fazer oficinas no Jardim Pantanal. Gosto muito de cordel. Tenho minha história completa escrita assim. Quando fiquei internado dois meses no Emílio Ribas, escrevi um caderno inteiro.

Quando recebi o convite para participar do concurso “O Direito do Olhar”, não pensei duas vezes. Era um desafio trabalhar com presídios de mulheres e gostei da proposta do projeto. Acredito na arte como instrumento de transformação social. Queria ver que tipo de efeito o projeto tinha com as mulheres. Com os homens eu já sabia o que a arte faz porque sou um exemplo disso. Foi o primeiro trabalho com literatura em um ambiente em que eu nunca tinha trabalhado, então fui preparado para trabalhar a partir do que as mulheres



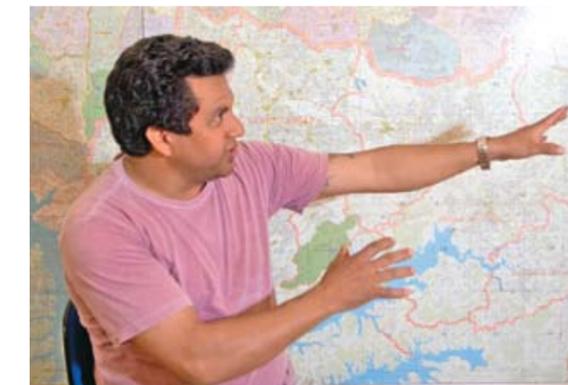
trouxessem. Foi uma roda de conversa e a partir das conversas fomos organizando. Depois, pedi para elas escreverem. Acho que trabalhar com mulher é mais fácil. A mulher é muito dedicada. Acredito que ninguém mente com a arte. A arte expõe o que você sente, mostra o que você é. O homem, muitas vezes, não quer mostrar isso; a mulher, não. Ela é autêntica, assume esse papel, põe isso na banca.

Vivi dez anos dentro desse universo, saí e tenho uma história hoje, uma trajetória construída em cima do que acredito, da arte. Quem escreveu esse projeto, dando liberdade para a pessoa escolher o que fazer – com fotografia, escrevendo, pintando –, criou um momento de liberdade para a mulher dentro do cárcere. De respeito e liberdade. Acredito que a arte é o instrumento para o indivíduo que está num poço sem fundo. A arte é esse instrumento que dá possibilidade de o indivíduo cavar e sair em algum lugar. É a seta que indica o retorno.

FOTO: CANDICE JAPIASSU

Porque mexe com o profundo ser, transforma de dentro para fora. A partir daquele momento, daquela exposição, aquelas mulheres nunca mais serão as mesmas. A vida delas mudou. Elas podem estar dentro do presídio, mas dentro delas tem uma semente que está germinando a cada dia. Sei que vai fazer efeito em algum momento da vida delas, porque naquele momento ali ninguém acreditava nelas, elas estavam esquecidas no sistema, abandonadas nas suas instituições, e de repente chega um projeto em que elas têm oportunidade de expor seus sentimentos e ainda serem reconhecidas em público.

Hermes de Sousa, escritor de cordel e articulador social (desde 1997 desenvolvendo oficinas de artes na periferia, presídios e internatos da Fundação Casa em São Paulo, com o objetivo de promover o diálogo e a promoção do capital humano), realizou oficinas de literatura durante o concurso.





C.L.C., premiada, >
Unidade de Semiliberdade
Feminina Tulipa

{ O PODER DE AMAR }

O amor é tudo e nada;
bom quando é correspondido,
mas quando não é
fica tudo tão vazio!!!
O que seria de nós sem o amor?
Só existiriam guerras e indiferença.
Mas o amor é um dom Divino,
um dom Supremo!
Que mesmo com tantas guerras, inimizades,
brigas, discussões, sempre o amor
estará por perto,
porque sempre atrás de um ódio,
existe um pouquinho de amor.
O amor, dentro de mim, brilhará sempre
como uma estrela linda e reluzente.
Independente do lugar onde eu me encontre
o amor caminha dentro de mim,
e nunca foi ou vai ser tirado, pois Deus
plantou com uma profunda raiz!
Independente do lugar onde estou,
não me importa! O que me importa é o amor de Deus
dos amigos, da família, do mundo!!

T.C.B.R., menção honrosa,
Fundação Casa - Internato Parada de Taipas





◀ R.G.F.S., menção honrosa,
Internato Feminino da Mooca

E.M.C., selecionada para
exposição, Unidade de Internação
Provisória Chiquinha Gonzaga

{MENINAS DA FEBEM}

Vozes exaltadas, choros, risos e gritos
se alastram na multidão.
Tétrico cenário, à luz do dia. Meninas da Febem...

Ao anoitecer, nas paredes dançam sombras enormes,
disformes, impressionantemente tristes.

Adolescentes que um dia tiveram sonhos, caprichos,
esperanças e, pelas circunstâncias amargas de suas
vidas, foram chamadas de fora da lei.

Suélens, Gabrielas, Natálias, Marias...
Suas histórias são parecidas:
Foram despertadas pela paixão logo cedo.
Conheceram ilusões, traições, sutilezas, mentiras.
Conheceram homens sem escrúpulos.
Ingênuas, crédulas, trocaram juras de amor e pacto
de cumplicidade no crime.

O preço a ser pago foi uma queda imensa,
que cavou o abismo entre elas e suas famílias,
a sociedade, o próprio Deus.
Receberam a pena mais cruel:
A perda da liberdade.

Meninas da Febem...
Buscam nos corredores gelados
alguém que possa abraçá-las,
alguém que diga que elas têm valor.

Sentem-se mais vítimas que culpadas,
vagueando em ziguezague, na busca
angustiante de superar a solidão,
a saudade, que sangram dentro da alma.

Meninas da Febem...
Desejam voltar no tempo e no espaço, recomeçar novamente.
Romper com preconceitos e costumes, refletir, contar até três.

A compreensão não vem da sociedade, sabem que dela tem
a repulsa, o dedo em riste de acusações.

Uma estranha força as impulsiona,
ouvem falar de algo superior:
De alguém que por elas deu a própria vida
e o perdão, que a humanidade negou.

Meninas da Febem...
Encontram em Deus o amigo mais chegado,
a força para amenizar a dor.
Esperam Nele, tão somente Nele, o milagre
de serem livres outra vez.

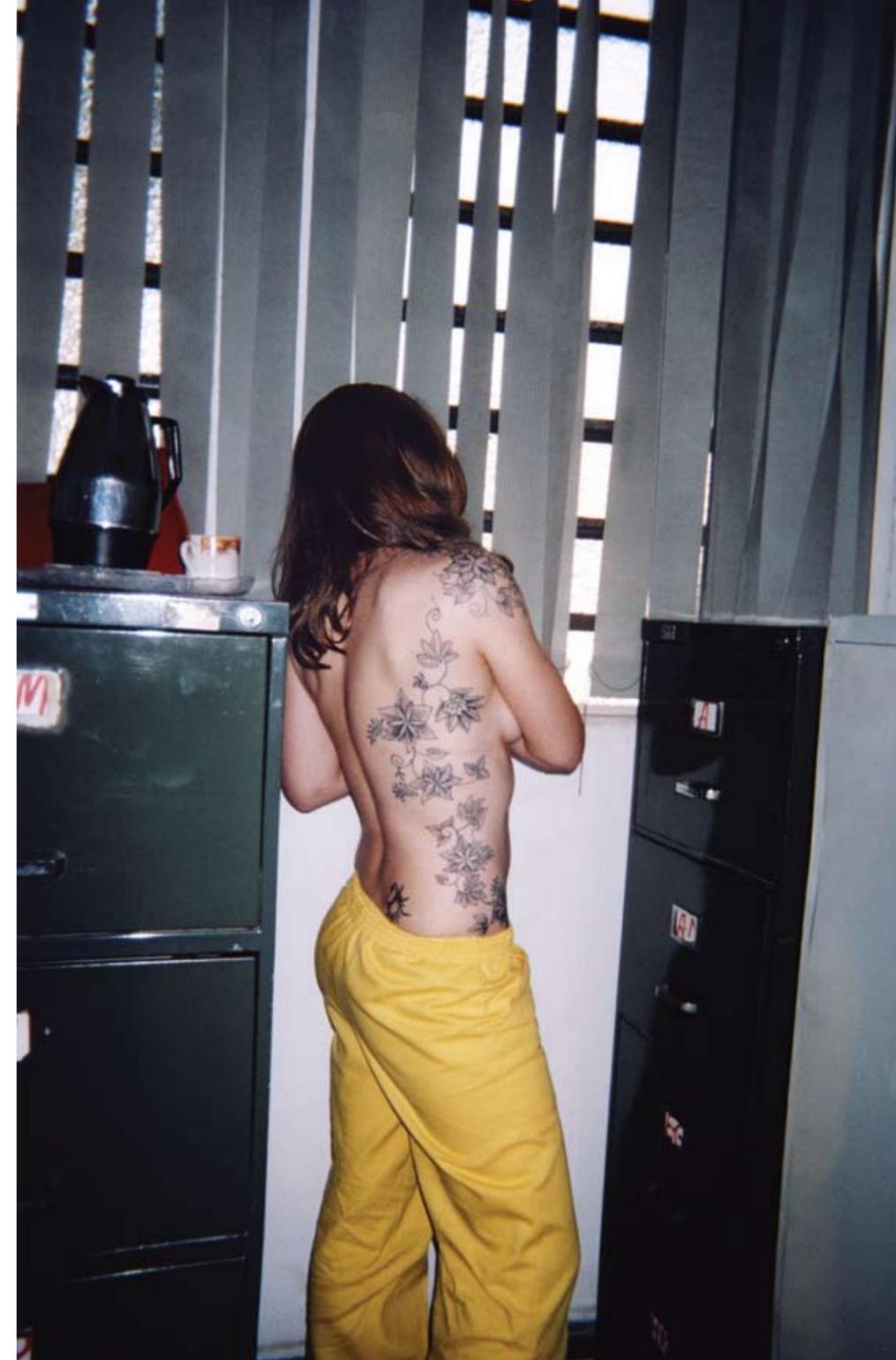
Percorrer novos caminhos,
alcançar sorte mudada, ser feliz,
ser gente respeitada!

OTÍLIA RODRIGUES ALVES,
premiada, UIP-3 - Funcionária





◀ *R.S., selecionada para exposição, Unidade de Internação Provisória Chiquinha Gonzaga*



SILVIA GUTIERREZ, Penitenciária Feminina da Capital ▶

T.N.O., premiada, >
Internato Feminino da Mooca



{ PROCURA-SE UM AMIGO? }

Procura-se um amigo...
Não precisa ser homem...
Basta ser, ser humano...
Que goste de chuva, de capim molhado,
em que possa caminhar.
Que bata no ombro e diga:
Estou aqui.
Não que seja egoísta e mesquinho,
Mas que seja amigo.

Procura-se um amigo,
Para das coisas belas gostar.
Para que possa gritar e ouvir
a canção da brisa exaltar.

Procura-se um amigo
que goste de poesia
em que possa decifrar,
para um livro publicar...
que tenha piedade e fé
a ditar, ao ouvir as canções
dos pássaros a cantar;

porém, que goste dos pobres
que dê comida a quem tem fome.

Procura-se um amigo,
para contigo estar nos momentos de dor
e lágrima a rolar.
Que seja homem ou mulher,
mas que seja amigo,
que não de um outro apelido.

Procura-se um amigo
que em terra entre gente,
que lei de males não sente,
que no passo da morte possa sentir,
mas quase no passo extremo,
no último arcar da esperança,
tu me vieste à lembrança:

Procura-se um amigo,
para rever em teu rosto amigo,
pensar em quanto hei perdido
este pranto dolorido,
mas que seja amigo!

Procura-se um amigo
que de mim não afaste teu rosto,
pois tanto pode o desgosto,
que o bom Deus aceitaria
o meu quinhão de alegria,
mas que seja amigo em família.
Procura-se um amigo
que nadam-te os olhos em pranto;
arfar-te o peito, e no entanto
mas que nunca deixe de ser amigo.

Procura-se um amigo
Meus versos d'alma arrancados,
de amargo pranto banhado
que tem dor, piedade,
que chore não de saudade nem de compaixão,
mas que chore de amor
com paixão ao próximo irmão;

Procura-se um amigo
quem tem certeza de uma presa quer seja culpada
que teu nome lhe digas sem pranto e sem dor.
Um amigo que cure sua dor...
Procura-se um amigo
que teu grito de guerra seja vencido
pela guerra que viver é lutar.
A vida é combater
que os fortes e os bravos só podem exaltar
que um dia vivemos!
O homem que é forte
que não tema a morte que seja amigo.
Procura-se um amigo
que não se julgue ser incapaz de lutar pela sua própria
vida. De bater no ombro amigo e dizer não se aflija,
Deus está aqui pois sou teu amigo.
Só tu, mocidade sonhadora
mas que nunca deixe de ser meu amigo.

Procura-se um amigo
em uma estrela em que possa brilhar
em um universo à beira do mar,
até onde um sonho consegue chegar,
trazendo os raios das estrelas e as asas do passarinho.

Procura-se um amigo
que lhe ensine as dores de um duro trabalho
que pagam com um pútrido pão.
Que dá comida a quem tem fome
e que seja amigo dos inimigos.
Procura-se um amigo,
que goste das coisas belas da vida,
que seja amigo no momento de dor, tristeza.

Que carregue consigo
o orgulho de tê-lo como amigo.

Procura-se um amigo
para que nas noites frias
possa aquecer a quem tenha frio
e dê de comer a quem tenha fome.
Mas que seja um verdadeiro amigo.

Procura-se um amigo,
para que nas noites frias e solitárias,
esteja contigo para lhe aquecer e esteja com você.
Que tenha o dom da sabedoria,
de amar o próximo como a ti mesmo.
Mas que nunca deixe de perdoar
os que o tenha ofendido.
Mas que seja seu amigo.

Pois o verdadeiro amigo
não é aquele que diz ser teu amigo
mas que dê sua mão amiga.
Procura-se um amigo
que as belas margens do rio possante,
possa estar para apreciar
e que tenha sempre um amigo por perto estar.
Mas que seja amigo.

Procure um amigo
que só a leve à esperança em toda vida.
Disfarça a pena de viver
mas nada que esta felicidade
que supomos árvores milagrosas,

que sonhamos existe sim
porque está sempre apenas onde a pomos
e nunca pomos onde nós estamos.
Mas que temos sempre
um amigo por perto
para agradecer nas tristezas e
que podemos dizer que
temos um amigo com quem contar.

Procura-se um amigo
para nos dar carinho,
que goste dos pássaros a cantar.
Mas que seja meu amigo...
Que goste das árvores,
o vento a tocar as canções,
que possa tocar, escutar,
mas que ainda seja amigo.

Procura-se um amigo
para que suas lágrimas sejam enxugadas
nos momentos de tristeza e agonia.
Mas que seja um verdadeiro amigo.

Procurei um amigo encontrar
mas só encontrei em Deus
em quem posso confiar.
Procure um amigo chamado Jesus Cristo.

ANDRÉIA SIMÕES GOMES
vencedora,
Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico



◀ ROSELI DA SILVA,
premiada, Hospital de Custódia
e Tratamento Psiquiátrico

A.N., premiada,
Internato Parada de Taipas
▼



EVA CAVALHEIRO, >
SÔNIA MARIA DOS SANTOS,
AGDA MARIA DOSATIOTTI,
*funcionárias, selecionada
para exposição, Hospital de Custódia
e Tratamento Psiquiátrico*

{MARCAS DO TEMPO}

Nem as marcas do tempo, que há muito se passou
Conseguiram esconder por trás de muralhas
Alegrias contagiantes...
Lágrimas que já chorou.

Seria mais que conveniente
Que tudo parasse nesta hora
Deixando a ideia fluir no momento
da vida que me fazia contente.

Nem as marcas do tempo, de quando éramos gigantes
Conseguiram jogar ao vento
Sonhos, ideias e pensamentos
De amores que ficaram distantes.

Não me falta alegria no momento
Sou guerrilheira, luto e venço
Olho pra trás e grito ao vento
Que sejam bem vindas as marcas do tempo.

VERÔNICA ESPÍNDULA VAZ,
menção honrosa, Penitenciária Feminina da Capital





▲
CRISTINA SOUZA CRUZ PIZZI,
selecionada para exposição, Penitenciária Feminina do Tatuapé

DOMINGAS HEIDRODO SOUZA SILVA, ►
menção honrosa,
Penitenciária Feminina do Tatuapé



{ LEMBRANÇAS QUE TRAGO NO PENSAMENTO }

Às vezes me arrependo por não ter aproveitado meus quatro anos.

Quando morava com meu pai, me preocupava muito com meu futuro, mal brincava, ainda criança era muito inocente, observava os menores detalhes que eu via no dia a dia. Me lembro de quando o meu pai me levava para a escolinha, muito contente, eu ia sorrindo de mãos dadas com ele, e todo dia a mesmice, mas eu era feliz em ver que a minha família era feliz com a minha felicidade.

Todos nós éramos muito unidos, mesmo porque morávamos todos juntos, minha avó, todos os seus filhos (o meu pai, meus tios e minhas tias), eu junto com meu irmão éramos muito bem criados. Meu pai saía todos os dias bem cedinho para trabalhar e, um detalhe que nunca me esqueço, ele sempre nos dava um beijo na testa e nos dizia: “Vai direitinho para a escola”. Eu era o orgulho da minha família, nas reuniões orgulhava-me de mim mesma, quando via meu pai saindo sorrindo da escola. Minha vida era uma maravilha; meu pai era o melhor pai do mundo, minha família me amava, etc...

Me lembro que quando chegava o Natal, era muito legal, pois toda a família e convidados se reuniam para a ceia, meu tio se vestia de Papai Noel todo ano, era a alegria das crianças.

Os presentes ficavam com os nomes, embaixo da árvore, e eu, muito ansiosa, até mesmo de ouvir a minha tia chamando os nomes, mas às vezes demorava para chamar o meu, na hora eu pensava mil coisas, não sei por que, talvez gostasse de ser a primeira, ainda mais quando ela chamava os nomes dos meus primos e do meu irmão primeiro,

não sei, mas parecia que eu estava tão acostumada com os mimos que a minha avó me dava, do orgulho que meu pai sentia por mim, e do prazer que era ouvir: “Parabéns filha”, que perdi a noção do que era um não, ou de ser depois que os outros. Aliás, acho que eu queria ser a melhor, não pensava mais na felicidade da minha família, só em mim própria. Eu estava crescendo e já não era mais tão inocente, eu comecei a mudar de ideia e esquecer, quando meu pai ia me levar para a escola, quando ele ia trabalhar às 5h da manhã e só voltava 8h da noite. Mesmo assim, ainda arrumava tempo para brincar comigo e com o meu irmão, olhar nossos cadernos, conversar e, além de tudo isso, ainda tinha a minha mãe que ia visitar a gente, pois meus pais eram separados.

Me lembro também de quando eu pedi um gato para o meu pai e o meu irmão pediu um cachorro. Passou um mês e meu pai chegou em casa com uma caixa e nos falou que era surpresa. Eu estava crente que era para mim, mas quando ele abriu a caixa, era o cachorro que meu irmão um mês atrás havia pedido. Não sei se meu pai percebeu o ciúme e o egoísmo que eu tinha com meu irmão, só sei que aquilo fez com que eu me magoasse, não queria que ninguém percebesse a minha revolta, nem mesmo meu pai, pois além de ser mesquinha, eu era muito orgulhosa, desde criança.

Já a minha mãe me mimava muito e eu não via a hora de chegar o final de semana para eu poder ir para a casa da minha mãe. Tudo o que eu queria ela me dava, a minha avó (mãe da minha mãe) também. Eu ganhava presentes e dinheiro dela quase todos os dias, eu era a neta a que ela mais se dedicava. Eu ia em todos os passeios da escola, as meni-

nas sentiam inveja de mim e eu, muitas vezes, sentia delas. Mas eu sabendo que minha mãe e minha avó me davam tudo, eu nem me importava.

Quando o meu pai conheceu a Maitê (que é agora a minha madrasta), fiquei com ciúmes, pois achava que ele só dava atenção para ela e para o meu irmão. Eu ficava com raiva, mas não tinha a iniciativa de ir morar com a minha mãe, pois respeitava muito o meu pai e, então, continuei aturando. Eu já não era mais a mesma, todos já estavam percebendo, pois não consegui ser orgulhosa por muito tempo.

Com o passar do tempo, minha madrasta ficou grávida, ou seja, em breve eu teria outro irmão, que no meu ponto de vista iria atrapalhar mais no relacionamento com meu pai. Então, mudamos de casa e fiquei mais distante da minha mãe.

Foi nesse tempo que parei e pensei o quanto é ruim o desprezo verdadeiro, pois eu tinha atenção de toda a minha família e “achava” que meu irmão tinha mais atenção que eu, mas eu percebi a mudança dele também, quando minha mãe nos visitava, pois ele sentia o mesmo que eu sentia, mas de coração ele sim merecia todo aquele carinho que eu queria. Mas havia uma diferença: ele se satisfazia com o carinho que ele tinha e só queria mais um único carinho, o da minha mãe.

Depois é que eu fui perceber que ela não dava atenção para ele tanto quanto ela dava para mim. Só assim comecei a dividir e separar as coisas. Fiquei até com pena dele, pois ele não expressava aquele sentimento, por receio ou sei lá, mas era natural. Mas eu não, era por orgulho.

Comecei a dar muito desgosto para o meu pai; comecei com pequenos furtos que decepcionaram muito o meu pai e, logo

em seguida, fui morar com a minha mãe. Ela me apoiava, pois achava que era uma fase e que logo eu iria mudar. Aquilo fez com que eu não me preocupasse mais com nada. Eu tinha 12 anos e, apesar de já ter a maturidade de pensar em tudo o que é bom e tudo o que é ruim para mim, aproveitei a situação de ter a liberdade com a minha mãe, uma coisa que eu já não tinha mais com a minha avó paterna, pois ela ficou muito triste em saber que eu pude deixar meu pai triste também.

Mas tinha um porém, eu também consegui fazer a minha mãe enxergar como realmente eu era. Comecei a ir para bailes e voltava só no outro dia e o desgosto que ela estava tendo já era pior do que o meu pai sentia, pois eu comecei a traficar, a beber e a dar cada vez mais desgosto para minha mãe. Então ela começou a beber e a minha avó, mais que nunca. Era briga todos os dias, me culpei muito por causa disso, mas quando tentei me redimir com a minha família, era tarde, já estava privada da minha liberdade.

Me arrependo de não expressar meus sentimentos de forma sincera com a minha mãe, conversar mais com ela, pois só agora, depois que errei, que me arrependo dos quatro anos que deixei passar. Toda essa tristeza diante dos meus olhos, deixando de correr atrás dos prejuízos que deixei no meu passado.

Mas, graças a Deus, já posso dizer “passado”, pois já tenho certeza que quando eu sair daqui, vou dar a felicidade que um dia fechei os olhos para ela.

F.P.A.O., menção honrosa,
Fundação Casa - Internato Parada de Taipas



CRISTINA DIAS, menção honrosa,
Penitenciária Feminina da Capital





▲
 LEONILDA FERREIRA DE ALMEIDA,
 premiada pelo conjunto da obra, Hospital
 de Custódia e Tratamento Psiquiátrico



LEONILDA FERREIRA DE ALMEIDA,
 premiada pelo conjunto da obra, Hospital
 de Custódia e Tratamento Psiquiátrico





◀ **F.S.S.M.**, premiada,
Internato Parada de Taipas

{ MEU JEITO DE SER }

É tão difícil entender esse meu jeito de ser, entre mil adolescentes, eu só sou mais uma interna da Febem, veja bem não é bom pra ninguém.

Quem nunca esteve nesse lugar, não sabe que atrás das grades é um sofrimento constante, que machuca a todo instante, mas quem sabe, essas feridas um dia curam.

Hoje eu tive um sonho, sonhava com aquele mano sentado num banco, talvez me esperando, sentei ao seu lado e comecei a perguntar:

Por onde ele andava, por que tinha sumido da quebrada. Ele olhou pra mim com os olhos cheios de lágrimas, talvez naquele momento não entendia nada de por que os olhos cheios de lágrimas. Durante esse tempo a distância nos separou e o tal sentimento da saudade me machucou.

Ele começou a falar:

– Lembra daquele dia, 29 de outubro de 2004? Lembra daquele cara gritando, desesperado, pedindo pelo amor de Deus para não matá-lo, mas sem querer, dei o primeiro disparo. Aquele cara pedia pra mim ter calma e eu chorava desesperada, porque a partir daquela hora, o diabo desejava a minha alma.

Mas já se passaram onze meses e as grades e muros nos separam; talvez o diabo esteja dando gargalhadas. Sei que a cada dia que passa, eu fico mais distante daquele cara que eu desejava a todo instante, infelizmente acordei de mais um ou milhões de sonhos com aquele cara, mas ainda não entendi o porquê dos olhos cheios de lágrimas.

Preciso, daqui pra frente, andar com minha cabeça erguida, preciso achar a saída. É difícil entender por que a classe rica julga as pessoas que moram na periferia. Que mundo é esse em que a gente vive? Pessoas tendo crise,

falta de dinheiro...

Cadê aquele Deus que diz que vai nos livrar dos laços do passarinho? Sou apenas uma menina que já teve uma experiência de vida. Preciso ter crença, acreditar que todos os meus pecados Jesus vai perdoar.

E digo mais, meninas de 11 a 15 anos, se prostituindo. Que mundo é esse que eu vivo? Já vi cadáveres jogados num rio. Você deve estar pensando, o que você tem a ver com isso? Preciso de uma amiga pra desabafar, falar como a minha vida está de uns tempos pra cá. Por incrível que pareça, continuo numa Febem e ele numa cadeia. Três anos já é muito, 30 anos pra ele fechado, é um tempo que jamais será reconquistado. Quando olho pela janela, viajo em pensamentos solitários. Lembranças dolorosas dão vontade de chorar. Queria tanto ver o mundo diferente, onde pessoas vivessem em harmonia, pessoas deixando de lado brigas, bebidas e drogas, sempre sonho com isso! Sonho também que a minha vida se transformou em um conto de fadas, onde eu visse pessoas que não parassem de dar gargalhadas!

É engraçado esse mundo que eu vivo! Onde já se viu pessoas dizerem que é coisa do destino? Tenho sonhos que talvez se transformem em realidade. Quero ter dignidade!

Hoje, quando parei pra pensar em toda a trajetória da minha vida, vi que a vida bandida é só de tristeza. Hoje também descobri que nesse mundo tudo o que a gente planta a gente colhe! Infelizmente o destino foi vingativo.

Porém a sociedade me julga, mas não importa, porque logo eu estarei de volta.

A.P.D., menção honrosa,
Fundação Casa - Internato Feminino da Mooca



◀ *C.P.P.S., selecionada para exposição,
Internato Parada de Taipas*

*PATRÍCIA CHERYL DEWITT,
menção honrosa,
Penitenciária Feminina da Capital* ▶



{TEMPO...}

Queria voltar no tempo...
Não por alguns anos antes, mas
sim por alguns minutos...
minutos que mudaram a minha vida,
que me repreenderam,
que me ensinaram,
que me afastaram,
que me machucaram.

Queria voltar no tempo...
Para agradecer a Deus pelo ônibus lotado.
Para agradecer aos que me incomodavam
no domingo de manhã...
Para agradecer a falta de sol...

Queria voltar ao tempo...
Para escutar as buzinas de carros...
Para ver o cachorro latir.
Para me envolver no meio da multidão
Agradecer os empurrões

Queria voltar ao tempo...
Para sorrir, para cantar, para “viver”
Queria voltar ao tempo
Para viver e agradecer com o pouco
Para pegar a fila mais longa do banco.
Perdendo a paciência,
Ganhando a liberdade...

Queria voltar ao tempo... mas
agora quero que o tempo passe.
Para recuperar o que foi perdido
Para amar os que me odeiam
Para sorrir para os que me aborrecem
E dizer: Quero recuperar o tempo perdido
Mesmo sabendo que não se recupera...

Quero ser mais uma no meio da multidão!
LAIRE LUCIANA SANTOS,
menção honrosa, Penitenciária Feminina do Tatuapé

A.B.S.S.,
menção honrosa,
Internato Parada de Taipas ➤





▲ **BIRMÂNIA KALINKA EDGLEY QUIROZ**
(Penitenciária Feminina do Tatuapé)



▲ **DÉBORA GIORGINA SIMPLICIA DE SOUZA,**
Penitenciária Feminina da Capital



{BUSCANDO A SAÍDA}

Meu querido amigo
Somente a ti falarei
Das histórias sofridas
Que nesta vida passei.

Dentro de um calabouço
Sem futuro e sem razão
Comandada por pessoas
Desumanas e sem coração.

Aqui você passa mal
Não há ninguém para atender.
Todos dizem que é normal
Ninguém se importa com você.

As pessoas te exploram
E querem sempre ter razão.
A justiça te condena
Sem maior explicação.

Mesmo que o médico dê ordem
Para ninguém ela tem valor
Ao invés de ser acatada
Você sofre e zombam da tua dor.

Eles pensam que são “Deus”
Mas nada podem resolver
Só complicam a sua vida
Trazendo-te grande sofrer.

Se a justiça pudesse ver
O que fazem funcionários
Obrigam que o preso seja
Psicologicamente torturado.

A quem pedir ajuda?
Não há ninguém para atender.
Como sofre a prisioneira
Sem ter a quem recorrer.

Não nasci para psicóloga.
Não tenho a menor vocação
De ter do meu lado alguém
Que só faz reclamação.

Arruma confusão onde passa
Tira a paz dos sossegados.
Se aproxima da morte
E nos quer levar do lado.

Tem costume de humilhar
As pessoas do seu lado
Depois fazem-se de vítimas
Para sair da confusão.

Batalhei por muito tempo
Para ter paz, tranquilidade
De repente, apareceu
um problema complicado
Arrumaram confusão e sobrou
pro meu lado.

Veja que situação
Me trouxe uma funcionária
Deixou um grande problema
Para que eu possa contorná-lo.

Ainda bem que as detentas
A mim tem consideração!

Maldito seja o homem
Que eu tenha confiado
Que do céu desça fogo
E queime os seus pecados.

A vida da prisioneira
É feita de ilusão
Os que fingem ajudar
Só trazem decepção.

Somos nós, dia a dia
Rejeitadas por alguém.
Não devemos esquecer que um dia
A sociedade nos rejeitou também.

O crime de cada um
Só a Deus cabe julgar,
Mas dentro de um presídio
Há juiz por todo lugar.

Os que vivem numa cela
Difícilmente se alegrarão
Choram dia e noite.
A vida perdeu a razão.

O que faz a sociedade
Para ajudar o necessitado?
Nada!!! Colocam-no na prisão
Para que sejam por outros castigados.

Já não suporto viver
No meio da falsidade
Pôxa meu amigo!...
Que lugar para ter maldade!

Muitos não sabem viver
Dentro de uma prisão
Arrumam para sua cabeça
E ao outros trazem complicação.

Estou dentro da prisão
Procurando a saída
Mas sei que somente Deus
Pode guiar a vida.

Quem pensa e acredita
Que o preso é feliz
Tire a ideia da cabeça
Aqui dentro só há infeliz.

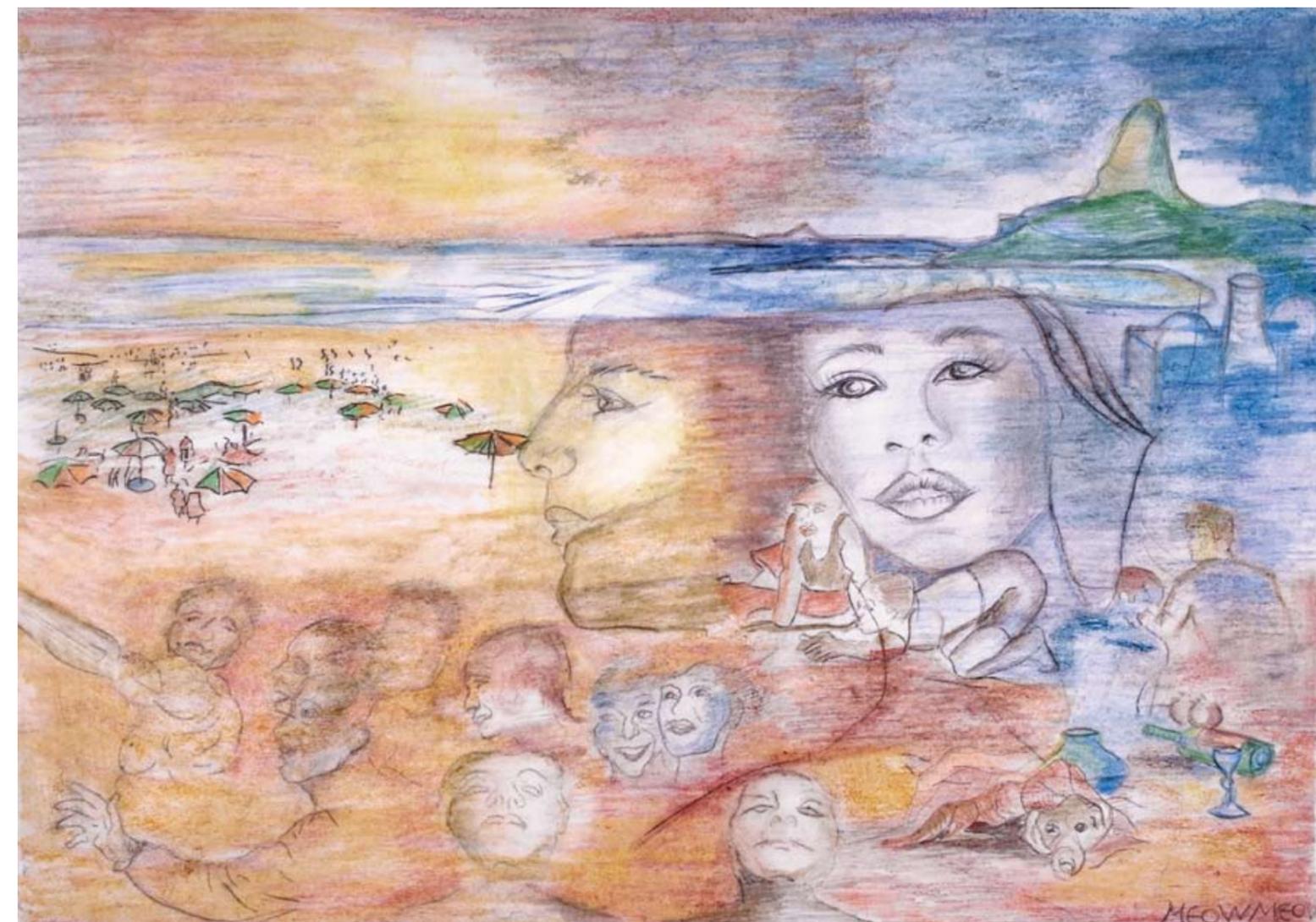
A cadeia é um labirinto
Onde um dia eu vim pagar
Pelos crimes que me deram
E fui obrigada a aceitar.

Mediante tortura
Os crimes eu assinei.
Um dia, diante da morte
Jesus eu encontrarei.

MARIA LUCIA DA SILVA,
menção honrosa,
Penitenciária Feminina da Capital

GILENE DE ALBUQUERQUE,
menção honrosa,
Penitenciária Feminina do Tatuapé





▲
CHARLOTTE MARGIT PAYNE,
selecionada para exposição,
◀ *Penitenciária Feminina do Tatuapé*

{CONSCIÊNCIA}

O que fazer quando estamos frente à frente com um obstáculo e não conseguimos passar por cima.

Ou quando estamos tristes e ninguém vê o quanto precisamos de atenção e nos encontramos sozinhas diante da vida...

Talvez o mundo não esteja nem aí pra mim, mas eu vou à luta e corro atrás, pois nele eu encontrarei o que me completará.

Todos os dias, a cada raio de sol eu nascço para a vida e no decorrer do dia cresço no meu aprendizado. Ao anoitecer, quando as luzes se apagam, mais um dia se foi embora e eu tiro o máximo de bom de tudo o que eu aprendi. Mas é na noite também que me lembro das minhas tristezas, de tudo e de todos que me abandonaram, assim morro.

Aí eu me pergunto: “Eu vivo a experiência ou eu sou a experiência?” Não sei ao certo.

Vivo obcecada pelos mais loucos desejos insaciáveis no momento, mas não impossíveis. Porém o medo de me deixar levar por uma experiência, que às vezes se resume em sentimento enganoso, me traz o medo de lutar e não encontrar o que procuro.

É por causa de uma experiência que me encontro viva. Tento da melhor forma encontrar respostas.

Porém não me resta nada a não ser a lembrança do teu sorriso que me traz a tranqui-

lidade. E tentar esquecer, pois essa experiência não deixou nada além da saudade.

Então reflito: estou viva! Procurarei minha paz interior, buscarei a felicidade e ela me trará a liberdade de sonhar novamente! Me avalio, estou me tornando uma sábia? Será que aprendi a lidar com os dias e as noites?

Vou até o meu subconsciente para ver se tenho ou encontro uma luz... e nada...

Largo todos os sentimentos ruins de lado, apenas procuro trabalhá-los para que não me dominem novamente.

Largo-os sem vida, à sua própria sorte, pois esse sentimento, por ironia do destino, me fez sentar no banco dos réus!

Ganhei uma oportunidade...

Me dei uma oportunidade...

Por isso vivo intensamente, a noite me diz que sou importante!

E acordo com uma leve brisa tocando meu rosto, gelada mas suave como a madrugada, e com energia como os raios de sol, com toda delicadeza da vida, desperto com minha consciência dizendo que nunca é tarde para recomeçar.

D.S.A, menção honrosa,

Fundação Casa - Internato Feminino da Mooca

*NILDA MARIA CUNEVA, >
VALDINETE MONTEIRO
DOS SANTOS NASCIMENTO,
MARIA CRISTINA VALLINI,
funcionárias, menção honrosa,
Hospital de Custódia e
Tratamento Psiquiátrico*





◀ VANESSA LEMA PAREDES,
menção honrosa,
Penitenciária Feminina do Tatuapé



LINA VERÔNICA SORIA ZAPPONI, ▶
premiada, Penitenciária Feminina da Capital

PATRÍCIA CHERYL DEWITT, >
menção honrosa,
Penitenciária Feminina da Capital





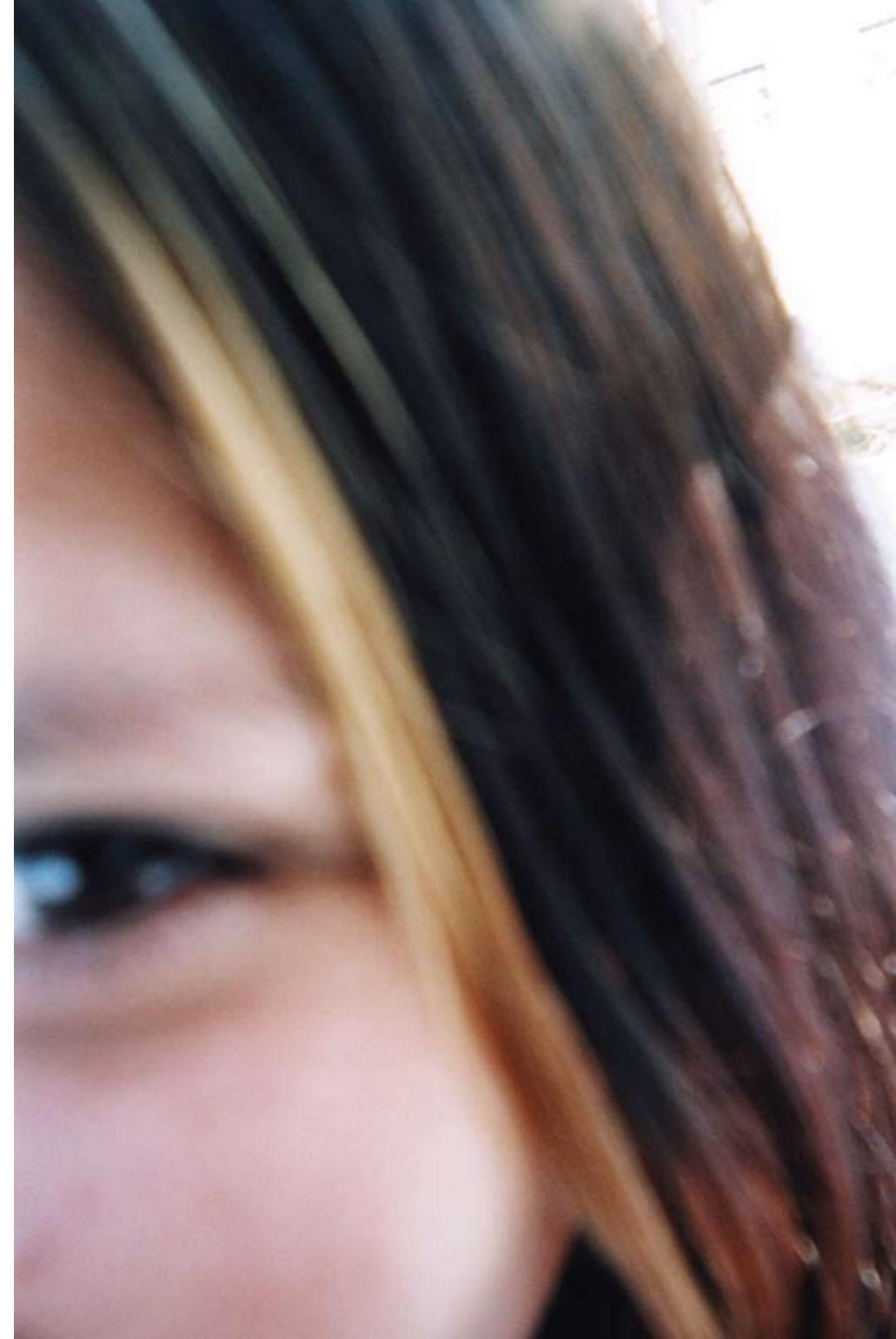
↑
LUCIANA BRAGA PRADO, selecionada para exposição,
Penitenciária Feminina do Tatuapé

R.S.F., premiada,
Internato Parada de Taipas ➤

{IDIOSSINCRASIAS}

Os anos sopram manias em nossa vida,
Costuram uma bagagem nominal.
Cada hábito, uma estratégia que nos convida
A ser melhor, ser mais, ser original.
São tantas preferências cultivadas,
Caprichos, exigências, seleções.
O crivo, as críticas afiadas,
Os célebres e imortais rabugentões.
Como esquecer do que gosto
Só por estar aqui?
Do que é bom não se esquece, aposto,
Trago comigo o sabor do kiwi,
Não abro mão de um banho,
De um bom papo comigo mesma.
Ali lavo cada sonho,
Ali eles se tornam uma certeza.

BEATRIZ DANTAS,
premiada, Penitenciária Feminina do Butantã





◀ YUN HEE CHU,
premiada,
Penitenciária Feminina do Tatuapé

{SKYLINE}

No meio da festa engulo a seco a pastilha entalada na garganta, enquanto sinto o cano frio do revólver na testa. Braços invisíveis me imobilizam e com o rosto colado à aspereza da parede, ouço o bater das algemas. Empurrado escada abaixo aos tropeços, quase beijo o chão da pista bombada de gente, que dança freneticamente ao som do Chemical Brothers. Chegamos na porta de saída e o vento gelado da madrugada reanima minha mente em choque. Do alto dos prédios, insone e impassível, a metrópole observa como grande esfinge: “Decifra-me ou te devoro”. O guerreiro que já havia transposto tantos portais, num momento de fraqueza se deixa aprisionar!

Rápida e eficiente, a viatura corta a cidade levando o ser transgressor, obstinado em seu nato instinto de rebeldia, ao encontro de seu trágico destino. Em flashback revejo algumas cenas de infância: as primeiras descobertas e a sensação torturante de ter nascido diferente. Na skyline da transsexualidade fui gerado, no momento exato em que um meteoro cruzou os céus e se alojou profundamente no solo da pacata cidade onde nasci. Tendo que conviver precocemente com as adversidades, tornei-me um adolescente introvertido refugiado entre os livros, meus fiéis companheiros.

Depois a faculdade e as primeiras incursões ao mundo da noite e, na sequência, o contato fatal com as drogas. Comecei a trabalhar em bares e casas noturnas e aprendi a me turbinar para me manter acordado até as sete da manhã. Fui surpreendido no momento em que engolia mais uma pastilha e oferecia outra para o meu colega.

Chegamos ao grande edifício e o escrivão de plantão faz um longo discurso a respeito dos vários itens que contém o artigo 12 e sou informado que oferecer entorpecente gratuitamente também é tráfico! Algemado rente ao chão, sou obrigado a permanecer deitado com o braço suspenso, enquanto um frio intenso penetra meu corpo até os ossos, e a mente ainda entorpecida divaga sobre como os animais selvagens são capturados, pássaros engaiolados, peixes fisgados, cachorros acorrentados...

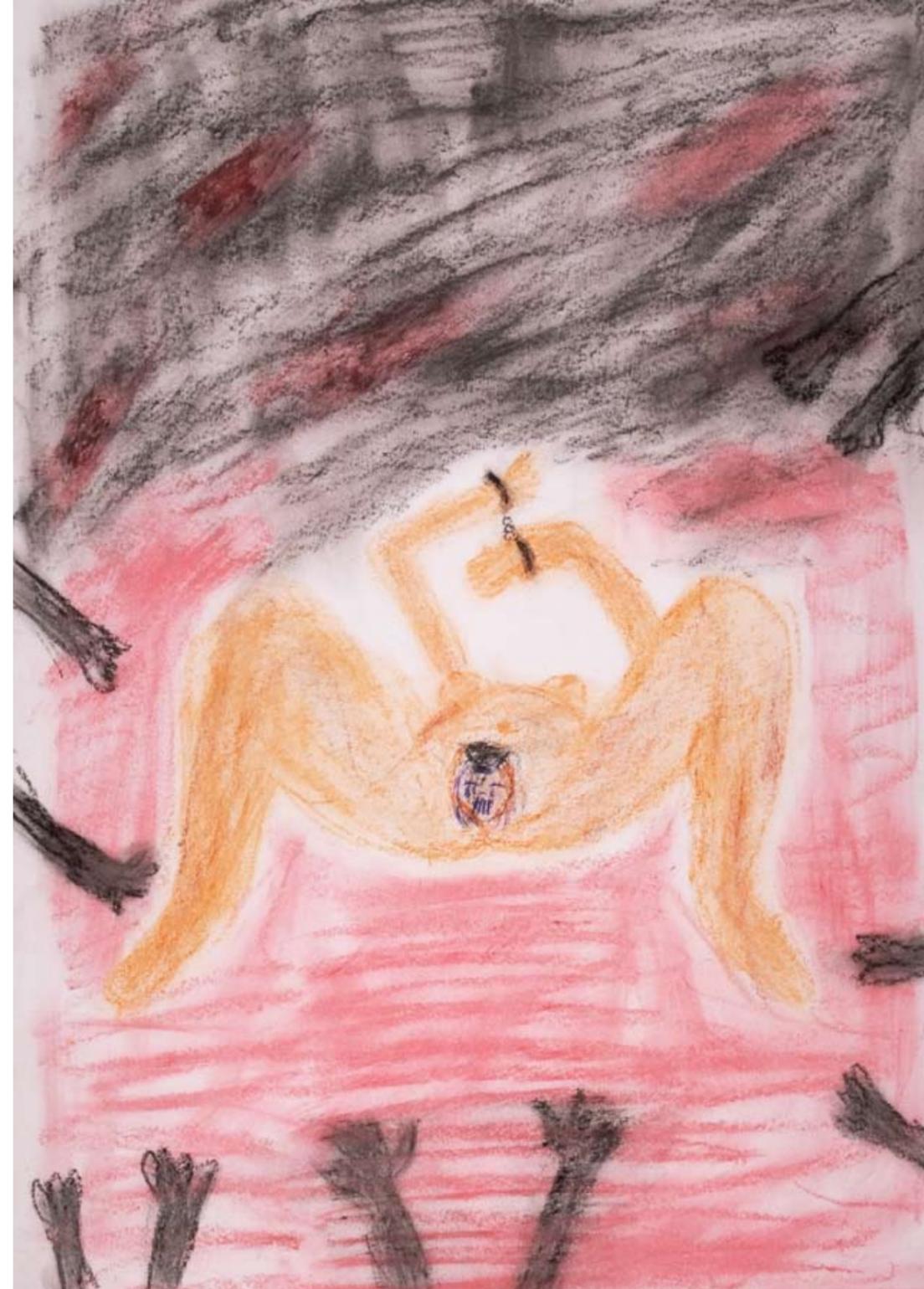
O guerreiro está aprisionado mas não derrotado; apenas perdeu uma das muitas batalhas que estão por vir. Na imobilidade do cárcere, reavalia suas estratégias e sabe que agora está em solo inimigo e, de guerreiro passa a guerrilheiro na estratégia da inteligência, onde o jogo é de paciência e resistência.

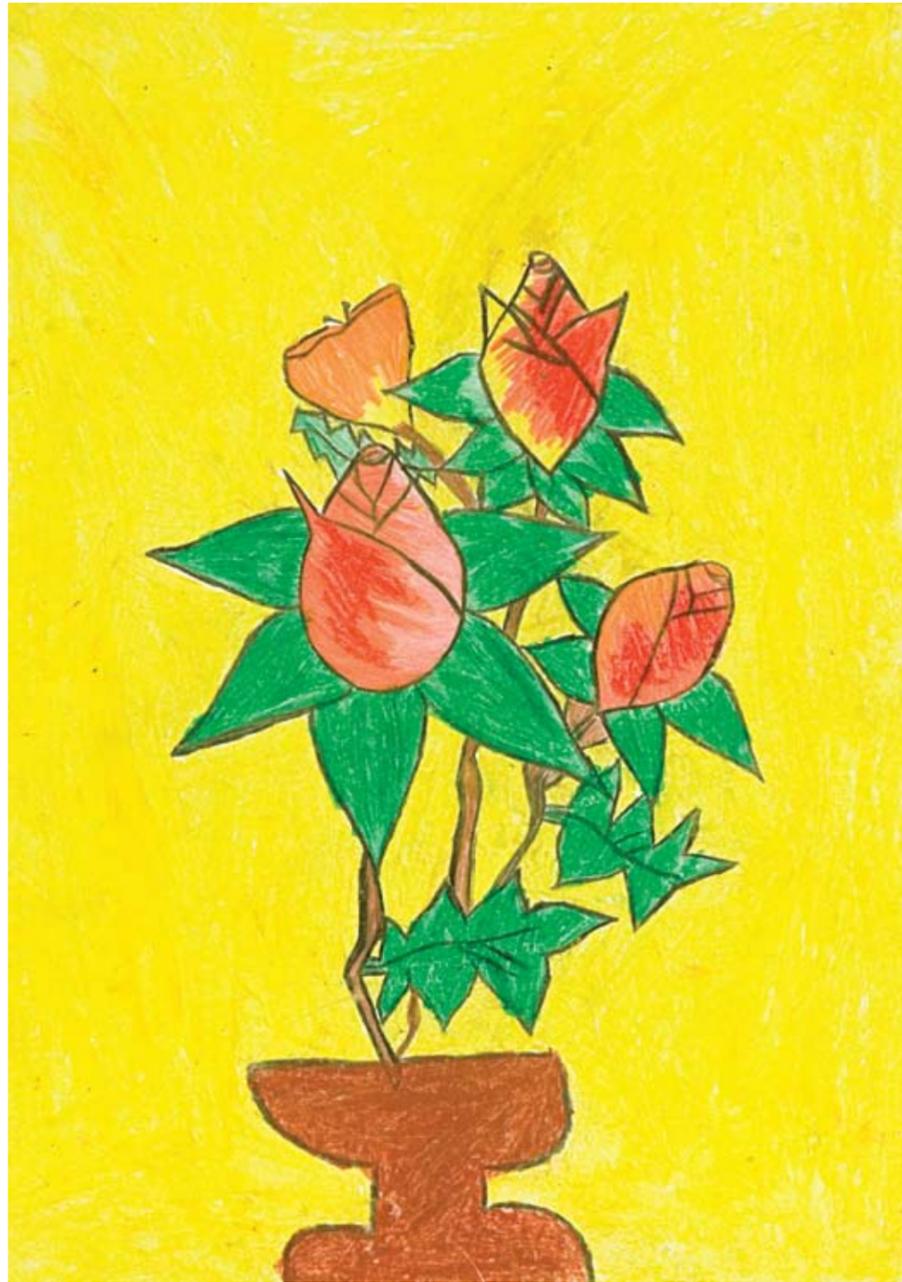
LOURDES HELENA MOREIRA,
premiada, Penitenciária Feminina do Tatuapé



◀ MEIRE MARIA DA SILVA OLIVEIRA,
Penitenciária Feminina da Capital

MARIA ISABEL CASTILLO, ▶
*selecionada para exposição,
Penitenciária Feminina do Tatuapé*

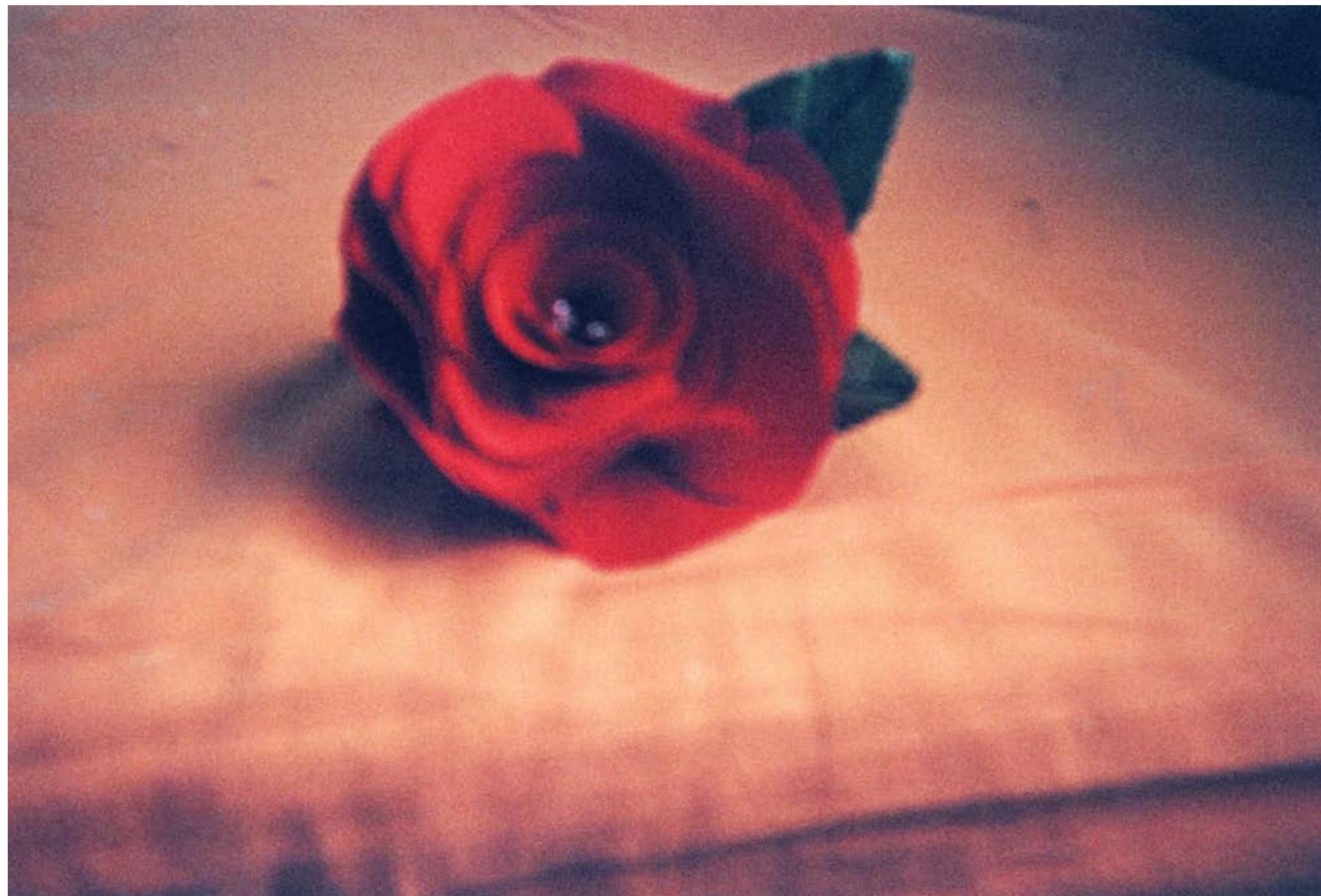




← M.S.N.
Internato Feminino Mooca

S.R.C., Unidade de
Semi-liberdade
Feminina Miosótiis





▲ **SÔNIA MARIA DOS SANTOS**, funcionária, premiada,
Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico

{ NÃO TIVE ESCOLHA }

Há nove anos, Ketlim vem sofrendo sem saber o que fazer para esquecer o seu passado. Prepare-se para uma longa e emocionante história. Ketlim é uma menina doce, porém alegre e divertida, até aparecer em sua vida um homem para mudar tudo e tornar sua vida um inferno. Um certo dia, Ketlim ficou na sua casa sozinha, sua mãe havia saído para o trabalho. Dona Marli trabalha de doméstica em casa de família e seus irmãos estavam estudando. Porém Ketlim estudava no período da tarde, ficou em casa fazendo os serviços para sua mãe, até que chegou o horário do almoço e seu padrasto chegou para almoçar.

- Ketlim, ô Ketlim!
– Já tô indo, tô pegando o lixo do quintal.
– Anda logo que eu não tenho o tempo todo não, menina.
– Ai meu Deus! – sussurrou Ketlim – Senhor?
– Você esquentou o arroz?
– Esquentei. Por quê?
– Porque não parece. O que você está fazendo?
– Eu estou limpando o quintal, que está uma imundície.
– Vai no bar do Bigode pra mim e compra dois sacos de fubá, pra eu fazer uma papa pro louro e pra maritaca.
– Agora? Mas eu tô suja, eu estava mexendo com terra, com sujeira...
– O que que tem?
Ketlim se pôs a caminho do bar, com vergonha entrou, pediu o fubá e voltou rapidamente. Assim que chegou, Ketlim disse ao seu padrasto:
– Dito, deixa eu ir na casa da minha vó?
– Vai, mas toma banho primeiro, porque você está suja.
– Eu levo minha roupa e tomo banho lá.
– Não. Você vai tomar banho aqui. Você tem casa,

por que vai tomar banho lá? Se você quiser ir, você é que sabe.

Ketlim, na inocência, foi em seu quarto, pegou sua toalha, dirigiu-se até o banheiro e tomou tranquilamente seu banho. Acabado o banho, Ketlim foi até seu quarto para trocar de roupa.

Ketlim abriu a gaveta de uma cômoda preta, com um imenso espelho na frente, para pegar sua roupa quando, de repente, ela olhou no espelho e viu seu padrasto no alto da parede, bem no cantinho, espiando ela trocar de roupa.

Ketlim, rapidamente, pegou uma camiseta, uma bermuda, pôs e saiu pela porta da cozinha. Quando chegou na frente da sua casa, Ketlim saiu correndo, assustada. Quando estava longe, olhou para trás e viu seu padrasto na frente da casa, gritando:
– Ketlim, vem aqui, Ketlim!

Ela nem deu ouvidos e correu para a casa da sua avó. Chegando lá, Ketlim gritou:

- Vó, vó!
– O que que foi, menina?
– Vó, aconteceu uma coisa, me ajuda.
– Calma Ketlim. O que foi? Você tá branca...
– Vó, o Dito, o...

- Que que tem o Dito?
– A senhora não vai falar pra ninguém?
– Não, meu amor. Vem aqui, senta, você tá gelada! Calma, fala o que aconteceu.
– Vó, a mãe não tá em casa, nem a Keite e nem o Kleiton. Eu tô sozinha. Aí, o Dito chegou pra almoçar, eu fui no bar pra ele, comprar fubá. Quando eu voltei, pedi pra vir aqui pra sua casa, ele mandou eu tomar banho, porque eu tava limpando o quintal e me sujei; eu tomei banho e quando eu fui me trocar, ele estava me espiando.
– Barbaridade! Aquele cachorro, safado, cretino, fez isso com você? Quando sua mãe chegar, nós vamos falar pra ela.
– Não vó, ela não vai acreditar em mim!
– Vai sim. Ela é sua mãe, Ketlim. Imagine que ela não ia acreditar...
Ketlim e sua vó, Dona Paulina, ficaram conversando até que Ketlim disse:
– Vó, eu vou na casa da Ju, tá?
E foi. Dona Paulina disse a ela para tomar cuidado e não demorar.
– Júúú..
– Vem aqui Kéti! (assim era o apelido de Ketlim).
– Jú, vamos pular elástico?
– Que pular elástico o quê, menina! – disse o irmão mais velho da Juliana, Edinho, o Eder.
– Quem falou com você, moleque?
– Ah não! Moleque? – replicou seu irmão Ailton.
– Vamos Keiti.
– Keiti? Eu não sou a Keite!
– Desculpa Ketlim, é que é igual.
– Não tem nada não Jú, vamos.
Ketlim, Juliana e outra menina, a Kelly, prima de Ketlim, estavam pulando elástico, até que a Kelly

disse:

– Olha lá Ketlim, não é a sua mãe?

Ketlim olhou assustada.

– É, é a minha mãe, eu tenho que ir embora, gente.

Ketlim saiu correndo, até caiu no chão, por ter se enroscado.

– Você se machucou, doida? – disse Edinho.

– Não, não, eu tô bem – e saiu correndo.

– Vó, vó, a mãe vem vindo. E agora?

– Calma, nós vamos falar com ela.

Passou uns sete minutos.

– Mãe, ô mãe!

– Tô aqui no fundo, dá a volta aí Marli.

– A Ketlim tá aqui?

– Tá Marli. Senta aí, que eu quero falar com você.

Ketlim ficou parada na porta de frente com o portão, ouvindo sua avó falar. Dona Paulina começou a contar o que havia acontecido.

– Mentira dessa sem-vergonha, mãe! Imagina que o Dito ia fazer uma coisa dessa com ela. Ele respeitava ela e a Keite como filhas dele! Cadê a Ketlim? Ketlim, vem aqui.

– Que foi mãe?– disse chorando.

– Você não tem vergonha na cara, não tem vergonha? Eu e o Dito trabalhamos que nem doidos pra te sustentar e você inventa isso?

– Eu não estou inventando nada, eu não precisaria mentir não, mãe...

– Eu sei o que você quer! Você quer é acabar com a minha vida!

– Para com isso, Marli! Ela é sua filha, Cristo! Você tem que acreditar nela! Eu acredito que ela não está inventando isso...

– É por isso que ela é assim! Tudo que ela faz, a senhora encobre.

– Cala a boca! Não fala assim com a minha vó! Se você não quer acreditar, tudo bem, mas não vem

maltratar minha vó, não!

– Vem aqui, que eu vou quebrar a sua cara!

– Mãe, se a senhora me bater por conta disso, eu vou revidar.

– Então vem aqui! Vem aqui, Ketlim!

– Não, minha filha, não vem não!

– Sai fora disso mãe! Ela é mentirosa!

– Mentirosa? Eu garanto que estou falando a mais pura verdade!

– Você que vê, sua à toa! Não corre não! Eu vou para casa que eu tenho mais o que fazer, do que correr atrás de você.

E assim Dona Marli foi embora e Ketlim se pôs a chorar.

– Eu sabia vó, que ia dar nisso!

– Sua mãe é louca, não liga não. Ela vai cair na real e acreditar em você, você vai ver!

– Vó, eu vou embora.

– Embora? Não vai agora não, espera!

– Não vó, eu vou embora para sempre!

– Embora para onde? Para com isso doninha, você só tem dez anos e não conhece a vida dura, você vai é caçar jeito de sofrer aí pelas ruas!

– Deixa vó! Chegou a hora de eu conhecer a vida dura.

– Que deixa o quê! Vem morar comigo, eu estou sozinha e você vem para cá.

– Não. Eu vou embora e nunca mais vou ver a senhora – disse Ketlim, tudo isso chorando – Eu vou ali na casa da Ju, eu tenho que falar com ela.

– Vai, vai distrair a cabeça que é melhor!

Ketlim foi à casa da sua melhor amiga.

– Júú! Edinho, chama a Ju pra mim?

– O que que foi? Você está chorando?

– Não. Chama a Ju pra mim.

– Vai lá, entra lá !

– Licença...Ju!

– E aí, Kéti? O que que foi aquele barulho na casa da sua avó?

– Minha mãe, nós discutimos.

– Iiii... chato, né? Mas não fica assim não, no que você precisar eu estou aqui para te ajudar.

Bem ao lado, Genivaldo e Edinho estavam tossindo e fazendo uns gestos estranhos com a mão, pois estavam se drogando (fumando maconha).

– Ju, o que os meninos estão fazendo? Olha lá, o que é aquilo?

Juliana, tentando disfarçar disse:

– Sei lá. Devem estar zoando, eles são loucos!

– Eu vou lá.Vamos?

– Não Ketlim, melhor não. Deixa eles.

– Eu vou...O que vocês estão fazendo?

– Vai pra lá menina, o que você quer aqui?

– Eu quero saber o que vocês estão fazendo. Nossa, não acredito! Vocês estão fumando maconha? Credo!!

– Normal – disse Genivaldo.

– Que normal o quê, moleque!

– Vai pra lá Ketlim, anda! – disse Edinho.

– Me deixa! Por que você quer tanto mandar em mim, caramba?

– Aí Ketlim, só estou falando pro seu bem – disse Edinho.

– O meu irmão é gamadão em você, Ketlim. Ele só não te namora porque você é criança. Ele está esperando você pegar idade, por isso você não vê ninguém com ele, ele só quer você.

– Para com isso Genivaldo!

– Mas é verdade!

– Deixa eu ir para lá – disse Ketlim.

– Ju, seu irmão Genivaldo disse que o Edinho gosta de mim. Acredita nisso?

– Acredito. É verdade Ketlim, ele gosta de você e só não fica com você por você ser muito nova. Você tem

dez anos e ele dezessete, por isso ele não chega.

– Ah! Eu nem quero saber; o que me preocupa é minha mãe. Ju, eu vou pra casa, amanhã eu volto pra cá, pra conversar.

– Tá bom Kéti. Vai com Deus!

Ketlim foi na casa da sua avó, para se despedir.

– Vó, tô indo pra casa, tá?

– Tá! Qualquer coisa você volta, hein?

Ketlim foi embora. No caminho seu coração batia forte de medo. Ao chegar, ela entrou no seu quarto, não viu ninguém e começou a arrumar suas coisas dentro de uma bolsa enorme.

– Kéti, onde você vai? O que você tá fazendo? Pra que essas roupas?

– Eu vou embora Keite!

– A mãe e o Dito estavam falando de você. O que aconteceu Kéti? Eles brigaram...

– Aconteceu que... – e Ketlim começou a contar pra sua irmã o que houve, até que foram interrompidas.

– Chegou? O que você falou pra sua mãe?

– O que aconteceu. Eu falei isso.

– E o que aconteceu? Eu não sei o que aconteceu, só sei que você roubou o dinheiro da minha jaqueta, pra comprar droga. Eu sondei você e peguei!

– Mentiroso! É mentira e você sabe da verdade melhor do que eu.

– Agora eu sei, né? Sei mesmo. Te peguei!

– Você é cínico, seu falso, mentiroso!

Dito foi pra cima de Ketlim, querendo bater nela com um pedaço de mangueira.

– Para Dito! Você vai machucar a minha filha!

– Para Dito! Solta minha irmã!

– Deixa. Deixa ele me bater...

– Para pelo amor de Deus, Dito. Mãe, ajuda a Ketlim!

Ketlim estava passando por um sufoco naquela

hora, até que Edinho e Genivaldo, que estavam passando por ali, ouviram as vozes altas que vinham da casa de Ketlim e resolveram invadir.

– E aí Dito? O que tá pegando?

– Edinho, leva o Dito daqui, por favor!– disse Keite apavorada.

– Vamos aí dar uma volta, Dito!

– Que volta o quê! Eu vou é acertar os passos dessa sem-vergonha.

– Olha maluco, eu não quero usar a força com você. Vamos de boa, vamos.

Dito saiu com os meninos, que perguntaram:

– Que tá pegando, maluco? Você teve sorte na vida, rapaz. Tem uma mulher que te ama e as filhas dela que não dão trabalho. O moleque, firmeza, ele pode até aprontar, mas é homem. O que você quer mais, maluco? – disse Edinho.

– É Dito. Pô, o que tá acontecendo? Fala aí prá nós – disse Genivaldo.

– Aquela safada! Rapaz, eu dou duro, trabalho como louco e a menina me rouba pra usar droga.

– Quem? A Ketlim? Mas ela é de boa dessas fitas aí, Dito. Eu nunca vi ela com essas coisas não, é conversa!

Dito, Edinho e Genivaldo estavam na esquina conversando, enquanto na casa de Ketlim estava a choradeira.

– Não chora não, Keite, um dia eu venho te ver.

– Não vai embora não, Ketlim, fica com nós!

Ketlim pegou sua bolsa, pôs nas costas e foi saindo.

– Mãe, fala pra Ketlim ficar, fala mãe.

– Deixa ela, ela sabe o que faz...

– Kéti não vai não. Ô mãe, caramba, ela é sua filha!

– Keite, vem pra dentro, vem olhar o arroz que tá no fogo.

– Espera, eu já vou!

– Que ‘já vai’ o quê. É agora, anda, pra dentro, vem Keite.

– Vai ‘fia’, eu tô bem. Dá um beijo no Kleiton, tá?

Ketlim saiu triste, com os olhos cheios d’água, pensando no que aconteceu.

– Meu Deus! O que eu vou fazer?– pensou Ketlim, quando...

– Ketlim, ei Ketlim, espera aí!

– O que você quer, Edinho?

– Aonde você vai com essa mochila?

– Vou embora. Não dá pra mim ficar aqui, depois de tudo isso.

– Você vai pra onde? Me conta certinho o que aconteceu, que eu te ajudo.

– Não Edinho, deixa pra lá. Já passou.

– Ketlim, você tá usando droga, cara?

– Ah! Sabia! Até você acreditou nele!

– Não, eu não acreditei, me fala!

– O Dito me espiou trocar de roupa.

– Nossa! Que filho da p... Desculpa, mas que cara maldito, rapaz! Um cara desse merece morrer!

– Deixa pra lá. Minha mãe acreditou nele, deixa eles serem felizes, eu vou ficar bem.

– Vamos lá pra casa, você mora com nós lá.

– Não. Eu vou conhecer o mundo, vou aprender viver.

– Com dez anos, você pensa assim?

– Eu não tenho outra opção. Bom, Edinho, eu vou nessa. Tchau!

– Boa sorte, Ketlim volta pra nós, tá?

Ketlim saiu andando, seguindo seu rumo, pensando pra onde iria. Começou a chorar. Andou, andou, até que ela parou na pracinha da sua escola Francisco Teodoro, colocou sua bolsa no banco e sentou. Olhou para o céu e se pôs a chorar.

– Meu Deus, me ajuda! Eu estou aqui sozinha e

não sei pra onde vou. Me socorre meu Pai!

Ketlim chorou durante muito tempo, agarrada no retrato de sua mãe, seus irmãos e de sua avó. Passou-se uns minutos e do outro lado da praça, vinham vindo três pessoas. Ela olhou e percebeu que um deles, estava fumando um cigarro. Ela chamou:

– Moço, ei moço! – Pararam os três.

– Eu?

– É, você mesmo. Vem cá!

Quando chegaram perto, Ketlim viu que havia no meio uma mulher.

– Moço, desculpa o incômodo, mas você pode me dar um cigarro?

– Posso... Você tá chorando?

– Não.

– O que foi? Aconteceu alguma coisa?— disse a moça.

– Não, não é nada. Você tem horas, moça?

– Tenho, vai dar seis e meia.

Ketlim olhou para os rapazes e pra moça, viu que eles tinham tatuagens e que nunca tinha visto eles por ali.

– Vocês moram aonde?

– Nós moramos em Itapura.

– Itapura? Aonde fica essa cidade?

– Fica a duas horas daqui, perto da ilha.

Ketlim conversou com aquelas pessoas durante muito tempo, até que ela perguntou:

– Como vocês chamam?

– Eu me chamo Alex, ele Rafael e ela Mirian. E você, como você se chama?

– Ketlim.

– E o que você está fazendo aqui, sozinha?

– Eu tô encrocada. Briguei em casa e resolvi ir embora.

– Quantos anos você tem?

– Adivinha...

– Quatorze?

– Não, eu tenho dez.

– Sério?

Ketlim, Alex, Mirian e Rafael pegaram amizade e ficaram conversando até que a emoção tomou conta do coração de Ketlim e ela começou a chorar descontrolada.

– Epa! Que foi? Ah, não chora!

– Que foi? Fala pra gente!

– Sabe o que é? É que...

Ketlim começou a contar toda a verdade para eles e acabou assim:

– Agora eu estou aqui, sem saber pra onde ir. Choro por saber que vocês daqui a pouco vão embora e eu vou ficar sozinha outra vez.

– Você tem coragem de ir para Itapura com a gente?

– Não, eu não posso.

– Por quê? Você prefere ficar aqui?

– Não. É que eu não conheço nada, não seria bom.

– Olha, se eu estou te dando passagem para ir, eu te dou passagem para voltar. Caso você não se adapte, eu te dou passagem de volta.

– Não é isso, eu não posso ir!

– Você não pode ir, mas pode dormir aqui nesse banco, sozinha. É isso?

– Não. Eu não posso ficar aqui sozinha, mas não tenho outra escolha.

– Você tem sim! É só você querer ir com nós. Você vai ter tudo que você puder ter. Por que você não tenta?

– Tudo bem, Alex, eu vou. Mas se eu não me adaptar eu volto. Pode ser?

– Lógico que pode! Pra mim, tudo bem.

Ketlim, Alex, Rafael e Mirian partiram para Itapura. No caminho eles iam conversando e se conhe-

cendo melhor. Ao chegar na rodoviária, eles tiveram que esperar o ônibus chegar. Passando alguns minutos, chegou a hora de ir embora.

Ketlim olhou por todo lado, respirou fundo e disse:

– Vamos gente! O que tiver que ser será. Eu tô pronta para o que der e vier!

– Goste! É assim que se fala! Você vai ver, o Alex não está jogando conversa fora, ele vai te ajudar – disse Mirian.

Assim, entraram no ônibus para a viagem. Ketlim e Alex foram no mesmo banco e a Mirian e o Rafael sentaram juntos no banco de trás. Ketlim olhou para Alex com seus olhos cheios de água, bateu nela uma vontade de chorar, pois estava indo pra sempre dali.

– Graças a Deus encontrei vocês, pois não sei o que eu estaria fazendo naquela praça agora— disse Ketlim.

– Não pense mais nisso, agora você tá salva! Pense só que você não vai mais sofrer e nem ficar sozinha. Tá bom?

Ketlim queria não pensar em nada, mas quanto mais se esforçava, mais suas dolorosas lembranças a perseguiam. As paisagens passavam, Ketlim olhava tudo aquilo e se punha a chorar e a falar para si mesma:

– Talvez um dia eu volte, mãe. Para ver como tudo está por aqui. Deus, por favor, olhe minha vozinha, ajuda meus irmãos e me proteja.

Alex ficou olhando para Ketlim, querendo adivinhar o que se passava naquela cabecinha que estava longe. E se passou o tempo até que disseram:

– Chegamos.

– É aqui? Nossa, como é pequena!

– É. Você vai gostar daqui.

Passando em frente a uma padaria, Alex disse:

– Essa é a Itapão. Tem vários bailes aí. Olha naque-

la mesa, viu?

– Vi. O que tem ela?

– Aquelas pessoas são todas amigas minhas; lá está a Dindoglas, a Teka. Você vai conhecer todos.

– Vamos descer. Chegamos.

– Vamos!

– Nossa, mas que calor, cara! Parece até que está sol. Deus me livre!

Alex pegou a mochila de Ketlim e caminhou para sua casa. Mirian e Rafael também.

– Quando chegar em casa, você toma banho e nós vamos dar uma volta. Firmeza?

– Tudo bem, você é quem manda.

Depois de uns seis quarteirões, Alex disse:

– É aqui.

– Nossa! É pertinho da rodoviária, né?

Chegando, Alex levou Ketlim para o seu quarto, onde dormia com seu irmão, Rafael.

– Pega sua roupa e toma banho. Pode ficar à vontade, minha mãe e minha irmã não estão em casa. Só amanhã você vai conhecer elas.

– Não tem problema, vou tomar banho.

Ketlim pegou uma toalha e foi para o banheiro tomar banho.

– Achei essa menina legal. Além disso, ela é linda, né Alex?

– É Mirian. Não esqueci ainda como ela estava quando a encontramos.

– Coitada! Além de falar a verdade, passou por safada!— disse Rafael.

– Não contem para ninguém sobre isso! Não ficaria legal pra ela, temos que fazer ela se sentir bem, para que ela não sofra mais.

– Por mim, tudo ótimo! Boca de siri.

– Por mim, tudo bem!

Ketlim terminou seu banho, se enrolou na toalha e foi para o quarto se vestir. Pegou uma saia curta,

seu tamanco, uma blusinha curta de alcinhas e se arrumou. Ela ficou linda, afinal era um passeio que ela ia dar, por isso se maquiou e soltou seus cabelos que vinham ao ombro. Ketlim só era nova na idade, tinha dez anos mas parecia uma menina de dezesseis ou dezessete anos, com uma inteligência, enorme força de vontade e esperteza.

– Vou ver se a Ketlim acabou.

– Vai Mirian!

– Ketlim...

– Oi. Entra aqui.

– Nossa, como você tá linda! Arrasou. Tá linda!

– Obrigada Mirian. Seu nome é Mirian, né?

– É, meu nome é Mirian. Olha, nem parece aquela menina que eu vi. Ficou diferente bem arrumada.

– Bobagem. Só me maquiei e troquei minha roupa velha, por uma nova!

– Podemos ir, Ketlim?

– Claro! Vamos.

– Olha aqui, Alex. Conhece Fael?

– Nossa! Que gata!

– Ficou lindona, hein Ketlim?

– Ai gente, que vergonha. Obrigada.

– E aí? Vamos?

– Demorou. Vamos sim.

Ketlim, Alex, Mirian e Rafael foram se divertir. Chegaram na padaria e estava tendo um baile-forró, com um cantor que anima todos os sábados e domingos. O grupo chama-se Som Brasil. Ketlim ficou admirando o lugar, até que Alex a levou em uma mesa, onde havia várias pessoas.

– E aí Aleconde? Firmeza?

– Firmeza William. E aí Lindó? Teka, tudo em cima? Deixa eu apresentar, essa é a Ketlim, Ketlim, esses são meus amigos – Alex apresentou Ketlim a todos.

– Alex, por que te chamam de Aleconde?

– Ah! Esse é o meu apelido aqui.

Passou um tempo, Ketlim se divertiu, pegou amizade com todos, dançou bastante, esqueceu do seu mundo desabado. A primeira noite foi assim, feliz e divertida para ela e para o resto do pessoal.

No outro dia, Ketlim conheceu a mãe, a irmã e o padrasto dos meninos. Percebeu que a Mirian não morava com eles, pois ela era só uma velha amiga, nunca tivera nada com eles. A mãe de Alex aceitou Ketlim numa boa, mas disse:

– Eu não quero problema pra mim!

– Tudo bem, Titina! – era assim que Alex chamava sua mãe, dona Cristina.

Luzia, a irmã, e Antônio, o padrasto, apelidado de Caraca, aceitaram numa boa. Tinha outra Luzia, a Morena (assim era seu apelido), morava lá também, ela era amiga da Luzia, que a pôs na casa. Ketlim estava bem, tinha suas tristes lembranças, mas estava feliz.

Itapura era pequena, mas tinha uma praia muito boa e de quinta a domingo tem pagode para os seus habitantes. De sexta a domingo havia forró no salão comunitário, na lanchonete do Fernando Pôr-do-sol, na padaria Itapão, do Joãozinho e também baile, todo sábado, na praia. Itapura era uma cidade animada e Ketlim se deu bem com todos que ali moravam.

Passou um mês e Ketlim já se adaptou. Estava com forte amizade com a Mirian, a Suellem, a Talita, a Michely, a Teka e a Lindó. Elas só andavam juntas, pra todo lugar.

Alex estava apaixonado, mas não tinha coragem de dizer.

– Nossa Faelzinho, que eu faço cara? Me apaixonei pela menina e não posso falar!

– Por que não pode? Se abre, rapaz!

– É. Hoje na praia vou falar com ela.

Ketlim que tinha ido na casa da Mirian, voltou para casa.

– Oi! Cheguei.

– Oi.

– O que foi Alex? Você está estranho...

– Nada, não é nada não.

– É sim Ketlim! Ele está com vergonha.

– Cala a boca, Rafael!

– Mas é verdade!

– Fiquei curiosa. Não precisa ter vergonha, Alex. Fala, o que é?

– Dá licença, Fael, deixa eu falar com ela. Sabe o que é Ketlim, eu estou gostando de você.

Alex abriu o coração para Ketlim, que ouviu tudo com atenção.

– Era isso? E você com vergonha? Eu também estou gostando de você, já tem um tempo!

– Não acredito! Jura? Então se eu te pedir em namoro, você...

– Aceito. Lógico que eu diria sim!

– Então, já é.

– Legal!

E já que confessaram estar apaixonados um pelo outro, começaram a namorar. Eles já dormiam juntos, há um mês, na mesma cama, mas nunca houve nada entre os dois, se respeitavam como se fossem irmãos.

O tempo passou, e no aniversário de onze anos de Ketlim, eles estavam juntos há três meses. Ketlim e Alex estavam cada vez mais apaixonados e loucos de amor, um pelo outro.

Ketlim não imaginava que o pior estava por vir. Sua felicidade era tanta, que não pensava em mais nada. Já fazia três meses que não via sua família, mas estava completamente satisfeita e feliz. E assim o tempo foi passando, Ketlim junto com Alex, fizeram um ano e cinco meses de namo-

ro. Eles nunca se separavam, aonde ele estava, ela estava junto. Aonde ela estava, ali estava ele. Para tomar banho, era juntos. Para comer, era juntos. Sair na rua, juntos. Tudo era os dois, já não tinha jeito, acostumaram assim, um pelo outro.

Mas a felicidade durou apenas um ano e cinco meses. Ketlim tinha onze anos, Alex, dezoito. A vida deles era amar, um ao outro. Até que, um dia, Alex chamou Ketlim para um passeio de rotina, ir na casa da Lindó. Ketlim aceitou o convite.

– Vamos sim, Alex.

– Depois que formos lá, eu quero te mostrar uma coisa.

– O que é? Me fala!

– Não. É surpresa.

– Alex, você vai sair? – disse sua mãe.

– Vou Titina, vou na casa da Lindó, mas nós voltamos logo.

– Volta logo! Vocês vão é andar a tarde toda!

– Ôxe Titina! É doida? Lógico que não, nós só queremos assistir ao filme da tarde.

Alex e Ketlim já estavam a caminho, quando...

– Espera aqui um pouco. Já volto.

– Rafael, cadê o meu coturno?

– É eu é?

– Cadê maluco, o barato?

– Eu troquei Alex, mas eu vou pegar de volta!

– Você o quê? Trocou? Você não tem jeito, né maluco?

Pof-Pof. Alex começou a brigar de porrada com o Rafael, dando-lhe pontapés, socos.

– Eu quero meu coturno aqui!!!

– Eu vou pegar! Para mano!

Ketlim que estava esperando Alex, ouviu o barulho e correu para dentro para ver o que estava havendo.

– Hei! Para com isso! Alex solta ele, você vai ma-

chucar seu irmão!– disse dona Cristina que acabara de chegar. Alex soltou seu irmão e saiu.

– Vem Ketlim, vamos!

– Alex, o que foi? Por que vocês dois quase se mataram lá dentro?

– O Rafael tem mania de trocar as minhas coisas, eu fiquei louco com ele, já é a quinta vez que ele faz isso.

– Calma... Não fica nervoso não... Já passou...

– Só você Ketlim, me deixa calmo e feliz. Por isso eu te amo, eu te amo demais linda, vou amar para sempre.

– Eu também te amo D+, D+.

Ketlim e Alex foram para a casa da Lindó. Ketlim foi conversando com Alex, até que chegaram.

– Negão, a Lindó tá aí?

– Tá sim, mas tá dormindo.

– Que chato!

– Vamos embora Alex então.

– Vamos sim. Negão, fala pra ela que nós viemos aqui, firmeza?

– Falou Aleconde! Valeu Ketlim!

– Tchau! Valeu Negão!

Ketlim e Alex voltaram para trás. Ketlim olhou pra rua de cima, e..

– Ó lá! Não é o Rafael? Chama ele Alex.

– Que chama ele o quê! O que eu quero com ele?

– Aii! Alex, chama ele e pede desculpa.

– Eu não! O que que você quer tanto assim com o meu irmão, hein?

– Eu? Nada. Você é que tinha que querer, não eu. Desculpas às vezes é bom, Alex!

– Deixa o Rafael pra lá, vem cá!

– De quem é essa casa?

– É nossa! A semana que vem, nós vamos vir morar aqui.

– Jura? Quem deu essa casa pra você?

– É do Djalma. Ele me deve e como pagamento vamos ficar nela um ano, sem pagar aluguel.

– Ai, que maravilha! Adorei!

Ketlim ficou muito feliz com a surpresa de Alex, mas ele não imaginava o que estava para acontecer.

– Eu te amo Alex, como eu amo minha mãe. Você é tudo pra mim, eu não quero te perder nunca!

– Nem eu, princesa! Vamos embora.

– Vamos. É, nós só vamos vir para cá na semana que vem.

– É! Nós não temos nada, ainda.

– Tá bom. Eu espero, lindo.

Ketlim e Alex fecharam a casa e foram abraçados embora.

– Alex, será que a Titina vai gostar?

– Lógico que vai! Nós vamos cuidar da nossa vida.

Ketlim e Alex chegaram a um orelhão perto de casa, faltavam apenas três esquinas para chegar. De longe, vinha vindo um carro de polícia. Eles nem imaginavam o que estava por vir. O carro chegou perto, Cristiano, o investigador, e o PM Lima desceram da viatura. Cristiano já foi em cima de Alex, dando-lhe porradas e rasteira. Ketlim foi empurrada, mas não caiu. Alex caído no chão, levando bicuda.

– Para com isso! Para! Solta ele! O que está acontecendo moço? Larga ele!

Ketlim gritava, partindo pra cima de Cristiano e segurando ele. O outro policial agarrou Ketlim.

– Sai pra lá, menina!

– Me solta!!!

Ketlim gritava e chorava, não sabia o que estava acontecendo. Alex estava no chão, só que agora algemado, com o queixo ralado e a boca cortada.

– Vem, vamos pra delegacia. Te peguei, né Alex?

Ketlim foi até perto do carro e disse:

– Alex, o que está acontecendo? Fala!!

– Eu não sei, Ketlim, eu não sei. Vai pra casa, avisa minha mãe. Me espera! Daqui a pouco eu estou em casa.

– Por que você vai pra delegacia? O que houve?

– Eu não sei, minha princesa.

– Sai daí que eu vou fechar!

O policial fechou o camburão e encaminhou Alex. No caminho até a casa de Alex, Ketlim corria, corria, até que chegou.

– Titina! Titina! Pegaram o Alex e o levaram pra delegacia, vamos pra lá!

– Já vou. Só vou desligar o feijão e vou!

Ketlim voltou correndo para trás e foi pra delegacia. Chegou na praça da cidade e ficou perdida. Chorava muito. Pensou no Rafael e foi atrás dele. De longe, viu ele soltando pipa.

– Rafael! Rafael! Levaram o Alex!

– Pra onde?

– Pra delegacia. A polícia pegou ele na rua.

– Vamos pra lá!

Ketlim e Rafael correram para a delegacia. Quando chegaram lá, tinha duas mulheres dentro de uma salinha com um policial. Uma das mulheres se chamava Diva e a outra Teresa. O policial Zé Magri, que estava com elas, viu Ketlim e Rafael.

– Cadê o Alex? – disse Ketlim.

– Calma querida, não é assim que se fala não.

– Ah é? Então como eu devo falar?

– Você tem que pedir licença– disse Magri.

– Pelo amor de Deus! Faça-me o favor!

– Você é a Ketlim, né?

– Rafael! Me acompanha aqui – disse o policial Manchão, que veio lá de dentro.

– Você entra aqui, mocinha!

Ketlim entrou, mas não entendia nada, não

sabia de nada.

– Qual é o seu nome?

– Você sabe, Diva! Por que pergunta?

– Pra dona Teresa te conhecer!

– Eu não vou falar nada!

Ketlim estava com raiva, pois Diva a conhecia. Sua irmã, Keite, já tinha morado com ela em Andradina.

– Fala menina o que eu te perguntar! Você não está aqui para um lazer!

– Eu não vou falar nada! O que vocês querem com o Alex e o Rafael? Eles não fizeram nada!

– Eles têm muitos problemas com a polícia, ou você não sabia disso? Lógico, você é santa, né boneca?

– Eu não sou santa, não! Mas os meninos, há um ano e cinco meses que estou aqui, não tiveram problema com polícia, não!

– Ótimo! Isso ajuda o Alex – disse Magri, num tom zombador.

Ketlim não falava mais nada, até que ouviu uma voz:

– Aiii! Bate, pode bater! Bate mais! É só isso que você sabe fazer! Bate!

– O que está acontecendo lá dentro?

– Nada. Está tudo sob controle!– disse Diva.

– Tudo sob controle? Me dá licença, eu não vou ficar aqui!

– Senta aí! – disse Magri.

– Não!! Sai da minha frente!

– Senta aí, menina!

– Eu não vou sentar! Sai!!

Ketlim e o policial Magri ficaram brigando na porta, até que Ketlim escapou e correu pra dentro da delegacia. Quando entrou na cela...

– Meu Deus! O que vocês fizeram?

Alex estava nu, do jeito que nasceu, todo machucado.

– Desgraçado! O que você fez? – disse Ketlim para o policial.

Quando Ketlim deu um passo, Cristiano sacou sua arma. Rafael estava ao lado, sendo segurado pelo policial Manchão. Cristiano apontou a sua sete-meia-cinco para a testa de Alex e deu um tiro à queima-roupa na cabeça de Alex. Ketlim vendo aquilo gritou aos prantos.

– Não!! Não!! Alex!! Você matou ele!

Correu pra perto de Alex, que ficou pendurado. Com o barulho, todos que estavam lá entraram na cela. Manchão abriu a algema. Rafael gritava muito.

– Meu irmão! Você matou meu irmão!

Cristiano saiu da cela e foi para uma salinha.

– Alex, meu amor! Fala comigo! Pelo amor de Deus, Alex! Não!! Não!! Alex, acorda por favor!

Ketlim chorava muito, não acreditava naquilo. Seu mundo acabou. A realidade caiu com tudo na sua cabeça.

Depois de meia hora, foram chegando os policiais da perícia, o conselheiro tutelar de Andradina, cidade onde Ketlim morava, o delegado de Pereira Barreto e a mãe de Ketlim com o representante do conselho tutelar. Eles entraram e pediram para Ketlim sair de cima do Alex.

– Não! Me solta, me deixa aqui!

– Vamos moça, a gente precisa ajudar ele.

Ketlim se levantou e ao levantar ouviu um barulho de chave. Pegou no bolso da calça de Alex a chave que mudaria as suas vidas, mas não foi o que aconteceu. Ketlim não parava de chorar. Quando saiu da cela, viu sua mãe, Marli.

– Mataram meu amor, mãe! Acabaram com a minha vida. Me ajuda, mãe!

Quando, de repente, chega perto delas, a Diva.

– Você está bem, Ketlim?

– Bem?? Maldita! Sua bruxa maldita! “Tudo sob controle!?” Tem um rapaz de dezoito anos morto lá dentro! Esse é o seu controle?

– Calma filha!

– Não mãe. Ela é a culpada!

– A Diva?

– Tá vendo? Minha mãe te conhece e você me segurando, querendo saber quem eu sou. Por quê? Por que você fez isso?

– Controle-se Ketlim!

– Sai daqui! Some! Saiiii!

Ketlim ficou descontrolada. Com muito ódio, chorava muito. Chegaram a mãe de Alex, com a irmã e o Rafael, que tinha ido buscá-las.

– Agora que você chega, sua maldita? Agora que seu filho morreu, é? Agora?

– Calma, Ketlim!

– Me solta, mãe!

– Eu não tive culpa!

– Por que você não veio, Titina? Por quê? Por quê? Me fala!

– Eles não me deixaram entrar. Disseram que o Alex era de maior.

– Mentira! Mentirosa! Falsa! Eu estava aqui o tempo todo!

– Ketlim, você está maltratando minha mãe! – disse Luzia.

– É Ketlim, calma! – disse Rafael – Nós estamos todos tristes.

– É? E por que vocês não estavam com ele quando a polícia pegou ele? Por que, hein?

Ketlim gritou, chorou, enquanto Alex era encaminhado para o hospital, para fazer autópsia e outras coisas. Mais tarde, Ketlim foi para a casa de Alex, ficou deitada na cama deles, chorando muito e esperando o velório. Chegada a hora, Ketlim foi à capela e ao lado do caixão dizia:

– Por que, Alex? Por que você me abandonou? O que vai ser de mim agora?

Muita gente foi ao velório. Amigos dele e amigos da família também. Passou o dia mais terrível da vida de Ketlim.

– Acabou tudo. Agora vou ter que ir embora! – disse Ketlim chorando – O meu pior pesadelo só está começando!

Ketlim foi embora com sua mãe, que tinha ido buscá-la. Seu padrasto estava lá, junto. Ketlim chegou na sua casa e sua família a recebeu bem, mas teve uma triste notícia: sua avó, dona Paulina, que não via há um ano, estava doente, com câncer no útero. Ketlim chorou, chorou, mas aprendeu a lidar com a realidade. Seu padrasto passou a respeitá-la e sobre isso ela passou uma borracha, para poder viver em paz com a sua mãe. Ketlim tem na cabeça lembranças do Alex e da sua família e sofre por conta disso.

Hoje, Ketlim está internada numa Febem. Entrou para o crime, tem várias tatuagens e várias passagens pela Febem.

Ela mudou completamente; virou uma menina fria, amarga e calculista. Mas Ketlim ainda tem um sonho: viver feliz, sem ter medo de andar pelas ruas e rever a sua família, que a apoia.

Sua avó faleceu quando Ketlim estava presa. Quando soube da notícia, Ketlim quis mudar tudo e voltar a ser aquela menina que um dia teve felicidade!

Essa história é uma história real, de uma garota que não teve escolha na vida. Tudo de bom que ela um dia teve tornou-se mau e cruel. Ketlim, na verdade, é uma menina chamada Verônica.

V. F. D. B.,
vencedora, Fundação Casa – Internato Parada de Taipas



R.A.O., selecionada para exposição,
Penitenciária Feminina da Mooca ➤





◀ VERA LUCIA CHAGAS DE OLIVEIRA,
menção honrosa,
Penitenciária Feminina do Tatuapé

Lá, do outro lado de minhas imperfeições, dúvidas e fraquezas humanas, não quero acreditar que o país é cheio de hipocrisias. A cada dia tomamos conhecimento de que surgem em todo o país, grupos dispostos a colaborar com sua ação na construção de um espaço justo, solidário e acima de tudo democrático. É a esperança de cada um, tentando e querendo vencer o medo.

Por outro lado, afloram debates acalorados sobre os mais variados assuntos (previdência, salário, miséria, fome, ambição e acima de tudo, justiça) tudo isso faz parte do debate democrático.

As diferenças e interesses individuais aparecem e temos que aprender uma vez mais, a conviver com a diversidade e a pluralidade. Viver em espaços amplos, onde o pouco é muito e o muito é pouco.

Há tempos, não se ouve outro assunto a não ser: Eu posso! Eu quero! Eu sou! Guerra de poder. Grande debate no campo social, político, econômico, religioso e ético.

É de se observar, que estou falando do mundo e da vida de cada pessoa, no seu ponto de vista crítico, na análise de acharmos que somos melhores em tudo. Ser tudo é o mesmo que sermos nada, pois os dois andamos lado a lado no cotidiano.

Quanta ambição que existe no eu de cada um de nós!

A realidade é clara, o confronto cresce a cada dia. Justificativas partem também da ambição. Estamos vivenciando mais que nunca nos últimos tempos uma grande guerra no poder da ambição. Estamos diante da guerra da CPI da concorrência.

A organização social, na colaboração para algo construtivo ou informativo, não segue sem ambição. A vida da gente, desde que nascemos e passamos a compreender o dia a dia. Então, já começamos a criar o começo sem limites só cresce a cada dia. Uma individualidade que faz falarmos o que temos.

Um mundo submisso, o medo de perder a disputa.

Tudo isso dói muito... Porque as pessoas estão perdendo a razão pessoal e disputando somente a concorrência. Parece nada de mais, valer seu preço. Isso eleva um índice para qualquer assunto, raça, religião, poder etc.

RAQUEL DA SILVA CARVALHO FERREIRA,
funcionária, selecionada para exposição,
Penitenciária Feminina do Tatuapé



MARIA AUXILIADORA ALEXANDRE DA SILVA, >
selecionada para exposição, Penitenciária Feminina da Capital

É evidente que ninguém se acha perfeito; não somos tudo o que sonharíamos ser, os sentimentos de inferioridade são inevitáveis. Nós notamos o que na realidade não enxergamos dentro de nós. É fácil julgar, dizer que fulano é egoísta e beltrano é interesseiro! Quando é que vamos deixar de acreditar na ambição e vivermos mais, nós mesmos?!

É preciso criarmos uma disciplina mental, para vencermos a ambição, que atrapalha e nos põe em guerra.

Seria a natureza perfeita se adotássemos esses dez mandamentos:

1. Não desejar mal ao próximo.
2. Respeitar a opinião de cada um.
3. Parar de valermos somente o que temos.
4. Aceitarmos ser nós mesmos!
5. Aplaudir e colaborar com grupos sociais.
6. Dar oportunidade a quem vale tão pouco.
7. Agradecer mais e pedir menos.
8. Aproveitar tudo o que a vida nos oferece.
9. Fazer da ambição uma simples passagem da vida.
10. Acreditar no mundo melhor para nós e melhor em tudo.

E assim vou amando, cada dia mais, tudo o que tenho e o que não posso ter; vou deixando a vida me levar... Conclusão para melhora de nós mesmos:

Contra corrupção: a maior parte de colarinho branco, mensalão; e quem vai tapar os buracos? Eles mesmos?

Eles próprios, pois conseguem alguns detalhes inteligíveis, que impedem da prisão.

Desigualdade social: o dinheiro roubado é dividido entre eles, que quanto mais têm, mais querem e o pobre não tem nem o que comer e quando consegue uma vaga para o mercado de trabalho acaba perdendo sempre para o concorrente que é indicado, na maioria das vezes, pelo próprio chefe e o pobre desempregado continua lutando para sobreviver.

Círculo privado: só participa quem os poderosos querem e o desempregado nunca é comunicado!

CLAUDELAINÉ DIAS DA SILVA, premiada, Penitenciária Feminina da Capital





↑ ELIZANGELA FABIANA GAMBOA VIRTUOSO, premiada, Penitenciária Feminina do Butantã



▶ A.N., C.A.J., T.T.S., selecionada para exposição, Internato Parada de Taipas

GRAZIELA DOS SANTOS, >
Penitenciária Feminina do Butantã





{ A VIAGEM DE TREM }

Estamos todos em uma viagem de trem, muitas vidas e muitas histórias também.

A viagem é longa, várias estações, todos descerão do trem na estação certa.

Desci na estação errada e me perdi, tive que voltar à seção de embarque e esperei o próximo trem. Quando entrei, encontrei viajantes diferentes do trem anterior, a maioria tem metas a seguir, cada uma com a sua estação, lugares e horários diferentes. Você pode fazer escolhas, você pode descer, mas dependendo do tempo e lugar, você pode se perder, mas continuar é a melhor saída.

Umás aproveitam a viagem bebendo, comendo, lendo um bom livro, observando de longe os acontecimentos, sabem pra onde vão e que caminho seguir, transmitem tranquilidade e o bom lado de um ser humano, choram escondidinhas e dizem que a viagem está sendo ótima.

Outras são confusas, preservam o estilo temperamental, choram descontroladas, têm medo do lado de fora.

Outras passam grande parte da viagem tentando chamar atenção, se esquecem facilmente da família que as esperam, querem descer do trem, não conseguem e choram, apelam entrando em desespero, vandalizando e arrumando confusão, mexendo em sentimentos e ferindo pessoas, estão sempre por dentro dos acontecimentos e gostam de ser populares, puxam tapetes e derrubam troféus, choram.

No último banco, perto da janela ficam as silenciosas, observadoras, tímidas, passam a viagem despercebidas, passam muito rápido por aqui, ninguém percebe que ela viajou como todas e chorou...

Tem aquelas que viajam contentes, satisfeitas, essas são raras, não se apegam em ninguém, falam bastante, sabem que seu destino será diferente, deixa alegria, autoestima e saudades por todo vagão, passam pouco tempo lendo, essas são marcantes. E quem fica no trem e

◀ **GLÁUCIA GONÇALVES MANFRIM,**
funcionária, selecionada para exposição, Unidade
de Internação Provisória Chiquinha Gonzaga

lembra delas chora...

Outras são sofridas, só ocupam o próprio espaço.

Tem outras que eu não conheci, não deixaram chegar perto, eram pouco comunicativas, dessas eu não tenho o que falar, não tive oportunidade.

A minha viagem continua e eu não sei quando minha estação chegará.

Todas fizeram algo, ouviram, sabem, escondem algo ou simplesmente são injustiçadas pelas circunstâncias.

Se trata de um passado recente, elas choram e outras lamentam.

Uma ação e uma reação, todas tripulantes em uma viagem que pertence a cada uma, mas que todos, todos são afetados.

A sociedade cobra, não sabem que elas querem voltar para casa, tem pessoas que as amam e as esperam, a viagem não termina, a estação demora a chegar, tem aquelas que passam e vomitam tudo que está entalado... me preocupo.

Da janela não consigo ver flores, não consigo ver crianças e nem idosos, então eu os imagino, utilizando itens da memória.

Lembro-me claramente das perdas, mas ai de mim, parar o trem e voltar atrás não é possível, a melhor saída é realmente continuar.

As tripulantes adoecem de saudade, mas não morrem, considero morta aquela que não sonha, aquela que não deseja chegar a lugar algum, que não tem esperança e não tem Deus no coração, essas são verdadeiramente mortas.

Pode até ser o final da minha viagem, mas será o início de outra, em outro lugar com outra pessoa...

A viagem continua.

E.V.S., vencedora,
Fundação Casa - Internato Feminino da Mooca



ROSEMARE APARECIDA DE ARAUJO, ▶
selecionada para exposição,
Penitenciária Feminina da Capital





◀ *A.R.S., selecionada para exposição,
Internato Parada de Taipas*

{ A ESPERAR }

Você me esperou nove meses
me ensinou tudo que sei,
andar, falar, me expressar.
Lutou pra que fosse alguém na vida.
Então cresci,
me desviei de você, seu colo, seu carinho,
deixei seus ensinamentos de lado,
comecei a pensar diferente!
A crer que já estava pronta pra vida!
Que não precisava mais de você,
que era “independente”
e você continuou ali, ao meu lado,
mas eu nem via.
Então você decidiu me deixar “livre”,
eu porém continuei indo cada vez mais longe
e você me esperando...
Mas a vida me fez lembrar de ti!
Na hora do apuro te chamei
e você me socorreu!
Me acolheu, me colocou em teu colo,
secou meu pranto, me fortaleceu,
vem me fortalecendo
a cada palavra dita.

Hoje te entendo, te escuto.
A cada visita, quando te vejo fico feliz!
Me reaproximo
cada vez mais de ti.
Hoje eu sinto o que você sentia,
saudades, solidão... que hoje habitam
meu coração.
Só na sua presença, sua força
é o que me sustenta.
Me deito em seu colo,
desabafo a minha dor...
E você sorri e me diz:
Para não ficar assim,
que isso vai passar e você
vai continuar a me esperar.

*E.M., menção honrosa,
Fundação Casa - Internato Feminino da Mooca*



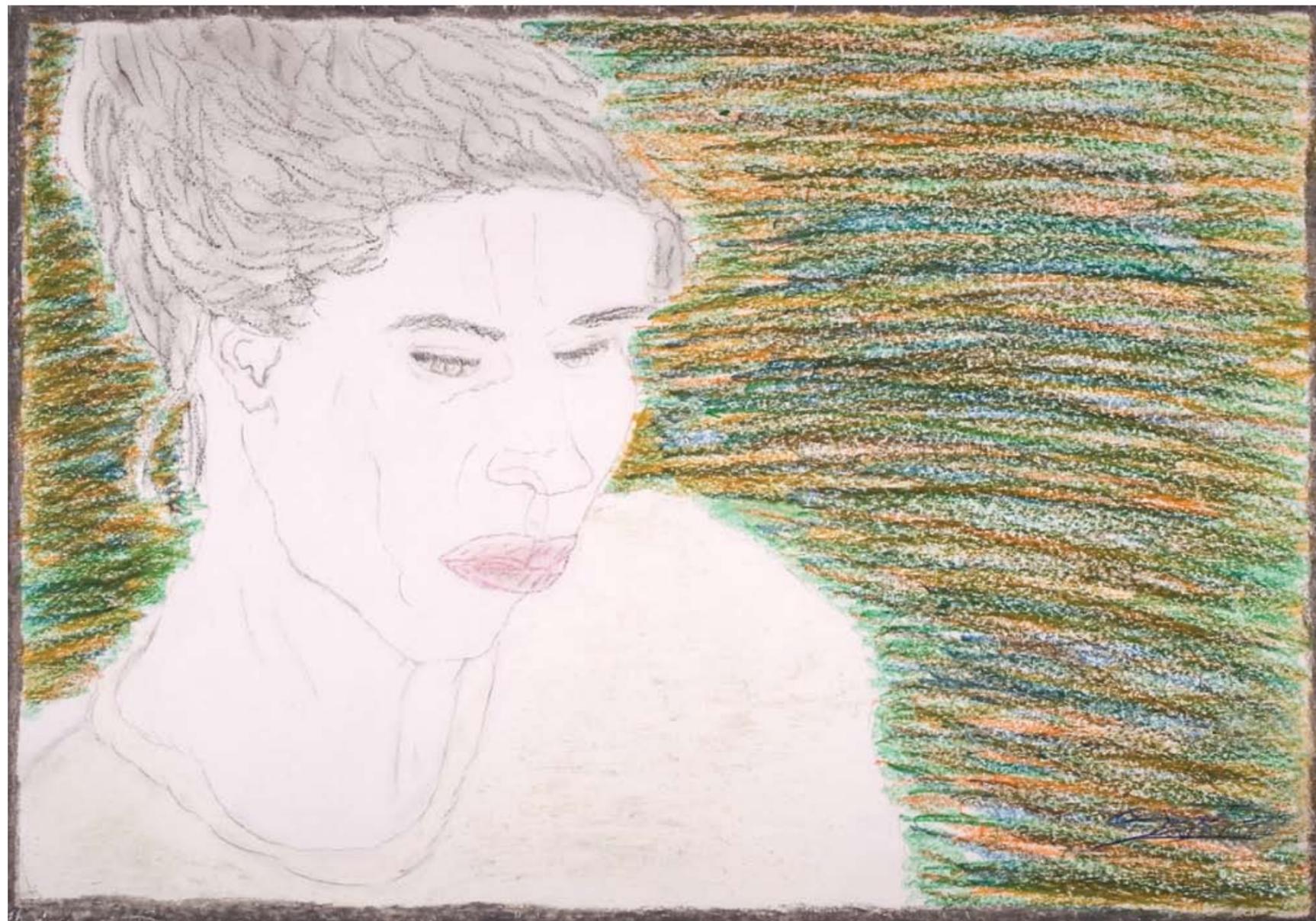
▲ K.C.B.M.
Unidade de Semi-liberdade Feminina Azaléia



▶ RAQUEL DA ROCHA,
Penitenciária Feminina da Capital



◀ *A.S.*, selecionada para exposição,
Internato Feminino da Mooca



↑
L.B.,
premiada, Penitenciária Feminina do Butantã

{ APRENDENDO COM A VIDA }

No ano de 86, nasceu numa pequena vila dessa cidade uma jovem, hoje adolescente, chamada Elaine.

Elaine era uma garota muito triste, sozinha, apesar de ter seus irmãozinhos, ela se sentia muito só.

Seus pais eram pessoas muito humildes, trabalhavam na lavoura e o pouco dinheiro que eles ganhavam mal dava para colocar o alimento dentro de casa, mas nunca passaram fome!

Elaine começou a estudar com sete anos de idade e nunca fez o pré. Ela era uma menina muito inteligente, aprendeu a escrever seu nome e a ler rapidinho.

Na escola, Elaine estava rodeada de crianças, mas ela sempre ficava sentada num canto sozinha, observando as outras crianças brincar e correr pelo pátio da escola.

O tempo foi passando e com dez anos de idade, Elaine começou a conhecer um pouco mais sobre as coisas da vida.

Na escola onde ela estava estudando, encontrou crianças de vários tipos de vida. E com a solidão, com o vazio que ela sentia, ela procurou uma solução para o frio dessa solidão. Mas ela procurou o remédio errado, começou a se envolver com drogas.

Elaine conheceu alguns coleguinhas que moravam na favela do Cruzeiro e essas crianças, desde pequenas, já conheciam a vida do crime.

Elaine, com dez anos, fumava cigarro de maconha e já roubava. Ela chegava em casa e sua mãe perguntava:

– Como foi a escola? – e ela respondia.

– Foi uma droga, não quero mais estudar!

Sua mãe aconselhava, mas Elaine estava se tornando uma menina rebelde. Ela largou a escola e começou a fazer as coisas erradas. Certo dia, ela perguntou a uma colega:

– Por que o mundo é tão cruel?

Sua amiga lhe respondeu:

– Não, o mundo não é cruel. São as pessoas que o fazem assim.

Elaine, sem entender direito, acendeu um cigarro e saiu. Às vezes, ela se achava uma pessoa sem escrúpulos, desprezada.

Aos 15 anos de idade, Elaine foi para a Febem e lá a solidão aumentou e o desespero ainda mais, pois não tinha o remédio para essa angústia. O tempo foi passando, ela começou a lembrar do seu passado e ela falou para ela mesma:

– O que eu fiz da minha vida? Com meus nove, dez anos eu deveria estar apenas brincando de boneca, mas não, eu já estava enrolando um cigarro de maconha para fumar!

Na Febem, Elaine fez muitos cursos, sofreu muito longe da família e ela percebeu que aquela solidão, aquele vazio, poderia ser curado, com um pouco mais de amor e atenção das outras pessoas. Mas ela mesma não permitia que aquele amor entrasse e fizesse parte da vida dela.

O tempo passou e quando Elaine ganhou sua liberdade e voltou para sua casa não encontrou sua mãe. Ela tinha falecido. O desespero aumentou, pois a mulher que colocou ela no mundo havia deixado ela para sempre.

Elaine, com o sofrimento, a dor da saudade e a discriminação de algumas pessoas, foi aprendendo.

Aqui está sendo um pouco da minha vida, pois o que eu passei foi uma vida de sofrimentos.

Mas hoje, Elaine é uma menina diferente, ela conseguiu passar por cima das barreiras e enfrentar a vida.

Fui!!!!

E.R., menção honrosa,
Fundação Casa - Internato Parada de Taipas

MEIRE TEIXEIRA BALISA, selecionada para exposição, Penitenciária Feminina do Butantã





FOTO: CAROLINA GODEFRÖID

{ENTREVISTAS}

aos 39 anos, Andria cumpre pena há um ano e meio em regime semi-aberto na Penitenciária Feminina do Butantã, depois de já ter passado dez na Penitenciária Feminina da Capital, as duas na capital paulista. Nascida em Santo Anastácio, no interior do estado, ela tem dois filhos que moram com uma tia no interior do Paraná e sempre gostou de desenhar.



FOTO: CAROLINA GODEFRÖID

Quando aconteceu o concurso “O Direito do Olhar”, onde você estava?
Na Penitenciária Feminina da Capital.

Você se lembra de quando abriram as inscrições?
Eu não estava muito interessada, aí minha amiga Patrícia Cheryl Dewitt me deu um estímulo e eu fui... Foi uma época bem difícil na minha vida. Eu disse que não tinha vontade de participar, mas ela disse: “Vai para distrair um pouco sua mente”. Ela era uma pessoa para cima e sempre estava tentando me colocar para cima também. Então me inscrevi e acabou acontecendo.

Você tinha três opções para escolher: fotografia, desenho e literatura...
Sou boa para escrever carta. E uma folha só: “Oi, tudo bem, tchau, e que fique você também bem”. Nunca tinha pegado numa câmera fotográfica. A única coisa que eu sabia fazer ali, no momento, era pintar. Pintar e desenhar. E mesmo assim eu estava iniciando...

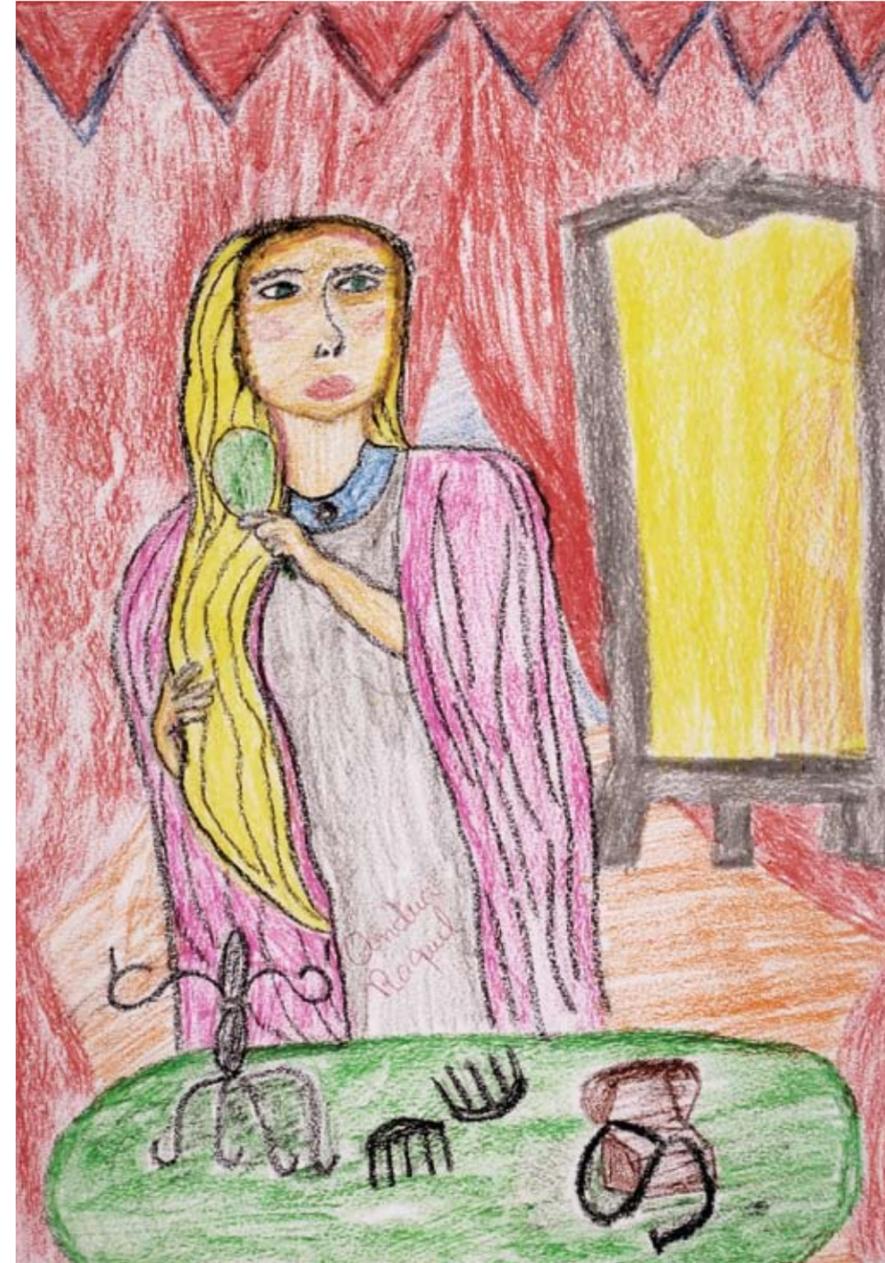
Você fazia desenhos antes? Gostava de desenhar?
Desenhava, mas desenhava de outro jeito, olhava para alguma coisa e ia tirando na tela, ia desenhando, fazia cópias, olhando para algum livro, alguma revista e jogando na tela, sem nada tirado da minha mente. Quando foi para

esse concurso, fiz seis desenhos, alguns foram copiados. Foi com tinta, outros com giz de cera – eu nunca tinha desenhado com giz de cera e achei que aquele desenho não ia dar em nada.

Você fez apenas um com giz de cera?
Foi justamente o que ganhou. Até hoje eu ainda estou passada, não acredito... Na hora em que me falaram que eu tinha ganhado, achei que estavam brincando.

Você se lembra de quando começou a gostar de desenhar?
Algumas pessoas gostam de escrever, outras de desenhar para expor aquilo que estão sentindo, outras gostam de tirar fotos das ruas, dos acontecimentos... Às vezes eu estava triste, chateada com alguma coisa, então pegava uma tela e ficava expondo aquilo que estava dentro de mim. Gostava de pintar telas com tinta.

Como você aprendeu a pintar? Foi sozinha?
Uma vez quis comprar uma tela da Patrícia [Patrícia Cheryl Dewitt, a amiga citada acima] para dar à minha mãe. Aí ela me disse: “Andria, nessa vida a gente tem que aprender de tudo. Se fosse outra pessoa, eu venderia, mas para você não. Você vai ter que aprender a fazer. Se você quiser a aprender a andar, vai ter que aprender a trilhar



O trabalho premiado de Andria: "Para mim é uma mulher que está se olhando no espelho e não está se vendo"

os seus caminhos". Ela devia ter uma intuição, alguma coisa comigo... Ela me deu um desenho e uma tela, um lápis número 8 e uma borracha e me disse para eu ir para minha cela e fazer do meu jeito, sem copiar. Comecei e ela achou que eu levava jeito. Aí ela me deu de presente algumas tintas e pincéis. Eu ganhei gosto pela coisa, comecei a mandar vir telas da rua, aprendi os nomes das tintas, pincéis...

Tinha algum tema de que você gostava mais?

O tema de que eu mais gostei foi uma águia, mas fiz olhando da revista, não foi de cabeça. Olhando para a revista, fui tirando uma águia voando em cima do oceano e das montanhas, com umas cores bem brandas. Um azul do céu, junto com o azul e verde do mar... Uma águia muito linda! Muita gente se apaixonou por essa tela, até eu mesma.

Com relação a seu desenho, que ganhou o concurso, você se lembra de quando criou esse desenho? O que estava sentindo?

Lembro. Lembro do que eu estava conversando na hora... Era a última folha. Comecei a comentar com a minha parceira de cela: "Já passei isso, já passei aquilo na vida, hoje em dia, nem sei o que é que eu sou. Já roubei, já trafiquei, já cheguei a alguns pontos da vida para sobreviver... Cheguei a pontos de que hoje em dia me envergonho.

Mas foi devido à sobrevivência, porque eu precisava comer no outro dia... Não era querendo usar aquele momento como muleta, mas era mesmo a necessidade. Desci até lá embaixo. Agora eu estou tentando subir, estou me sentindo gente, participando desse trabalho. Mas estou desenhando e não estou me encontrando". Minha parceira disse: "Você tem uma aura muito bonita, você é uma pessoa que ajuda os outros". Aí falei: "Mas isso não é tudo, tem gente que ajuda as outras e é feia por dentro". Quando terminei, mostrei para ela e falei: "Tá bom?". Ela me perguntou o que era. Para mim é uma mulher que está olhando no espelho e não está se vendo.

Você gostou do desenho?

Não ia mandar para o concurso. Achei meio infantil. Coisa de criança, giz de cera, não dá para mim. Mas aí pensei: "Eles me deram seis folhas, vou entregar seis folhas. Não posso pegar isso e jogar fora". Entreguei, mas não com o intuito de que fosse para a frente.

De onde veio sua inspiração?

Você falou dessa questão de não se olhar no espelho, mas o desenho tem outros elementos...

É uma mulher que procura. Às vezes a gente tem mil pessoas ao nosso redor e se sente solitário. Não sei se é com todo mundo assim, mas

pelo menos comigo é. Às vezes parece que nada está me satisfazendo. E era a forma como estava me sentindo naquela época, naquele dia pelo menos. E é como estou me sentindo atualmente. Tem muitas pessoas ao meu redor e ao mesmo tempo me sinto sem ninguém, vazia. Olho e parece que não me vejo. Quando falo, não me vejo. Não tenho um passado. Tenho um presente. Não sei o que vai ser o futuro. O presente é a manhã em que estou indo trabalhar, em que cumpri com meu dia, mais um dia de cadeia tirado.

E sobre a escolha das cores...

Sempre achei que o vermelho, seja da tonalidade que for, está sempre indicando o amargo ou a tristeza do ser humano.

Você disse que faz muito tempo que não desenha. Você acha que essa sua tristeza tem a ver com isso? Desenhar ameniza de alguma forma sua dor?

Ameniza muito. Era minha companhia: os pincéis, as telas... Eu sabia que, na hora que fechasse a cela, ia sentar ali no chão e ia fazer o que eu sei fazer [chora]. E aqui tiraram de mim. Eu não sou de conversar, não tenho mais o que conversar aqui nesse lugar. Sei conversar calada.

O desenho tem essa função?

É, desenhar calada, só com a alma. Quando

cheguei aqui, contei isso, que era o que eu sabia fazer, mas ninguém acreditou. As pessoas duvidaram e nunca me deram oportunidade.

Quando você sair daqui pretende continuar?

Pretendo passar o que sei para as pessoas que não sabem. Em cada saidinha que tenho, vou atrás das instituições, das ONGs, para ver o que tenho que fazer, o que devo fazer. Sou uma ótima costureira, graças a Deus, sei pintar, sei desenhar... Existem pessoas que querem aprender. Sou um pouco ambiciosa no meu desejo futuro. Quero passar para frente, para as crianças. Em vez de usar droga, vamos lá aprender a desenhar... Sou soropositivo há 19 anos. Quero trabalhar com as pessoas que estão no vício da droga, que têm aids, quero continuar, estou procurando aos poucos quem pode me ajudar. Sei que vou ter tempo para tudo isso. Tenho uma cabeça bem rápida, sei que vou conseguir. Às vezes me sinto muito fraca, espiritualmente, chego a ponto de pensar: “Meu Deus, até quando vou aguentar, até quando minha saúde vai aguentar, até quando meu corpo vai aguentar, até quando tudo isso vai durar?”. Quero fazer tudo isso muito rápido.

Como foi quando você ficou sabendo que ganhou, que foi premiada?

Nós, que ganhamos, fomos tiradas do sistema

Tem muitas pessoas ao meu redor e ao mesmo tempo me sinto sem ninguém, vazia. Olho e parece que não me vejo. Quando falo, não me vejo. Não tenho um passado. Tenho um presente. Não sei o que vai ser o futuro



sem saber para onde estávamos indo. Fomos chamadas, colocaram-nos dentro da viatura, sem saber: “O que nós fizemos de errado agora?”. De repente, descemos, quando olhei aquilo falei: “Meu Deus do céu!” Aquele espaço nos jardins [o Instituto Tomie Ohtake], juro que nunca assaltei aqui, nunca estive aqui... E nós algemadas, aquele monte de pessoas com roupas normais, nem sabia quem era presidiária e quem não era – nós de amarelo e branco, com o uniforme do sistema... Dali a pouco vieram me falar que eu tinha ganhado o concurso de desenho. E depois vem alguém e me oferece – eu há onze anos, naquela época, tomando em copo de plástico – vem alguém e me oferece um suco de maracujá numa taça de vidro. Olhei e perguntei para a Dra. Maria da Penha [então diretora da Penitenciária Feminina da Capital]: “Pode tomar o suco?”. E ela: “Pode Andria”. Aí me mostraram onde estava o desenho. Sem palavras de resto. Na hora de receber o prêmio, calada eu fui, calada eu voltei, porque estava sem palavras. O desenho, a festa, tudo... Gente! Que legal! Mas de amarelo [uniforme]... Uma mulher na nossa frente escondendo a bolsa, morrendo de medo, falei: “Caraca, tá tudo errado, tá tudo muito certo, tá tudo muito errado”. Depois voltamos dando risada. Ganhei uma plaquetinha que está guardada na casa da minha mãe. E os

materiais: pincéis, réguas e revistas que ganhei de uma editora [Editora Casa Amarela, que edita a revista Caros Amigos]. Amo aquelas revistas! Tenho um ciúme delas...

Depois dessa experiência mudou alguma coisa dentro de você?

Eu sempre me senti morta. Acho que ressuscitei. Pensei: “Ai, que delícia, eu presto para alguma coisa ainda na vida, alguma coisa boa”.

Você acha que arte tem a ver com liberdade?

Acho que deveriam dar mais espaço para as pessoas expandirem aquilo que sabem e o juiz tinha que dar um pouco mais de valor para essas pessoas. Porque nem todo mundo que está aqui está pensando em sair e continuar errando, roubando, matando, traficando, usando drogas. Tem muitas pessoas que têm muitas coisas boas dentro de si. Há muitas pessoas que têm potencial. Errou? É um direito de qualquer ser humano. O que tinha que aprender em 14 anos de cadeia, aprendi, o que tinha que desaprender, desaprendi. Querem o que mais comigo? Ficar me sustentando dentro da cadeia?

Verônica nasceu em Vitória, no Espírito Santo, tem 39 anos e cinco filhos, com idades entre 8 e 13 anos. Terminou o ensino médio dentro da Penitenciária Feminina da Capital, onde cumpre pena de 26 anos. Com o concurso, percebeu que é capaz de mudar sua história.



FOTOS: CAROLINA GODEFROID

Como você ficou sabendo do concurso “O Direito do Olhar”?

Fiquei sabendo através da escola e dos folhetos que eles colocam no pavilhão. E como amo literatura, escrever, quis participar. Na hora já veio uma poesia na mente.

Você se lembra da poesia?

Foi feita para minha filha de 13 anos que não aceita a situação, não quer me ver, que foi “Joa rara”.

E depois?

Recebi o material de acordo com o que estava idealizando, que era poesia. Como aqui na cadeia não tem como usar o computador, então tudo o que uma escritora, futura escritora, precisa é papel, lápis e borracha. Recebi esse material para poder preparar a poesia. Folhas de papel, lápis e borracha. Teve uma reunião de preparação e depois nós tivemos um espaço de tempo legal para criar as poesias. Na reunião, teve palestra do Luiz Mendes, um escritor que também ficou preso e que admiro bastante, me inspiro muito nele. As palavras que ele escreve para o jornalzinho da cadeia também me dão muita inspiração e muita força. Teve também um autor de literatura de cordel, o Hermes [Hermes de Sousa]. Eles fizeram uma palestra e colocaram na nossa mente que tudo é possível a partir do momento em que

você corre atrás, corre, luta... O Luiz Mendes, particularmente, é uma fonte de inspiração porque teve uma época que pensei que ia desistir... Mas ele abriu minha mentalidade, mostrou que eu sou capaz, qualquer pessoa que quiser é capaz de mudar sua história...

Depois da reunião, você saiu inspirada?

A mente já virou uma fábrica, já saiu em ebulição. Eu ando direto com lápis, uma borracha e um pedacinho de papel. Porque a inspiração não escolhe hora, ela vem em momentos que se não tiver um lápis e um papel para fazer a anotação, você acaba perdendo.

De onde vem esse hábito?

Quando tinha 16 anos, peguei um caderno de 100 páginas e idealizei um romance. Entreguei para minha professora de português para ela ver prováveis erros e ela falou que consegui mexer com a emoção dela. E disse agora você corre atrás, me deu uns endereços. Então, desde a adolescência, tenho vontade de escrever. Dizem que você tem que plantar uma árvore, ter um filho e fazer um livro. A árvore eu já plantei, os filhos eu já tenho. Agora falta o livro. E desde a adolescência amo escrever. Durmo com meus cadernos do meu lado. Com meu caderno, meu lápis e minha borracha. Durmo com eles do meu lado.

Você se lembra de quando escreveu “Marcas do Tempo”, sobre a força de viver apesar das dificuldades?

Eu estava na cela. Nós aqui na cadeia temos algumas privações. Como você não tem um tratamento adequado com você mesmo, tem gente que envelhece até antes do tempo e acaba maldizendo o envelhecimento. O envelhecimento é o quê? Você viveu, aprendeu... Uma ruguinha aqui pode ser um sorriso, pode ser de felicidade. Então, para que vou maldizer? Que sejam bem-vindas as marcas do tempo!

Como ficou sabendo que foi premiada?

Só soube depois por uma menina que foi, soube que meu texto estava lá. Fui premiada e ninguém me levou. Eu trabalhava na copa dos funcionários, fazia alimentação, fazia faxina. Não conseguia entender por que as meninas de bom comportamento estavam entrando num bonde, mal sabia que era para o Instituto Tomie Ohtake, mas a minha poesia estava lá. Fiquei feliz: “Não fui, mas a poesia foi”.

Entre a oficina e a criação, como foi o movimento das outras mulheres? Vocês trocaram ideias?

Lembro que foi algo que movimentou bastante a penitenciária, porque um monte de gente

queria mostrar seu trabalho, sua obra.

Você acha que esse tipo de iniciativa muda a vida?

Muda bastante. A gente coloca um sorriso diferente no nosso rosto. Participar de algo palpável muda bastante. Não penso em outra coisa a não ser naquele projeto.

Você acha que as pessoas ficam mais motivadas?

Ficam motivadas e geralmente a mente vazia não fica sendo a oficina do diabo, fica sendo oficina de ideias e cultura... É muito importante esse tipo de projeto dentro da prisão porque foca a mente para algo construtivo, útil. Quando não tem nenhum concurso cultural, geralmente a mente fica vazia, mas a minha mudou. Minha mente vazia pelo menos é oficina de ideias de cultura, de transformação.

Para você que quer ser escritora, como foi ver sua poesia ganhar, ser exposta?

Foi muito maravilhoso. Nós temos tendência a gostar da nossa produção, como uma mãe acha o seu filho o mais lindo de todos. O mais fascinante é ver que outras pessoas viram e gostaram também. Para mim foi muito bom. Se eu já amava, passei a amar muito mais, porque outras pessoas viram e gostaram.

O que mudou dentro de você?

Adquiri mais confiança: “É isso aí, garota, você pode. Vai em frente”.

Depois disso aconteceram outras iniciativas parecidas?

Não, depois disso nunca mais teve concurso cultural aqui na cadeia.

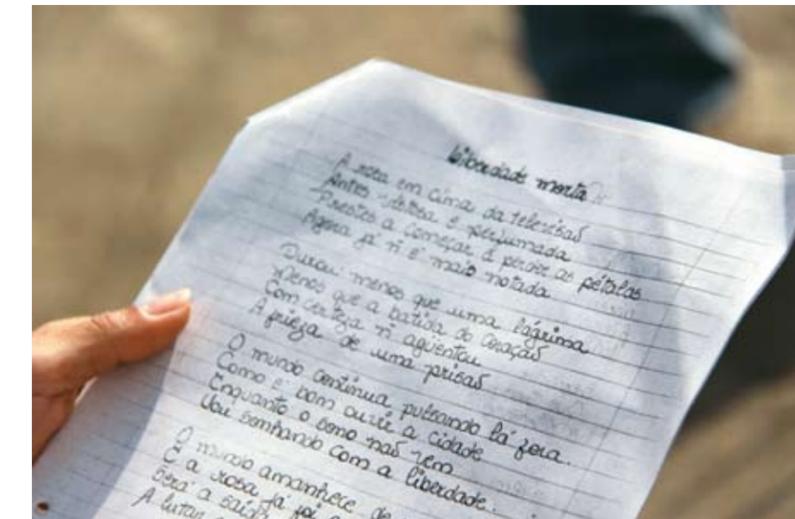
O que você acha importante nesse tipo de iniciativa?

Geralmente prisão é um lugar onde a estima vai lá

para o dedão do pé, e quando existem concursos assim tem alguém acreditando em você. Geralmente você cai aqui e perde toda a credibilidade. Para conseguir um serviço lá fora, fica muito mais difícil do que antes. Quando acontecem esses concursos culturais, é uma injeção de ânimo para a pessoa mudar a vida, a história. Eu acredito em mim. Outras pessoas estão acreditando – isso vai aumentando o ego da pessoa para ela transformar sua história.

Você acha que existe alguma relação entre arte e liberdade?

Sim, a arte liberta. Estou aqui presa, mas não me sinto presa. Minha alma é livre, a arte me liberta. Tem muita gente na rua que está presa. Minhas amigas, quando me escrevem, tem muito mais problema de prisão interna do que eu. Meu único problema é que não posso ir na padaria comprar um maço de cigarro, mas não me sinto presa. Se você pega um pedaço de papel e coloca ali uma ideia bonita para uma poesia, você não vai pensar: “Ai, estou presa, minha cadeia é de 26 anos, nunca vou sair daqui”.



A poesia premiada “Marcas do Tempo”: “Desde a adolescência amo escrever. Durmo com meu caderno, meu lápis e minha borracha do meu lado”

beatriz tem 32 anos. Nascida em São Paulo (SP), ficou presa por nove anos e meio em dois presídios – a Penitenciária Feminina da Capital e a Penitenciária Feminina do Butantã. Vencedora do prêmio de literatura, viu no concurso uma oportunidade de expressar-se. Fora da cadeia desde 2006, trabalha, estuda e pretende continuar escrevendo.



FOTO: CAROLINA GODEFRID

Como você ficou sabendo do projeto?

Quando estava no Butantã, um belo dia fui chamada pelo setor de reabilitação. Já sabiam que antes, na Penitenciária Feminina da Capital, eu dirigia o centro cultural, tocava, cantava, dava aula de coral, corria atrás de talentos para que ensinassem outras turmas. Quando o IDDD chegou, já sabiam quem eu era e acharam que eu gostaria de participar na parte de desenho. Mas não quis desenho nem fotografia, eu queria literatura.

Por quê?

Porque era novo. Todos os outros projetos, quando aparecem, são de canto, de outras coisas. Naquele momento, achei interessante escrever, porque era uma forma mais objetiva de eu me expressar. No início, não tinha ideia do que escrever, não tinha ideia de como sintetizar o que estava sentindo na época. Era uma mistura de muitas coisas, muitas sensações, muita vontade, muitos sonhos, então, não tinha ideia de como expressar em poucas linhas. Aí percebi que, depois de muito tempo presa, reclusa, você acaba adquirindo muitas manias, fica rabugenta, com mania de limpeza, mania de certas coisas... Assim surgiu a ideia de escrever sobre idiosincrasias.

O que você sentia e não conseguia expressar?

A emoção que mais me abatia era a ansiedade

de sair. Até porque minha pena era de 12 anos e estava tudo certo para que eu saísse com sete anos e meio e continuasse respondendo em liberdade. Mas não aconteceu. Acabei saindo com nove anos e meio. O concurso aconteceu em 2005 e já havia se passado um ano depois do prazo que me deram para que eu saísse. Essa ansiedade, essa iminência, essa coisa de não acontecer, no dia a dia era o que mais me angustiava. Eu fazia planos e tinha sonhos, mas tinha que retardá-los e ficava reciclando, reciclando...

Alguma coisa inspirou você?

Você tinha hábito de ler?

Muito, sempre. Nessa época eu estava lendo Flores Raras e Banalíssimas [biografia da poeta Elizabeth Bishop, escrita por Carmem L. Oliveira]. Fala muito sobre o Rio de Janeiro, sobre a construção do Rio de Janeiro...

Você lembra do momento em que teve inspiração para escrever?

Lembro. Foi no banho. O texto que foi premiado foi “Idiosincrasia”. Fala sobre as manias que você vai pegando. Lá no Butantã, eu gastava muita água, porque a hora do banho era a hora em que podia ficar sozinha. Então, meus banhos duravam de meia hora a quarenta minutos. Não tinha limite, podia tomar banho na hora que

quisesse e de quanto tempo quisesse. Aí surgiu essa conscientização: “Puxa, a água, o planeta, e tal...”. Eu ia falar sobre água, mas o banho é tão revigorante, ele me transforma tanto e foi daí que resolvi escrever sobre mim.

Conte um pouco dessas manias...

De manhã, todos os dias, antes de usar o banheiro, eu lavava – eu e algumas outras pessoas – ele inteiro com cloro. Nunca dormi com o lençol cheio de rugas. Sempre muito certinho, para sentir alguma coisa certa na vida, porque lá tudo é errado. Está errado, você está lá porque fez tudo errado. Então vem essa mania de arrumar as coisas, de tentar organizar ao máximo.

Você acha que esse tipo de iniciativa, de projeto, muda um pouco essa perspectiva de achar que lá dentro está tudo errado? Dá para mudar um pouco essa condição?

Com certeza. Tudo que mexe com autoestima da pessoa, autoestima do ser humano faz com que ele evolua. Tudo que faz o ser humano refletir, faz com que ele cresça. Tudo que faz com que o ser humano pare um pouco, saia do dia a dia – porque lá dentro é muito difícil, é difícil se deparar com seu erro e ter de cumprir, ter de arcar com as consequências. Você foge, protela. É muito mais forte você encarar o seu dia a dia,

os seus erros, o que tem de melhorar dentro de si, com arte, com uma perspectiva, com o seu astral mais para cima, sendo observado, sendo cuidado pelo outro, sendo enxergado, ouvido, do que simplesmente lá dentro, trancafiado. Trancar o ser humano não faz com que ele cresça. Trancado você já está, a punição já está sendo efetivada. Mas o que não faz refletir infantiliza. Acredito nisso. O fato de o governo prender, dar tudo, comida, roupa... Muitos aqui fora nem tiveram isso. O importante é fazer refletir, fazer crescer, amadurecer, encarar o erro e mudar. Porque não basta só cumprir a pena, você tem que cumprir com certa qualidade. E essa qualidade é o seu crescimento. O tempo não para. Você está lá dentro, envelhecendo. Passei praticamente dez anos, entrei com 20 e saí com 30. É muito tempo para ficar parada, estagnada. Quando o ser humano é incentivado, motivado, ele vai longe. A arte faz isso.

Como foi a experiência da oficina do projeto “O Direito do Olhar”?

Quando chegou a proposta da oficina, entendi a profundidade desse projeto: foi tudo correto, com dia marcado, e isso é muito importante lá, porque todos os prazos são estourados, então a gente não bota muita fé em prazo. Tudo do IDDD foi feito dentro do prazo, organizado,

Tudo que mexe com autoestima da pessoa, autoestima do ser humano, faz com que ele evolua. Tudo que faz o ser humano refletir faz com que ele cresça

respeitado, levaram os documentos para assinarmos, cedendo o trabalho, dizendo que não ia ser utilizado para fins lucrativos e tudo mais... Depois levaram profissionais da área de fotografia, de desenho, de literatura, para que conversassem com a gente, dessem incentivos, ideias, uma luz, um caminho. Foi muito legal porque a partir desse momento você já começa a se levar a sério. Vou ter de produzir uma coisa, tenho um projeto, e tem gente esperando por isso.

Vocês tiveram aulas?

Tivemos um encontro que durou umas três, quatro horas com os profissionais. Deram material para a gente utilizar, vinculado à área para que cada uma tinha se inscrito. Ficamos conversando com esses profissionais, tirando todas as dúvidas, e no final contaram um pouco o que eles tinham feito, quais eram as dificuldades. Foi uma visita maravilhosa, foi uma motivação.

Quantas pessoas mais ou menos havia com você?

Muitas. Nós enchemos duas, três salas de aula. Foi muito legal, também entre nós – depois disso, veio gente conversar comigo com que eu não tinha amizade, não conhecia. São muitas pessoas no mesmo lugar, que se veem todos os dias, mas não se falam. Veio gente falar comigo,

eu fui falar com algumas pessoas. Isso também criou um outro clima lá dentro. Tinha uma troca de ideias e foi muito legal. A gente se misturou. No final das contas, tinha gente que escrevia sobre o desenho do outro, inspirado no desenho do outro. Tinha gente que em cima do texto fazia o desenho ou ia fotografar qualquer coisa. Então foi uma troca legal.

Quando você saiu do seu banho inspirador, como é que foi? Você saiu e escreveu?

Foi conversar com alguém?

Não. Saí do banho e me fechei. Coloquei fone no ouvido, comecei a ouvir música, e comecei a escrever. Eu tinha de colocar aquilo no papel. Quando tudo surgiu, quando foi tomando uma forma, aí bateu a insegurança. Achei que ninguém ia entender o que senti. Mas pensei “deixa isso escrito, vou dar para outra pessoa ler”. Meus primeiros jurados foram de lá de dentro.

E como foi a reação?

A primeira coisa que você mostrou já foi o texto premiado?

Foi. Resolvi não fazer outro. Fiz um apenas. No começo achei que não ia dar certo, depois resolvi que não ia fazer mais nenhum. Comecei a passar de mão em mão. No início mostrei para

as pessoas do meu quarto (a gente chamava de quarto e não de cela). Essas pessoas tinham outras amigas que tinham outras amigas... Então disseminou assim. As pessoas do quarto, as pessoas que conviviam comigo, que viram que eu me fechei ali durante alguns dias, no mesmo horário... Tomava banho para reaver aquela sensação, e aí vinha acabar de escrever, ou acabar de reajustar.

Como foi receber a notícia de que você foi uma das premiadas? Como foi sua reação?

No dia em que a gente entrega o trabalho, já fica numa ansiedade. Apesar de já ter se divertido muito, quer saber o resultado final. Quando o resultado chegou, me chamaram e disseram que eu ia ser premiada. Mas eu não sabia em que lugar eu tinha sido premiada, se era primeiro, segundo, terceiro, não sabia nada. Nesse meio-tempo, a penitenciária do Butantã foi desativada e tive de trocar. Não sabia se poderia ir até a premiação ou não... Um dia, em dezembro, nessa outra penitenciária, me avisaram de manhã que eu deveria colocar o uniforme correto, porque seria levada para a premiação. Foi um presente de Natal, ver a cidade que lá de dentro não se vê. Chegamos ao local, vimos as meninas da Fundação Casa cantando... Só nós estávamos de uniforme, as outras foram liberadas para ir

com roupas normais e puderam chamar seus parentes. Não tinha ninguém da minha família lá. Mas foi um impacto muito grande, foi muito forte rever as pessoas do IDDD, que nos instruíram, os profissionais, todo aquele aparato. Foi muito lindo, emocionante, envolvente. No projeto, o foco era a gente, a arte, o produto final ainda era da gente. Foram lá buscar a gente. Toda essa forma de tratamento fez com que hoje eu estivesse aqui. Acredito que tudo isso foi uma semente que frutificou naquela época e está frutificando agora, pelo menos comigo.

O que você sentiu quando recebeu o prêmio?

No momento da premiação, lá no Instituto Tomie Ohtake, vi muitas pessoas ali sentadas me vendo como uma pessoa de valor. Eu não sabia quem estava lá, só sabia que muitas pessoas tinham lido meu texto, como o [médico e escritor] Drauzio Varella, pessoas que sabem escrever, tem know-how. E essas pessoas escolheram o que eu tinha escrito. A mensagem que eu tinha passado, alguém tinha entendido, tinha de certa forma concordado e escolhido aquilo, endossado minhas palavras. Minha maior felicidade foi, além de ter ganho e de estar ali, também pela sensação de ter sido acolhida, lida, de alguém ter dado importância às minhas palavras. Fiquei feliz por ter sido compreendida. Na



FOTO: CANDICE JAPIASSU

Beatriz e o texto premiado, "Idiosincrasias": "Tive a inspiração para escrever no banho. Fala das manias que a gente vai pegando"

hora que eu soube que era primeiro lugar. Isso me pegou muito de surpresa, mas foi interessante porque falei aquilo que estava na cabeça na hora. Falei sobre o que é mais urgente e o que é mais importante na vida. Naquele momento, o mais importante era estar ali. Sabendo que dali a momentos eu ia voltar para a prisão, mas era estar ali.

De que forma o projeto impactou o restante do cumprimento da sua pena?

Antes de participar do projeto, meus banhos eram diferentes. Escrevi um texto paralelo ao que ganhou que falava exatamente sobre a conscientização quanto à água, quanto ao planeta. E para isso eu tive que sair de lá porque nesses anos muita coisa mudou. Em 1997, quando fui presa, não se falava da água ainda. E hoje em dia um litro de álcool é mais barato que uma garrafinha de água mineral. Eu não tinha essa ideia. Esse projeto me impactou de uma forma tão forte que fui estudar como estava a água aqui fora, como estava o planeta, coisas que eu não tinha parado para pensar. Comecei a falar, a policiar os outros no banho; o banho era de 40 minutos e passou a ser de 20. Se não fosse esse projeto, eu não teria chegado a essa conclusão.

Entrevista realizada na sede do IDDD em março de 2009



nascida em Minas Gerais, há 39 anos, mas registrada em São Paulo, Claudelaine cumpre pena em regime semiaberto na Penitenciária Feminina do Butantã. Quando o concurso aconteceu, ela estava na Penitenciária Feminina da Capital. Tem três filhas e três netos que a visitam mensalmente.



FOTO: CAROLINA GODEFRID

Você se lembra de como ficou sabendo do concurso “O Direito do Olhar”?

Lembro. Foi tudo muito rápido, tive três dias para elaborar esse trabalho. Não sabia se participava ou não, mas resolvi tentar. Como era um tema que a gente vive no dia a dia, foi mais fácil.

Como você ficou sabendo?

Pela penitenciária mesmo. Colocaram um cartaz, eu vi e fui participar. Eu já tinha feito outros trabalhos e me interessava por trabalho assim.

Por que você escolheu literatura?

Ah, eu me identifiquei mais com a escrita, literatura, crônica, porque não pinto. Eu queria fotografia, mas já tinham preenchido a vaga. Aí me restou o que eu gosto também e fui que fui.

Você sempre gostou de escrever?

Sempre gostei de escrever e me identifico muito com a escrita, com a leitura. Tudo que é de arte, cultura, eu gosto. Sempre tive o hábito de escrever e de participar de vários concursos. Já escrevi crônicas, poesias, música...

E como foi que você escreveu?

Ganhei um papel e uma caneta. Aí falaram: “três dias”. Não foi difícil, mas foi corrido o tempo. Consegui fazer em dois dias. No terceiro dia eu en-

treguei o trabalho. Foi um trabalho muito rápido, mas em outra parte foi fácil, porque abordava um tema do dia a dia da gente, que é resistir, é poder... Isso está no dia a dia da vida da gente, das pessoas... Aí foi fácil para mim, fui colocando tudo que realmente eu vivo, tudo que eu vejo, entendeu?

Você escreveu o texto de uma vez só?

De uma vez só. Nos dois dias, na hora que peguei, já escrevi. Faltaram alguns detalhes, fui colocando no dia seguinte, mas no terceiro dia já estava pronto.

Você se lembra do que sentiu?

Senti vontade de falar muito mais, mas ia ofender muita gente. Não era isso que eu queria. Eu queria mostrar esse individualismo das pessoas. Esse egoísmo. Mas conforme eu ia escrevendo, ficava observando bastante para não magoar as pessoas. Queria mostrar que fazendo um pouco pode mudar. Minha intenção era ajudar com esse texto.

Você trocava ideias com outras pessoas?

Como foi a troca com as outras?

Foi assim: fiz o meu rápido, mas muita gente veio conversar comigo, para me perguntar como começar, como fazer, qual era o tema... A gente teve essa troca de experiência porque eu já tinha feito outros trabalhos. Elas estavam bastante

empolgadas. Eu não estava muito empolgada no começo, mas depois me empolguei também.

Que dicas você deu para elas?

Disse para escrever tudo na folha e depois ver o que tinha sentido e o que não tinha, na sequência, mesmo se fosse para colocar o começo lá no fim e o fim lá no começo. Expliquei isso para elas. Depois tem que ler duas vezes e ver o que não tem sentido – tem que ter sentido a história. Falei isso para elas. Aí já foi um bom começo para quem nunca tinha feito.

Com o seu você fez isso também?

Fiz. Não deu tempo de elaborar mais. Queria mudar muitas coisas, o final não era aquilo que eu queria, mas... Fora esse trabalho, a gente estava com outros problemas também na época, eu estava com outras coisas na minha mente, perturbada com outras coisas...

Você leu o trabalho de outras colegas?

Li de uma só. Muitas não queriam mostrar ou tinham vergonha, não sei.

Você mostrou o seu?

Mostrei para uma pessoa, porque não deu tempo. A vida da gente é muito corrida, parece que não, mas é muito corrida, então quase não deu tempo.

Você trocou experiência com quem tinha escolhido fotografia ou desenho?

Troquei. Todas que fizeram fotografia adoraram. Fiquei triste porque queria ter feito também. Quem fez fotografia não se importou muito com quem fez literatura, mas quem fez literatura se importou com quem fez fotografia. Até hoje falam desse concurso: “Ai, aquele concurso de fotografia, queria tanto fazer de novo...”. Nunca mais vi um concurso assim. A gente gosta muito de fotos.

Como foi quando você soube que tinha ganhado?

Fiquei contente, ainda mais que a exposição ia ficar durante um mês. Mandeí minha família ir lá ver. A gente foi ver também. Foi muito bom, uma sensação diferente, boa, gostosa, sabe? As pessoas leem um trabalho da gente que não interessa só para a gente, interessa para todo mundo. Cada pedacinho ali interessava para alguém, de alguma forma identificava com alguém.

Como foi o dia da premiação?

Foi muito bom. Nos arrumamos todas para poder ir... Quando a gente chegou lá e viu aquele lugar enorme, deu uma sensação muito boa. De querer ler, ler, ler, escrever, escrever, querer fazer mais parte da cultura, mais do que a gente já faz. Quando entrei naquele lugar, fiquei muito

Queria mostrar o individualismo das pessoas. Esse egoísmo. Queria mostrar que fazendo um pouco pode mudar. Minha intenção era ajudar com esse texto



FOTO: CAROLINA GODEFRID

feliz de ver várias pessoas assim, por quem ninguém dava nada, com tanto talento. Muitas meninas. Muitos rapazes. Muitos talentos.

Você se lembra como foi a cerimônia?

Lembro. Foi bastante gente, gente muito bem arrumada, gente educada, gente culta, tinha muita gente lá dentro. A gente ficou sentada, aí foram chamando no palco, entregando a premiação.

Depois do concurso você ficou com mais vontade de escrever?

Fiquei muito empolgada. Depois disso fiz tanto trabalho... Guardei tudo em casa, fiz um monte, me deu uma empolgação de escrever, de contar cada coisa, cada crônica, cada poesia... Escrevi bastante. Depois fui desanimando. A empolgação da gente é na hora que acontecem as coisas, depois, passa um certo tempo, e a gente volta a ficar naquela melancolia de sempre.

O que você sente quando está escrevendo?

Sinto liberdade, de escrever. Me dá um entusiasmo de viver, viver, não quero nunca deixar de viver.

márcia tem 35 anos e cumpre pena na Penitenciária Feminina da Capital há dez. Nasceu em São Paulo, não terminou o ensino médio e tem uma filha que mora no Rio de Janeiro. O concurso ajudou-a a refletir sobre sua vida e a perceber que não havia perdido a sensibilidade.



FOTO: CAROLINA GODEFRID

Você se lembra de como ficou sabendo do concurso?

Trabalhava na Funap [Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel de Amparo ao Preso] e avisaram que ia ter um concurso de literatura, poesia, fotografia... Falei: “Opa! Fotografia é comigo, vou lá!”. Aí vim e me inscrevi, tudo direitinho. Demorou um pouco, aí chamaram a gente lá na administração para avisar que pegaríamos o material. Cada modalidade, o seu material. Peguei os filmes, a máquina e foi explicado que a gente tinha livre arbítrio para fazer a foto que quisesse, da maneira que quisesse. Tivemos uma palestra.

Como foi a palestra?

Foi dito que nós sabíamos que não pode ter foto, máquina fotográfica, dentro do sistema, mas que estaria sendo aberto esse espaço por causa desse concurso, então que nós aproveitássemos a oportunidade para fazer realmente o que era a proposta. Tivemos esse entendimento e foi liberada a máquina.

E deram alguma dica?

Que a gente criasse. Que sáísse um pouco do cotidiano, do normal, de fotografar pessoas, poses. Porque quando a gente fala de foto, a gente costuma pensar logo nas poses. Principalmente

mulher, né? Quem participou do concurso foi orientada, sabíamos que era uma situação séria, então ficamos com seriedade na situação. Queríamos fazer o melhor. Tinha uma limitação de fotos, acho que eram 12, então nós tínhamos que analisar, pensar no que seria melhor, a sensação daquele dia... Porque tem dias em que você acorda de mau humor e não quer saber de nada. Mas tem dias em que você acorda bem. Foi assim que apareceu a foto que foi muito comentada, a do feto, da posição fetal. Foi feita naquele dia, em que eu estava inspirada.

Você já tinha alguma relação com fotografia?

É, sou meio viciada em fotos. Lá em casa, esse é um hábito, meu pai sempre teve mania de fotografar tudo, todos os momentos. Às vezes, quando saía um macarrão bonito, ele falava “peraí, que eu vou fotografar esse macarrão!”. Acho que meu pai sempre passou alguma coisa boa nesse sentido. As lembranças às vezes ficam falhas e aquele momento que você fotografa fica marcado. Hoje as coisas estão mais modernas, mas antigamente você escrevia atrás das fotos: “Este aqui foi aquele momento, aniversário de fulano, aquele foi a primeira comunhão”. Hoje está tudo mais moderno, por computador; eu ainda não me atualizei, porque durante todo esse tempo que estou aqui... Mas meu pai sempre



Márcia na foto com o boneco Tasquito: "Sempre gostei de boneca, gosto de criança"

{MÁRCIA FERREIRA GUIMARÃES * premiada em fotografia}

falava, então são coisas que ficam marcadas, situações que ficam marcadas. Aniversário, festas, Natal. Ou então eu aprendi, eu fui gostando disso, tudo na minha vida é fotografado. Eu tenho muita foto em casa.

Depois da conversa inicial, com a câmera na mão, como foi o seu processo criativo?

Fui pra cela. A máquina ficou me olhando, eu fiquei olhando para ela e falei: "Quanto tempo!". Fiquei pensando: "O que vou fotografar?". Fui para o pátio, muita grade, aquele céu meio quadrado, não era isso que eu queria. Pensei que aquele não era um bom dia, porque tem que ter inspiração. Acho que é melhor quando as coisas acontecem naturalmente. Aí vi as meninas todas já tirando fotos e falei: "Gente, calma, pensa num momento, espera que vai aparecer". Porque aqui a gente fica muito limitada a isso, se você fechar o olho, desenha a cadeia de olhos fechados, porque sabe exatamente onde tudo está. À noite, falei para minha parceira: "Me maquia!". A gente morava em três. Aí fomos escolher roupa e começamos. Tirei umas quatro fotos delas vestidas, mas não era aquilo que eu queria.

Você se maquiou e tirou fotos delas?

Isso.

Você pediu para elas fazerem pose?

É. Tudo, tudo. Elas trocaram de roupa... Fizemos uma de Marilyn, fiz a pinta, toda a produção. Porque eu queria do meu jeito. Mas pensei que não era aquilo que queria. Tinha um boneco Tasquito, elas colocaram pijama no Tasquito e fiz elas fazerem direitinho. Não estava dando certo porque a máquina era pequenininha e não pegava tudo que eu queria. Aí subi em cima da cama para poder dar tudo. A gente ficou nessa brincadeira algumas horas, tira roupa, põe roupa, se maquia. Até chegar na foto que eu queria. Arrumei tudo e falei para minha colega: "Você só vai bater". Ficou uma foto boa, mas não achei que ia ganhar. Depois, eu estava vendo televisão, só a sombra da televisão, porque eu tive até o cuidado de pegar papel laminado e colocar na luz para ficar vermelha, para sair na foto. Quando apaguei tudo, vi só a luz da televisão e falei: "É isso aí mais ou menos que eu quero, mas não quero foto que vai aparecer o rosto, já sei, quero a posição de feto, vou tirar toda a roupa". Nós colocamos um cobertor que tenho até hoje, minha tigresa, coloquei no chão, tirei a roupa, soltei o cabelo e fiz a pose do feto. E aí a menina tirou a foto. Mas não ficou do jeito que eu queria. Tentamos outra vez, arrumei tudo e tiramos. E foi a foto que achei que ia ganhar o concurso.

A foto que ganhou é bem curiosa. Por que você fez aquela composição, por que escolheu aquilo – você na cama com o bonequinho –, o que simboliza?

Sempre gostei de boneca, gosto de criança. A gente aqui fica muito carente disso, de família. E ali, naquele momento, eu tinha duas companheiras que eram a minha família, porque a gente acaba se tornando uma família aqui dentro, e tinha uma boneca. Quer dizer, estava completo um quadro familiar. Uma família, uma mãe, duas mães, uma criança e essa sensação de querer bem, aquela coisa meiga também, dócil, que é família.

A troca entre quem estava participando foi intensa?

Foi, foi uma semana da bagunça, do movimento da cadeia também, porque quando tem essas situações, qualquer evento dentro da cadeia, a dinâmica do sistema também muda. Teve funcionária que participou também. Não houve nenhuma funcionária que ganhasse, pelo menos aqui no sistema, só reeducandas, então também tem aquela competição de querer fazer melhor que a guarda.

Você acha que a participação das funcionárias ajudou a criar um ambiente mais criativo?

Achei legal pela competitividade positiva. Por isso cuidei com carinho daquele momento da foto. Nossa situação era mais limitada.

Quando você ficou sabendo que tinha ganhado, como foi?

Eu estava costurando e me chamaram na escola. Quando cheguei, me falaram que eu e outras meninas tínhamos ganhado. Mas eu fiquei meio assim, não acreditei muito. Depois, cheguei no pavilhão falando “ganhei, ganhei!” e brincando com as meninas: “Sou a melhor, meu bem, eu fiz com amor!”. Aí teve o momento de ir buscar o prêmio, que nós fomos com a diretora da unidade e com as funcionárias, inclusive algumas que tinham participado, e claro que foi motivo de chacota, porque nós falávamos: “A gente está presa, sem muita diversidade como vocês lá fora, e ganhamos, por favor, né?!”. Toda aquela brincadeira... Nós adoramos. Dá uma injeção de ânimo no ego. Eu trabalho muito com a psiquiatra, a psicóloga aqui, isso de estar presa e ser presa. Sempre falei: “Estou presa, mas não sou presa”. Tenho muita fome de saber, sempre vou em busca de alguma coisa nova, quero aprender, sou curiosa. Repararam na minha unha? É um hábito que trago da rua, mas aqui ficou muito mais intensificado, porque eu acho que a gente já está num ambiente que não é muito favorável, aí se você deixar ficar... A gente é mulher,

Repararam na minha unha? É um hábito que trago da rua, mas aqui ficou muito mais intensificado, porque eu acho que a gente já está num ambiente que não é muito favorável, aí se você deixar ficar...

tem que ter uma vaidade, tem que ter um cuidado com o corpo. Estou com a unha pronta, estou sempre preocupada com a cor do cabelo. Acho que a gente não pode perder a vaidade.

Você se arrumou para a premiação?

Claro, como sempre. Minhas unhas já estavam prontas, sobrancelhas, tudo direitinho, cabelo. A gente tomou um banho, se arrumou com o uniforme, aquela preocupação, de quem ia estar lá, se ia ter muita gente nova, bonita. É bom ver gente bonita, a gente está acostumada ao convívio assim e quando vai para outro ambiente, vê outras pessoas, fica meio deslumbrada. Chegamos lá e todo mundo recebeu a gente com o maior carinho, com o maior respeito. Passei mal e o bombeiro foi me atender. Tive um enjoo, porque estava há muito tempo sem andar de carro. Na hora da entrega falaram algumas coisas muito bonitas a nosso respeito. Foi um momento mágico ali, foi gostoso. Você se sentir útil assim, você pode fazer alguma coisa de bom. Você tem capacidade, o fato de se encontrar num lugar desses não poda seus sonhos, suas metas. O que você tiver vontade de fazer, você faz acontecer.

Sua relação com a fotografia mudou depois do concurso?

Sempre falo, quando sair daqui a primeira coisa que eu quero é um presente, é uma máquina fotográfica, porque gosto disso, de fotografar. Aposto que eu vou ter muita coisa para fotografar.

E mudou alguma coisa dentro de você?

Foi uma autorreflexão também, do que eu poderia ter feito da minha vida e não fiz. É lamentável, estou com 35 anos, quer dizer, o tempo já não é tão favorável assim, toda essa situação vivida por mim também. Quando aconteceu isso, pensei: “Puxa, infelizmente tive que fazer um concurso desses dentro de um lugar assim, se tivesse escolhido outro tipo de vida naquele momento eu poderia ter...”. Porque eu caí na cadeia com 19 anos, era uma menina. Poderia ter feito outras escolhas e estou pagando o preço da escolha errada. Penso que poderia ter feito tanta coisa diferente na minha vida. Mas como não se pode voltar atrás... O concurso mostrou que eu ainda tenho uma liberdade de me expressar, mesmo que através da fotografia, uma coisa que eu posso estar fazendo, refazendo... Vou correr atrás. Sei que posso fazer, que tenho capacidade, que não perdi o jeito, não perdi a minha essência, a minha sensibilidade.

Entrevista realizada na Penitenciária Feminina da Capital em junho de 2009

Detalhe do pé de Márcia: “A gente é mulher, tem que ter uma vaidade, tem que ter um cuidado com o corpo”



FOTO: CAROLINA GODEFRID

a gaúcha Jupira, de 49 anos, trabalha há dez no sistema prisional. Educadora, ela agora está no departamento de reintegração social, que dá atendimento a quem sai do sistema e a seus familiares. Sua área busca parcerias que viabilizem a volta dos presos à sociedade e sua inserção no mercado de trabalho.



FOTO: CANDICE JAPIASSU

Como foi sua participação no projeto “O Direito do Olhar”?

Não tive participação direta porque, quando o projeto foi desenvolvido, eu havia saído da Penitenciária Feminina da Capital, onde dava aulas, e estava trabalhando numa penitenciária masculina. Mas fiquei sabendo do projeto por meio das meninas da Fundação Casa (antiga Febem), das penitenciárias femininas e do hospital de custódia. Fiquei sabendo da premiação depois que aconteceu e quis ir ver a exposição no Conjunto Nacional. Ali, pude, mais do que saber, sentir o que era o projeto. Quando trabalhava com as meninas lá dentro, tinha a noção delas enquanto presas. Na exposição, percebi de fato o humano nelas, que talvez não fosse tão perceptível quando eu estava dentro da penitenciária. Era 24 de dezembro, véspera do Natal, e não tinha ninguém no corredor do Conjunto Nacional quando eu cheguei pra ver. Conforme eu caminhava por entre os painéis, reconhecia muito das minhas meninas, com quem eu havia conversado sobre muito daquilo que estava lá, sobretudo sobre arte, poesia, literatura, porque sou professora de literatura. Aquilo me encantou de um jeito, foi de uma grandeza tão grande, me tocou tanto que pela primeira vez senti de fato quem eram aquelas mulheres. De todos os trabalhos que já vi feitos no sistema prisio-

nal, esse foi sem dúvida o mais tocante, porque tocou não apenas o olhar, mas a alma de cada um que participou e de quem teve o privilégio de ver, como eu.

O que você acha desse tipo de projeto?

Esse tipo de projeto mostra quem é o preso, mostra o humano dessas pessoas tão esquecidas e desconsideradas para quem vive fora dos muros, achando que eles não existem. Mostra o quanto essas pessoas são lindas também. Acho que é isso que a gente vê quando tem oportunidade de ver exposições como essa. É ver o outro, se enxergar no outro. E, se enxergando no outro, a gente se vê também. Mais do que tudo, a gente se vê.

Você acha que o projeto mudou alguma coisa na vida das mulheres que participaram?

Tenho certeza que sim. Acho que no momento em que as mulheres são percebidas dessa maneira, não apenas como presas, mas como pessoas com potencialidades que estão apenas escondidas, elas têm oportunidade de colocar isso para fora. Temos grandes talentos escondidos na maioria das unidades prisionais, tanto nas masculinas como nas femininas. Quando elas podem externar isso, não é só uma questão de resgate de autoestima, mas elas se sentem como

de fato são: pessoas. Na maioria das vezes, elas não têm o direito de se sentir pessoas lá dentro. E nesse momento são pessoas de fato, se transformam em cidadãs. Tive oportunidade de falar com algumas delas depois do projeto e o significado disso em suas vidas – de como se sentiram, não só pelo fato de terem sido premiadas, mas de terem feito parte dessa grandeza – mudou toda uma realidade. Muda muito! Dá novas perspectivas, principalmente para quem está há muito tempo reclusa. Se tivessem mais projetos como esse e com continuidade – que não fossem só algo pontual –, talvez essas pessoas, quando voltassem para o nosso convívio, viessem de fato como cidadãs, como pessoas resgatadas.

É qual o impacto do projeto dentro das prisões?

O impacto no ambiente pode parecer pequeno para olhos de fora – “elas estão apenas participando de um concurso” –, mas não é. Quando você consegue estabelecer uma boa relação com os funcionários da unidade, que abra os olhos para enxergar aquele preso de outra forma, dentro da própria unidade prisional há melhoria, as relações se tornam mais respeitadas. Aquele que convive diariamente na maioria das vezes não sabe que existe essa pessoa dentro daquele preso. Na unidade prisional, o preso é apenas preso, e

os funcionários que trabalham com ele depois de um projeto como esse conseguem perceber que por dentro daquela roupa amarela ou branca existe um ser muito maior. A arte não só resgata, ela salva. Quando se consegue perceber a arte como um caminho salvador e o preso como realizador daquela arte, o funcionário passa a respeitar e olhar de um jeito diferente e a tratar aquele preso como de fato ele merece ser tratado: como humano. Então muda a dinâmica lá dentro, sim.

Que tipo de projeto traz os melhores resultados e por quê?

Os projetos que resgatam a sensibilidade para o belo são muito mais efetivos. Os projetos de literatura e de artes têm uma repercussão enorme, dentro e fora da cadeia. Porque a sociedade não sabe quem são os presos. E, se o preso não é mostrado de outra forma, ela vai continuar achando que ele tem que se manter distante dela. E ele faz parte sim. Quando se propicia isso, o preso cresce tanto que o próprio comportamento dele na unidade prisional se modifica. A condição para trabalhar com esse preso, para resgatá-lo, e até mesmo para conseguir disciplina para as regras que são necessárias dentro da unidade prisional são muito mais efetivas. O comportamento dele muda: é solidário, é respeitoso. Eles reconhecem quando a gente dá, quando estão recebendo.



Jupira diante do painel da exposição: “De todos os trabalhos que já vi no sistema prisional, esse foi sem dúvida o mais tocante, porque tocou a alma de cada um que participou”

O que o projeto mudou em você e na sua maneira de trabalhar?

Sempre trabalhei com emoção, tive dificuldades inclusive de separar a emoção da minha prática profissional. Isso não significa envolvimento com o preso, mas não esquecer que aquele que está lá não é preso, está preso – ele não é um ser preso. Sempre me preocupei muito com isso, principalmente porque sou educadora e um educador nunca pode perder essa referência. Quando eu fui ver o projeto, vi esse humano muito mais claro. Foi tão grandioso para mim porque mostrou claramente que tudo que eu havia feito na penitenciária feminina tinha valido a pena. No dia que vi a exposição, percebi que eu tinha que continuar me encantando com meu trabalho, que só valia a pena a prática do meu ofício se eu continuasse a me encantar como eu estava me encantando naquele momento. A exposição resgatou minha esperança, meu encanto, a crença que eu tinha no meu trabalho.



aos 20 anos, Daiane tem um filho de 3 que vive em Peruíbe com ela, a mãe e os irmãos. Ela concluiu o ensino fundamental, mas não conseguiu continuar estudando. Quando aconteceu o concurso “O Direito do Olhar”, era interna no Internato Feminino da Mooca, uma unidade da Fundação Casa (ex-Febem), onde passou dois anos e nove meses.



FOTO: CAROLINA GODEFRID

Como foi que você ficou sabendo do concurso?

Avisaram a gente sobre essa proposta, para quem estivesse a fim, para quem estivesse com vontade, não era obrigado. Achei legal, porque seria uma experiência diferente e porque gosto de aprender coisas novas.

Por que você quis participar?

Como eu estava num lugar que não era muito agradável, o máximo que eu podia aproveitar de lá eu sempre fazia. Quando via coisas que seriam boas para mim, aproveitava.

Por que você escolheu fotografia?

Porque desenho eu tinha na escola. Já sabia que não tinha bom desempenho, não sou muito boa. Fotografia era uma coisa que eu não tinha feito, nunca tinha experimentado.

Você já tinha usado uma máquina fotográfica antes? Como se sentiu ao pegar a máquina e olhar o mundo através dela?

Achei muito gostoso. Você fica um pouco fora da realidade, você some da realidade. Às vezes se desliga um pouco do que está a sua volta para pensar um pouco em você. Na minha opinião, quando está tirando uma foto, você está parando para pensar, para ver o que vai tirar, então tem que parar um pouco para refletir. Aquele momento é

maravilhoso, muito bom, muito gostoso.

Depois dessa experiência você passou a olhar o mundo de forma diferente?

Sim, com certeza. Coisas que às vezes não têm importância para as pessoas, para mim têm. Eu me importo com coisas a que ninguém dá valor. Coisas mínimas...

Como foi o concurso lá na unidade?

Deram para a gente uma câmera descartável, não muito grande. Se não me engano tinha 36 fotos. Como a gente não podia ficar sempre com a câmera, toda vez que a gente queria tirar foto tinha que pedir para o monitor. Não precisava tirar tudo num dia só. Tinha que pegar, pensar; não era uma brincadeira, a gente estava fazendo uma coisa séria. Primeiro, a gente pesquisava o que ia tirar.

Como foi sua pesquisa? Como foi o processo de escolher o que queria fotografar?

Comecei a olhar em volta, olhar alguma coisa que chamasse minha atenção... Depois, pegava a câmera, via, pensava se ia ficar legal... Tirei de umas coisas assim mais doidas, se não me engano, de um canto da quadra, tinha umas escadas, num cantinho, uma coisa pequenininha, eu fui lá e tirei. Mas uma coisa que achei legal foi que uma menina que também



Uma das fotos de Daiane:
 “Para poder fazer uma arte, você tem que ter liberdade. Tem que ter uma liberdade por dentro da pessoa que está ali expressando sua arte”

{DAIANE REIS DE FRANÇA * menção honrosa em fotografia}

chamava Daiane falou: “Ah, não sei como eu vou tirar”, mas ela me deu uma ideia, daí eu comecei a assinar a ideia dela, comecei a colocar minha ideia em cima da dela, foi uma coisa muito legal. A gente juntou as meninas, fez um círculo, tinha aquelas meninas com cabelo bem comprido, a gente juntou, eu fiquei embaixo delas e elas lá com o cabelo todo jogado. Aquilo lá ficou muito legal.

Como era? Aparecia seu rosto?

Não, não aparecia meu rosto. Só apareciam as cores dos cabelos sob o sol. Uma imagem muito legal. Aquela imagem foi a de que mais gostei, do jogo de cores.

Depois da sua experiência, sua relação com fotografia e outras formas de arte mudou?

Eu queria continuar a fazer, me desempenhando mais, me esforçando, mas desisti, desanimei...

Você acha que esse tipo de projeto pode ajudar quem está em medida socioeducativa?

Sim, porque pelo menos é uma coisa que ajuda a pensar um pouco. Acho muito legal. Acho que tudo que ajude a esquecer um pouco o que você fez, esquecer a vida de fora, acho que é a melhor coisa que tem, porque quando você está lá tem que esquecer um pouco lá fora, tem que pensar o que vai fazer ali, o que vai aproveitar.

Mudou alguma coisa dentro de você?

Mudou, mudou, mudou. Mudou muito. Meu jeito de pensar, meu jeito de agir, até de falar, mudou bastante. Quando você está lá, nos primeiros dias, está do mesmo jeito. Tinha um exame que dizia que sou agressiva, ignorante. Depois, conforme você começa a ter uma oportunidade... Vocês deram uma oportunidade de a gente fotografar, pesquisar, raciocinando o que ia fazer... Ali a gente já modifica um pouco.

Você acha que tem alguma relação entre arte e liberdade?

Acho que os dois têm tudo a ver. Para poder fazer uma arte, você tem que ter liberdade. É difícil fazer uma arte se você está ali, preso. Tem que ter uma liberdade, mas não só a liberdade... Tem que ter uma liberdade por dentro, por dentro da pessoa mesmo, que está ali expressando a sua arte.

A arte de alguma forma traz a liberdade mesmo dentro da unidade?

Traz porque você se imagina naquilo, começa a imaginar lugares... Está fotografando uma caixinha de vidro e imagina que está num paraíso, numa praia, fazendo uma coisa boa.



nascida no interior de São Paulo, L.B. tem 28 anos e um filho de 8. Já esteve presa por cerca de nove anos. Agora, está na Penitenciária Feminina da Capital, mas quando o concurso aconteceu cumpria pena em regime semiaberto, na Penitenciária Feminina do Butantã.



FOTO: CANDICE JAPIASSU

Você se lembra de como ficou sabendo do concurso?

Eu trabalhava na educação. É como uma escola, tudo que acontece de bom dentro da cadeia passa por ali. Fui trabalhar lá para fazer a lista das cartas. Aí me falaram que ia ter um concurso de “Reescrevendo o Futuro” e, em seguida, esse “O Direito do Olhar”. Achei que era o mesmo. Aí, fiz uma prosa no “Reescrevendo o Futuro” e participei do concurso de prosa. No “O Direito do Olhar”, fiz desenho.

Por que você escolheu desenho?

Porque gosto de desenhar. Eu já catava fotos de pessoas de que eu gostava e sentia saudades e ficava tirando desenho em casa. Desde criança eu fazia aqueles bonequinhos com pauzinhos, bracinhos, perninhas e estava bom.

De onde você acha que vem esse gosto?

Acho que é porque preciso me libertar de algo, pôr para fora algo que eu não sei falar. Igual aqui, se estivesse desenhando, acho que ia me sair melhor do que falando. É difícil para me expressar. Sei me expor mais desenhando ou escrevendo. Na comarca, na penitenciária, eu desenhava para vender. Tinha um caderno de desenho. As pessoas escolhiam os desenhos, eu fazia e vendia para elas – as companheiras que estavam no presídio.

Que tipo de desenho você fazia?

Coração, rosto do filho, da filha, da mãe, do marido, cachorro, ursinho, tribal, de homem, tatuagem...

Como foi a oficina de desenho?

O que ensinaram?

Falaram que é sempre bom ter margem, colocar margem para fazer o desenho, e que o desenho mais diferente ganhava. Aí eu fiquei com isso na minha cabeça: se fizer um desenho diferente, é capaz que aconteça um milagre e eu ganhe. Não esqueço disso. Ensinaram bastante mesmo e tinha bastante gente.

Você acha que o concurso mudou a rotina?

Teve uma esperança que cada uma sentiu ali. Na época em que o concurso aconteceu, lá no Butantã, quebrou aquele clima de cadeia. Mesmo sendo semiaberto, aquilo é uma cadeia. Mas quebrou um pouco do clima, porque as minas estavam se fotografando, estavam concentradas e fazendo poesia e tirando tudo quanto é tipo de foto. Elas estavam entretidas. Eu tinha uma amiga que considerava como irmã, a Flávia; ela participou também do concurso, e ela estava ali tirando a foto e falando: “Ó, eu sou uma fotógrafa famosa!”.

Depois da oficina, você recebeu material?

Deram tudo: a folha, o papel profissional, não foi só uma (se a gente errasse, poderia ter mais ali para usar), o giz, lápis profissional, tudo profissional. E um envelope para pôr o desenho dentro na hora em que estivesse pronto.

Você fez vários desenhos?

Não, só um. Eu só fiz esse e já entreguei. As outras folhas eu guardei, os lápis, guardei tudo, e entreguei.

Você recebeu o material e teve 15 dias para pensar e fazer algumas opções de desenho. Por que fez só um e no último dia?

Funciono mais em cima da hora. Quando estava quase na hora de entregar, a dona Edna, uma das diretoras da escola, falou: “Você já fez seu desenho?”. Saí correndo, faltando 20 minutos, meia hora, para eles chegarem para pegar o desenho. Subi no quarto andar, catei o material, desci e fui na cela de uma amiga, a Gamboa, e perguntei para ela o que eu fazia. Ela participou desse concurso de desenho também e ganhou também. Ela falou: “Faz uma paisagem, uma fruta”, mas falei que não sabia fazer e ela disse “então faz uma cachoeira”. Ela estava fazendo um crochêzinho e eu perguntei: “Você vai ficar assim por muito tempo? Posso fazer você?”. Aí,

desenhei ela, pus dentro do envelope, levei lá correndo e entreguei.

Qual era a sua sensação quando sentou para desenhar?

Lembrei muito do Leonardo Di Caprio naquele filme Titanic: ele desenhando aquela moça lá só com o colar e tal. Fui lembrando e desenhando.

Como você fez o desenho?

Fui olhando e desenhando. Usei lápis de cor e lápis de desenho.

Como você soube que tinha ganhado?

A diretora me chamou e disse: “Você participou do concurso ‘O Direito do Olhar’ e ganhou em terceiro lugar”. Comecei a dar risada, achei que ela estava brincando. Ela falou que o prêmio seria um curso de desenho à distância pelo Instituto Universal Brasileiro. Adorei! Eu ria, ria muito e não estava acreditando. Ela teve que me mostrar no papel, meu nome estava escrito lá. Foi uma sensação boa, já saí contando para Deus e o mundo. Na hora em que virei a escada, pus o joelho no chão e agradei a Deus.

E a premiação, como foi?

Passou um tempo, saí do Butantã e voltei para a Penitenciária Feminina da Capital. Um dia, eu



FOTO: CANDICE JAPASSU

L.B. fez apenas um desenho: “Lembrei do Leonardo Di Caprio naquele filme Titanic, desenhando aquela moça... Fui lembrando e desenhando”

estava lá e a diretora disse que a gente ia receber a premiação naquele dia, e que tinha um tempo para se trocar. Aí me troquei, me arrumei, coloquei um jaleco amarelo, blusa, calça amarela. Chegou lá e tinha um monte de gente também, um monte de meninas que tinham ganhado. Na hora em que entrei, vi um banner enorme com o desenho que eu tinha desenhado, escrito “O Direito do Olhar”; pensei: “Puxa, ganhei mesmo!”. Naquela hora ali eu acreditei que tinha ganhado. Depois, uma amiga minha saiu da prisão e contou que estava exposto nos fóruns, que ela acessou a internet e viu os desenhos. Ela tinha participado de fotografia. Aquilo tudo me enchia de esperança, nossa, eu consegui fazer algo de bom!

Qual foi a sensação de ver seu desenho exposto, com as pessoas olhando?

Foi muito bom, essa é a parte boa. A parte ruim é que nós fomos vestidas de... Nós todas estávamos presas, né? Essa é a parte ruim, mas que tem um lado bom de mostrar algo para o mundo, que talvez sirva para abrir a mente do mundo. Na premiação, eu estava de jaleco amarelo, me senti um pouco mal com isso, mas na hora de subir lá para receber a plaquinha, que bom que foi! Perguntaram se eu queria fazer algum discurso, aí eu falei algumas palavras, nem lembro. O povo todo começou a rir, morri de vergonha. Saí até na revista.

O que você falou?

Primeiramente agradeço a Deus e a vocês, por estarem nos dando oportunidade de fazer essa arte, mais uma arte. Fechou. Aí saí. Porque é verdade, né? Querendo ou não, nós somos artistas. Eu sou artista. Desde criancinha, acho que já cresci sendo artista. Fazia umas artes meio extraviadas, ficava até de joelhos no milho, de castigo atrás da porta, mas... Hoje estou ciente de que eu sou e quero ser uma artista. Mas eu quero ser de verdade.

Você acha que a arte tem relação com a liberdade?

Bastante. Tem um curso de teatro aqui. Quando estou lá, dá uma sensação tão boa de expor, de saber que sou alguém, que sirvo para fazer algo, não só de ruim, mas de bom também. O teatro é uma arte também. E eu me sinto livre. Livre de tudo. Até de algo ruim que possa vir na minha cabeça, que já aconteceu na minha vida, naquele momento eu sei que posso superar tudo isso e viver uma vida normal. Só que para mim é suspeito falar disso aqui dentro agora. Para mim vai ser mais fácil falar daqui uns dez anos, e ter parado mesmo. Porque é difícil.



andréia Simões Gomes tem 34 anos e está há oito no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico em Franco da Rocha. Nascida em Garça, no interior de São Paulo, ela cursou até a 6ª série do ensino fundamental e hoje procura conquistar sua liberdade aos poucos, “para ter um aprendizado que leve a qualquer lugar que eu possa ir”.



FOTO: CAROLINA GODEFRID

O que você mais gosta de fazer?

O que eu mais gosto de fazer é escrever e ler.

Desde pequena?

Eu já nasci assim, tendo o dom da poesia. Sempre procurei conhecer vários poetas e procurei me envolver com cada um deles e adquirir neles também força para poder ter poesia. Só que as poesias vêm já de nascença. Quando eu tinha 12 anos, fiz a primeira poesia, uma poesia sobre a natureza.

Alguém da sua família ou algum amigo incentivou você? Como você teve contato com isso?

Quando eu era mais nova, estudava numa escola e sempre procurava ler os livros de poesia. Com o passar do tempo, fui procurando falar poesia, e saía de dentro de mim. As poesias foram se criando dentro de mim e fui percebendo que eu estava sendo um verdadeiro poeta nas poesias. Cresci adquirindo as poesias, a minha finada avó falava para mim que eu vivia escrevendo e falando poesia. Que um dia eu ia chegar aonde eu ia chegar. Mas até agora eu não consegui alcançar nenhum objetivo.

E você guardava suas poesias?

Sabe como eu fazia? Eu falava tudo na hora. Eu gosto de falar tudo na hora. Às vezes eu guardo, mas quando estou muito triste, escrevo, leio e passo para algumas pessoas.

Você se lembra de quando abriram as inscrições para o concurso “O Direito do Olhar”?

Lembro. Perguntaram se eu tinha vontade de participar do prêmio do IDDD, de poesia. Achei que nunca ia ganhar... Me disseram: “basta acreditar em você”. Aí eu passei um dia inteiro fazendo uma poesia, de quatro páginas, quatro folhas. E quando chegaram em mim e falaram “você ganhou a poesia”, eu não acreditei. Não acredito porque até hoje eu nunca ganhei nada. Sempre procurei buscar algumas coisas...

Você se lembra da oficina que aconteceu aqui?

Lembro. Tinha um cara que era poeta [o escritor Hermes de Sousa]... Então, aí eu cheguei nele e falei “você é um cara que é um verdadeiro poeta”, é que nem a música da Cássia Eller, “eu sou poeta e não aprendi amar”. É isso que eu vivo. Eu vivo em torno da minha poesia. Mas amar mesmo, amo só o que faço. Amo meu serviço, eu trabalho.

Em que você trabalha?

Faço faxina.

Como foi a criação de seu poema? Como foi a sua inspiração?

Ah, a minha inspiração foi quando eu levantei, tomei um banho e sentei lá fora, longe de todo mundo. Fiquei pensando assim: “hoje é o dia de eu

fazer uma poesia, que vai ter muita utilidade para mim”. Então vou buscar no íntimo do meu ego uma poesia que faça eu ser lembrada e reconhecida por todos. Aí, como eu não tenho amigos, falei: vou escrever “Procura-se um amigo”.

Era isso que você estava sentindo?

É. Eu sinto muita falta de ter um amigo, para desabafar, para conversar, para adquirir muitas coisas, ser uma pessoa que possa conhecer o outro, falar, aquela pessoa naturalmente sábia entre milhares de pessoas.

Quando você ficou sabendo que ganhou?

A Joelma (??CHECAR NOME COMPLETO) me chamou e falou: “você conseguiu ganhar a poesia”. Na hora eu não acreditei e falei: “você está de brincadeira comigo, você acha que eu vou ganhar aquela poesia que está concorrendo? Junto com um monte de cadeia você acha que todo mundo vai ganhar?” Mas ela falou “você conseguiu ganhar”.

O que você sentiu?

Eu me senti uma pessoa muito elogiada.

Como foi o dia da premiação?

Você saiu daqui? Você se lembra?

Quando eu saí daqui, cheguei lá, na hora que me chamaram, aí eu falei assim: “nossa, será que eu

levanto para ir lá ou será que eu fico sentada?”

Você ficou na dúvida?

É. Para ir lá pegar o prêmio. Será que eu levanto, será que fico sentada? Aí tinha umas meninas de outra cadeia sentando perto de nós e falaram: “vocês são presas?”. Eu falei: “nós somos”. Aí ela falou: “por que vocês vêm com roupa comum e nós de uniforme?”.

Você acha que esse tipo de concurso ajuda no cumprimento da pena?

Como você acha que isso muda a rotina?

Eu acho que ajuda, porque, se for ver bem, se você estiver participando de uma coisa que vai melhorar você daqui para a frente, tudo é bom. Você passa a criar coisas que possa no futuro ver que você sempre fez ali no ontem, e fazendo sempre o melhor do amanhã. Então eu procuro fazer o melhor no ontem, no hoje e no amanhã. Não dei uma falha com ninguém. E se eu falhei, todo mundo tem direito de cair e de levantar. Se eu errei alguma vez, eu redimo meu erro, mas eu também tenho o direito de levantar e progredir com a minha independência. A minha dependência foi usar droga e vender e, quando eu usei muita droga, eu vivia fazendo poesia. Viver a poesia e falar dela. Sentir e falar. É isso que eu tenho. E eu ainda vou conseguir lançar um livro da minha própria estrutura de poesia.



FOTO: CAROLINA GODEFROID

Andréia fez a poesia “Procura-se um Amigo”: “Sinto muita falta de ter um amigo, para desabafar, para conversar, para adquirir muitas coisas, ser uma pessoa que possa conhecer o outro”

Você está registrando algumas das poesias que faz?

Por enquanto não. Por enquanto eu estou só... Como que fala? Estou só aprendendo a localizar cada uma em seu devido lugar. De uma forma ou de outra. De um jeito num dia, de um jeito em outro. E espero que um dia eu possa também estar passando isso para o meu filho.

Você tem um filho?

Tenho, de 13 anos. Ele falou que quer ser poeta como eu. Escreve poesia e eu quero que ele seja que nem eu. Um verdadeiro poeta.

Como foi depois da premiação?

Eu me senti a pessoa mais feliz do mundo, de saber que eu tinha ocupado um espaço em algum lugar. E me sentiria mais feliz ainda se eu tivesse conquistado em vários lugares.

Quando você viu sua poesia exposta no dia da premiação, o que você sentiu?

Ah, eu me senti muito comovida. Ainda saí numa revista... Saiu uma coisa assim numa revista, falando de como eu estava sorridente, brincalhona... E como eu encarava tudo. Mas a gente tem que aprender uma coisa. Se a gente quer aprender a ter valorização, tem que aprender a sabedoria, a personalidade, o caráter e a responsabilidade. Nunca procurei ser mais que ninguém, sempre procu-

rei ser eu mesma, e nesse ser eu mesma eu aprendi uma coisa: a lidar com a situação. Nunca querer as coisas ao mesmo tempo, na mesma hora.

Existe alguma relação entre arte e liberdade?

Eu acho que existe. Acho que a arte desvenda para nós várias formas de se conquistar. A arte tem um procedimento de coisas que você possa fazer, apreciar e rever a cada dia, que você possa ver aquilo ali.

E por que você acha que isso tem a ver com liberdade?

Porque a liberdade também faz parte da arte. Como você vai ser livre e não ter uma arte para se manter? Para se manter eu não digo assim de fome, essas coisas, para se manter nas aparências, manter nos procedimentos, no diálogo e acreditando que você possa conquistar a liberdade aos poucos. Vai fazer quase oito anos que estou aqui, já falei, mas vou aprendendo cada dia mais e vou evoluindo o meu trabalho, meu comportamento...

A poesia ajuda você a passar seus dias aqui?

A poesia ajuda muito a criar autoestima, me faz ser mais eu. Acreditar que um dia eu possa ser um verdadeiro poeta, como vários que eu já conheci. A poesia é ensinamento e um caminho de vida.

Entrevista realizada no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Franco da Rocha em setembro de 2009



{MÁRCIO THOMAZ BASTOS * *advogado*}

SILÊNCIO... FOI O QUE SE OUVIU EM MINHA SALA QUANDO TERMINEI de apreciar o livro denominado “O Direito do Olhar – Publicar para Replicar”, que vem a público, por iniciativa do Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD), e que foi idealizado após a produção de um concurso cultural de mesmo nome, realizado com as detentas, crianças, adolescentes e guardas do sistema prisional paulista, no ano de 2005. Perdi-me no branco colorido da tela, questionando-me se haveria o que escrever sobre o que acabara de ver, de ler e de sentir. O desafio, apesar dos meus mais de 52 anos de advocacia criminal, era muito maior do que

imaginara; talvez dos maiores de toda a minha vida profissional.

Voei com as imagens e as palavras do livro na retina. À mente veio a lembrança de que, há quase dez anos, sonháramos eu e uns amigos uma entidade que apresentasse à sociedade o ideário da defesa do direito de defesa, certos de que a nossa jovem democracia punha-se em risco ao abrir espaço a discurso marcado por exagero punitivo e baseado na separação da sociedade em “bons” e “maus”, “cidadão ordeiro” que se contrapõe ao “inimigo” que dele é essencialmente diferente (pelo menos assim estes sentem). Ouviam-se brados por diminuição de oportunidades à defesa dos acusados e por tratamento cada vez mais rigoroso ao condenado, como se fóruns criminais atolados de processos e cadeias abarrotadas de pessoas a quem se negam condições dignas fossem transformar o Brasil num lugar melhor para se viver e conviver. Nascia, assim, o Instituto de Defesa do Direito de Defesa.

Seguiu-se à eloquência daquele ensurdecido silêncio e à lembrança da gênese do IDDD a percepção inquietante de que este livro apresenta diversas formas de arte saída das entranhas de mulheres e meninas carimbadas pela dicção punitiva como “más”, mas que, como se constata nas páginas antecedentes, jamais perderam sua humanidade, embora submetidas, sem perdão, à desumanização do cárcere.

São obras que, para a inquietação de muitos, não permitem sofismas: suas autoras presas são como nossas mães, irmãs, esposas e filhas, a comprovar que não se distinguem as “boas” mulheres e meninas das “más”, senão no cego discurso preconceituoso. Na alma, todas elas (brancas ou negras, ricas ou pobres, presas ou em liberdade) são iguais. Não há diferença, exceto nos olhos daqueles que não têm sentimento, ou coragem, para ver e sentir o latente. São elas, simplesmente, pessoas humanas, sem adjetivos. Por terem histórias marcadas pelas vicissitudes da vida, gozam de diferentes níveis de liberdade, mas suas essências são exatamente as mesmas das outras mulheres, as mesmas também, diga-se, dos homens, encarcerados ou não.

O IDDD cumpriu sua missão com a sutileza que qualifica as obras primas: depois de “O Direito do Olhar”, não há como falar em “inimigos da sociedade” a quem “os cidadãos ordeiros” pretendam reservar especial rigor punitivo, já que somos iguais na essência; não há como bradar por “direitos humanos para humanos direitos”, porque os direitos humanos são para todos os seres humanos, e ponto.

Afinal, impossível ignorar, depois de saborear “O Direito do Olhar – Publicar para Replicar”, que o que nos une é a nossa humanidade, aquela que brota da alma e, concedida oportunidade, se externa pela arte.

Aqui se retratou, a cada folha, uma ideia que tem alma bela. Para que ela não fique aprisionada nestas páginas, façamo-nos mensageiros, replicando-a.

Márcio Thomaz Bastos, advogado criminal. Foi ministro de Estado da Justiça (2003/2007), ex-presidente do Conselho Federal (1987/1989) e da seccional paulista da Ordem dos Advogados do Brasil (1983/1985) e primeiro presidente do Instituto de Defesa do Direito de Defesa (2000/2002).

IDDD – INSTITUTO DE DEFESA DO DIREITO DE DEFESA
DIRETORIA (2008/2010)

Presidente Flávia Rahal Bresser Pereira
Vice-Presidente Roberto Soares Garcia
Diretor Jurídico Andre Pires de Andrade Kehdi
Diretor Administrativo Guilherme Madi Rezende
Diretor Cultural Luís Guilherme Vieira
Diretora Editorial Marina Dias
Diretor Tesoureiro Fábio Tofic Simantob
Dir. de Captação de Recursos Isadora Fingeremann
Diretor de Estudos Odel Mikael Jean Antun
Diretor do Site Ricardo Berenguer
Assessor da Presidência Augusto de Arruda Botelho Neto

CONSELHO DELIBERATIVO
(2008/2010)

Presidente
Arnaldo Malheiros Filho
Vice-Presidente
Luiz Fernando Sá e Souza Pacheco

Dora Cavalcanti Cordani
Fábio de Campos Lilla
José Carlos Dias
Leônidas Ribeiro Scholz
Márcio Thomaz Bastos
Salo de Carvalho
Sônia Cochrane Ráo

Coordenação Geral
Luciana Zaffalon Leme Cardoso

VIDEO DVD “O DIREITO DO OLHAR”

Direção e Roteiro Ivo Branco
Produção Diogo Martins
Câmera e fotografia Bruno Santos e Elton Santana
Assistência Edson Santos
Edição e Finalização Raphael Bicesto
Direção de arte Carolina Godefroid
Autoração Eduardo Yamamoto
Coordenação Rafael Matos
Realização Produtora Social Novolhar Comunica

CONCURSO “O DIREITO DO OLHAR”

Idealização e organização: Dora Cavalcanti Cordani
Luciana Zaffalon Leme Cardoso
Luís Guilherme Vieira

Seleção das participantes: Beatriz Puccini
Esmeralda Ortiz
Luciana Zaffalon Leme Cardoso

OFICINAS

Literatura: Hermes de Sousa e Luiz Mendes
Desenho: Ana Maria Rocha Araújo, Andréa Bivar Correia, Ariane Montoro, Bárbara Alves Trugeillo, Celso Murilo Bombonati Araújo Silva, Dimas Volpato, Fernanda Saguas Presas, Gabriela Soares Freire, Lia Roitburd, Mathiza Cirilo, Paulo Roberto Batista, Ricardo Fernandes Costa, Tarsila de Oliveira, Portela, Vinicius Mendes, Wagner Viana, Walter dos Santos Pereira
Fotografia: Fernando Megale

JURADOS

Literatura: Antonio Carlos Prado, Drauzio Varella, Marilene Felinto, Marina Amaral
Desenho: Daniele Camargo, Noélia Coutinho, Ricardo Ohtake,
Fotografia: Ana Ottoni, Eduardo Muylaert, Iatã Cannabrava, Juan Esteves, Paulo Santiago

CO-PATROCINADORES

Advocacia Mariz de Oliveira, Alexandre Wunderlich & Salo de Carvalho Advocacia Criminal, Almeida Castro Advogados Associados, Alves de Oliveira d Salles Vanni Advogados Associados, Berenguer e Vilutis Advogados, Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, Dias, Carvalho Filho e Furrier Advogados, Fundação Conrado Wessel, J. N. Miranda Coutinho & Advogados, Luís Guilherme Vieira Advogados Associados, Malheiros Filho, Camargo Lima e Rahal Advogados, Marcello Cerqueira Podval, Rizzo, Mandel, Atun & Advogados Associados, Ráo, Cavalcanti & Pacheco Advogados, Sinigallia e Moreira Lopes Advogados S/C

AGRADECIMENTOS

Alexandra Borba, Ana Florence, Associação Cidade Escola Aprendiz, Berenice Maria Giannella, Bruno Caetano, Camila Turtelli, Candice Japiassu, Carol Mariano Pereira, Carta Capital, Casa Dois Editora, Condomínio Conjunto Nacional, Daniel Boesel, Daniela Opice, Direção do Fórum Criminal Ministro Mário Guimarães, ECAQ – Espaço de Cultura Alternativa Quadrado, Eduardo Carlos Robert Leme Cardoso, Fábio Flaksberg, Fundação Casa (ex- Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Estado de São Paulo), Galeria Baró Cruz, Grupo de Estudos e Trabalhos - Mulheres Encarceradas, Iatã Cannabrava, Instituto Tomie Ohtake, Labtec – Laboratório Foto Digital, Leona Cavalli, Ludmila Vasconcelos, Marcela Moreira Lopes, Marcus Miranda, Maria Aparecida Tonet, Maria do Carmo Zaffalon Leme Cardoso, Mattos Filho, Veiga Filho, Marrey Jr. e Quiroga Advogados, Mauricio Dias, Metrô de São Paulo, Nagashi Furukawa, NUA – Associação Nova União da Arte, Projeto Portinari, Revista Caros Amigos, Ricardo Penteado, Rita Palon, Samuel de Oliveira Junior, Seccional da OAB/SP de Jundiaí, Seccional da OAB/SP de São Bernardo do Campo, Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, Sônia Cochrane Ráo, Talita Virginia, Villemor Amaral Advogados, Vitória Arruda, Vivian Perez



MÚSICAS GENTILMENTE CEDIDAS

A Paz
Gilberto Gil e João Donato



Dance Crab e Tacaruna
João Parahyba



Ela e Realce
Gilberto Gil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Direito do Olhar : publicar para replicar. --
São Paulo : Instituto de Defesa do Direito de
Defesa, 2009.

Vários autores.

1. Arte - São Paulo (SP) 2. Cultura - São Paulo
(SP) 3. Mulheres prisioneiras - São Paulo (SP)
4. Mulheres prisioneiras - São Paulo (SP) -
Concursos 5. Projeto O Direito do Olhar.

09-11791

CDD-709.8161

Índices para catálogo sistemático:

1. Projeto O Direito do Olhar : Mulheres
prisioneiras : Concursos : Arte e cultura
709.8161



PETROBRAS

Ministério
da Cultura

